

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESIGN**

**MESTRADO EM DESIGN**

**Dissertação de mestrado**

**RAFAEL RICARTE DE SOUZA**

**DESIGN PARTICIPATIVO COM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS:  
Métodos para produção de representações simbólicas.**

São Luís – MA  
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESIGN

MESTRADO EM DESIGN

Dissertação de Mestrado

RAFAEL RICARTE DE SOUZA

DESIGN PARTICIPATIVO COM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS:  
Métodos para produção de representações simbólicas.

São Luís – MA  
2020

RAFAEL RICARTE DE SOUZA

**DESIGN PARTICIPATIVO COM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS:  
Métodos para produção de representações simbólicas.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Design. Área de concentração: Design de Produtos. Linha de Pesquisa: Design: Informação e Comunicação. Orientadora, Profa. Dra.: Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi.

São Luis – MA  
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ricarte de Souza, Rafael.

Design participativo com usuários transgêneros :  
métodos para produção de representações simbólicas /  
Rafael Ricarte de Souza. - 2020.

108 p.

Orientador(a): Ana Lúcia Alexandre de Oliveira  
Zandomeneghi.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Design/ccet, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,  
2020.

1. Design participativo. 2. Metodologia  
participativa. 3. Transgêneros. I. de Oliveira  
Zandomeneghi, Ana Lúcia Alexandre. II. Título.



RAFAEL RICARTE DE SOUZA<sup>1</sup>

**DESIGN PARTICIPATIVO COM USUÁRIOS TRANSGÊNEROS:  
Métodos para produção de representações simbólicas.**

Aprovada em: \_11\_ / \_12\_ / 2020\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. ANA LÚCIA ALEXANDRE DE OLIVEIRA ZANDOMENEGHI  
(ORIENTADORA)  
Pós Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profa. Dra. RAQUEL GOMES NORONHA  
Doutora em Antropologia  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profa. Dra. IVANA MARCIA MAIA  
Doutora em Engenharia Mecânica  
Instituto Federal do Maranhão - IFMA

---

Profa. Dra. ELIANA L. FORMIGA  
Doutora em Design  
Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

---

<sup>1</sup> Bolsista Fapema

## AGRADECIMENTOS

Foram momentos em que me perdi e me encontrei muitas vezes. Perder-se não é tão angustiante quanto parece. Perder-se é, também, desbravar um infinito desconhecido. Perder-se é tão importante quanto se encontrar. E é nesse encontrar, que me deparei com companhias infinitamente encantadoras. Encontrei-me no outro. Nos outros. Identifiquei-me.

Estive na presença de pessoas fantásticas, que em alguns momentos foram, e ainda são, minhas maiores inspirações. Foram vocês que fizeram essa caminhada linda e menos dolorida.

Meus mais sinceros agradecimentos: Ana Lúcia (pelas incansáveis horas de conversa, trocas e risadas), Élide (Bel, minha *soulmate* desta e de outras vidas - desconheço força maior daquela que vejo em ti), André (as mais precisas pontuações, te admiro meu amigo), Carol Pedraça (a risada que mais me contagia, uma amizade que veio fácil, te amo Carol) Carol Costa (a amiga que tá sempre pronta - obrigado por ser tão presente, Carol), Márcio Lima, (Marcinho foi o primeiro amigo do PPGDG.), Railde (a flor mais linda que me deu dicas valiosas sobre o programa), Alex (meu artista, amigo e professor que me deu apoio desde o começo dessa caminhada). Professoras Cássia, Livia e Rosane, que ajudaram a lapidar minha pesquisa e a mim enquanto mestrando. Professor Diniz, pela presença forte e inspiradora, por tamanho conhecimento compartilhado. Professor Márcio Carneiro, pela simpatia e disponibilidade de sempre. Professora Raquel por toda a disponibilidade para ajudar e todo o conhecimento compartilhado. Professor Wener por toda disponibilidade e apoio durante o programa. Agradeço as Professoras Ivana Maia e Eliana Formiga por toda gentileza e prontidão para participar da banca.

Agradeço aos amigos de longas datas e aos novos amigos: Flávia Moraes, quem me cedeu todos os resumos para participar do seletivo e quem compartilha todas as tretas comigo. Ao Dariel que me ajudou imensamente digitalizando todos esses desenhos lindos. A Nelita, que sempre da 'aquela mão' quando mais preciso. A Dávila, que me ajudou buscando a participação de pessoas encantadoras para desenvolvermos essa pesquisa. Ao Jean que igualmente me ajudou a buscar pessoas para participar. Agradeço ao Fábio, meu companheiro, que me oferece suporte, além de ser o meu melhor crítico. Agradeço a todas as pessoas trans que ajudaram a tornar essa pesquisa real. Ao Vince – *une boule de poils* – que com sua companhia, alivia minhas dores. E finalmente, aos meus queridos pais: D. Dete e Sr. Tião - espero que esse trabalho encontre e *transforme* vocês, como me encontrou e transformou.

Merci!

Rafael R.

*"consagro a Vênus este espelho,  
pois não desejo ver-me tal qual  
sou, e já não posso ver-me tal qual  
era"*

O Nascimento de Vênus.

## **Resumo**

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver e reidentificar representações simbólicas do corpo de pessoas transgêneras a partir de um processo participativo de design com usuários transgêneros. Para tanto, busca sistematizar e articular ferramentas, métodos e técnicas em um processo participativo com pessoas trans a partir de sua compreensão do corpo transgênero, enquanto sujeitos capazes de idealizar, expressar e representar a si mesmo. Esta pesquisa é exploratória quanto aos fins e um estudo de caso quanto aos procedimentos. Como instrumento de pesquisa bibliográfica, adota a revisão sistemática e assistemática na literatura a fim de compor substrato teórico para a pesquisa, bem como identificar lacunas e tensões sobre os eixos: design gráfico, design participativo e usuários transgêneros. No estudo de caso, evidenciou a inadequação entre as ilustrações do álbum seriado cisgênero em relação a realidade do grupo terapêutico do Hospital Universitário Materno Infantil, em São Luis, Maranhão. Durante a investigação em campo, utilizou métodos oriundos do ergodesign participativo no intuito de produzir e reidentificar representações simbólicas durante duas sessões de *workshop*, realizadas fora do recorte do hospital. O capítulo teórico reflete sobre a prática do design participativo em contraste com abordagens metodológicas, as quais restringem a atuação do usuário. Com os levantamentos, percebe-se uma grande carência de estudos na área bem como um campo fértil para produção de pesquisa. Como resultados, apresenta um conjunto de representações simbólicas elaboradas e validadas pelo grupo de usuários transgêneros, que nos oferecem saídas e proposições para desenvolvimento de produtos e/ou de outras pesquisas.

**Palavras-chave:** Design participativo, metodologia participativa, transgêneros.

## **Abstract**

*This research aims to develop and re-identify symbolic representations of the body of transgender people from a participatory design process with transgender users. Therefore, it seeks to systematize and articulate tools, methods and techniques in a participatory process with trans people from their understanding of the transgender body, as subjects capable of idealizing, expressing and representing themselves. This research is exploratory as to the purposes and a case study as to the procedures. As a tool for bibliographic research, it adopts systematic and unsystematic literature review in order to compose theoretical substrate for research, as well as to identify gaps and tensions on the axes: graphic design, participatory design and transgender users. In the case study, it evidenced the inadequacy between the illustrations of the cisgender serial album in relation to the reality of the therapeutic group of the Hospital Universitário Materno Infantil, in São Luis, Maranhão. During the field investigation, he used methods from participatory ergodesign in order to produce and re-identify symbolic representations during two workshop sessions, held outside the hospital section. The theoretical chapter reflects on the practice of participatory design in contrast to methodological approaches, which restrict the user's performance. With the surveys, there is a great lack of studies in the area as well as a fertile field for research production. As a result, it presents a set of symbolic representations elaborated and validated by the group of transgender users, who offer us solutions and proposals for product development and / or other research.*

**Keywords:** *Participatory Design, participatory methodology, transgenders.*

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro 01: Descritores da RSL.....	21
Quadro 02: Conjunto de Consideração Inicial – Base SciELO.....	22
Quadro 03: Síntese dos resultados na base CAPES.....	25
Quadro 04: Síntese dos resultados na base CAPES.....	27
Quadro 05: Síntese dos resultados na base CAPES - espanhol.....	28
Quadro 06: Síntese dos resultados na base CAPES – francês.....	30
Quadro 07: Síntese dos resultados na base SciELO – português.....	30
Quadro 08: Síntese dos resultados na base Web Of Science – inglês.....	31
Quadro 09: Descritores da RSL no PDC.....	40
Quadro 10: Conjunto de consideração inicial no PDC.....	40
Quadro 11: Métodos, ferramentas e técnicas.....	50
Quadro 12: Percorso metodológico.....	66

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Álbum seriado cisgênero.....	10
Figura 02: Modelo de Comunicação – Processamento Humano de Informação.....	14
Figura 03: Visão geral do método.....	17
Figura 04: Conjunto de Consideração Inicial – Base Web Of Science.....	23
Figura 05: Conjunto de Consideração Inicial – Base CAPES.....	24
Figura 06: Escada virtuosa do design e do desenvolvimento.....	37
Figura 07: Tabela síntese.....	44
Figura 08: Abacate e camadas.....	55
Figura 09: Classificação da pesquisa.....	60
Figura 10: Método de produção.....	63
Figura 11: Representações simbólicas.....	64
Figura 12: Exemplo do método de reidentificação – criando provótipos.....	65
Figura 13: Exemplo do método de reidentificação.....	66
Figura 14: Representações simbólicas do método de produção.....	73
Figura 15: Representações simbólicas, cicatrizes, amputação, asas e corpo híbrido.....	74
Figura 16: Representações simbólicas em quadrantes.....	75
Figura 17: Representações simbólicas – corpo híbrido.....	76
Figura 18: Representações simbólicas – pessoas com asas.....	77
Figura 19: Toolkit para método de reidentificação.....	79
Figura 20: Aplicação do método de reidentificação.....	79
Figura 21: Resultados do método de reidentificação.....	81
Figura 22: Provotipando através do método de reidentificação.....	83
Figura 23: Representações simbólicas – resultado método de reidentificação do homem trans.....	84
Figura 24: Representações simbólicas – homem trans.....	84
Figura 25: Método de reidentificação – desenho e conceitos – homem trans.....	85
Figura 26: Representações simbólicas – resultado método de reidentificação a mulher trans.....	86
Figura 27: Representações simbólicas – mulher trans.....	86
Figura 28: Método de reidentificação – desenho e conceitos – mulher trans.....	87



## LISTA DE SIGLAS

<b>APF</b>	Associação para o Planejamento da Família
<b>ESBERH</b>	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
<b>IHC</b>	Interação Humano-Computador
<b>HCD</b>	Human Centered Design
<b>PDC</b>	Participatory Design Conference
<b>RSL</b>	Revisão Sistemática na Literatura
<b>SGM</b>	Sexual Gender Minority
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TIC</b>	Tecnologia da Informação e Comunicação
<b>UCD</b>	User centered design
<b>LGBTQIAP+</b>	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis, queer, intersexo, assexual, pansexual, + (outros).

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 Contextualização .....	9
1.2 Questão de Pesquisa .....	12
1.3 Objetivo .....	12
1.3.1 Geral.....	12
1.3.2 Específicos .....	12
1.4 Justificativa .....	13
1.5 Apresentação da pesquisa.....	13
1.6 Visão geral do método .....	16
<b>CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>18</b>
2.1 Contemporaneidade e Design.....	18
2.2 A participação de usuários transgêneros em design gráfico. ....	20
2.2.1 Revisão Sistemática da Literatura .....	20
2.2.2 Pergunta de pesquisa da RSL .....	20
2.2.3 Critérios de busca da Revisão Sistemática da Literatura .....	20
2.2.4 Conjunto de consideração inicial .....	21
2.2.5 Análise descritiva .....	24
2.2.6 Síntese .....	32
2.2 Sobre a participação .....	33
2.2.1 Pare, olhe e escute .....	35
2.3 Metodologias participativas - mapeamento.....	39
2.3.1 Conjunto de consideração inicial .....	40
2.3.2 Síntese dos estudos no PDC .....	45
2.4 Métodos, ferramentas e técnicas do ergodesign.....	51
2.4.1 <i>Workshop</i> .....	52
2.4.2 Método de produção.....	52
2.4.3 Método de reidentificação .....	53
2.5 Provótipos e metadesign .....	53
2.6 Classificação e recomendações para o design de símbolos.....	56
<b>CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E TÉCNICAS</b> .....	<b>59</b>
<b>3.1 Método de pesquisa</b> .....	<b>59</b>
3.2 Método de design para pesquisa .....	61
3.2.1 Escopo da pesquisa .....	61
3.2.2 Entrevista com sexóloga .....	60
3.3 Objetivo do <i>Workshop</i> .....	61
3.3.1 Procedimentos do <i>workshop</i> : o método de produção.....	62
3.3.2 Procedimentos do <i>workshop</i> : método de reidentificação .....	64
3.4 Apresentação dos dados .....	67
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	<b>68</b>
4.1 Entrevista aberta.....	68
4.1.2 Entendendo sobre o grupo a partir do ponto de vista da médica.....	68
4.1.3 Entendendo sobre o álbum seriado a partir do ponto de vista da médica .....	71

4.2 Resultados do Método de produção. ....	73
4.3 Resultados do Método de reidentificação. ....	77
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>88</b>
5.1 Recomendações de estudos futuros.....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>91</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>97</b>

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização

A sexualidade humana existe de forma complexa, em diversas expressões e possibilidades de estruturação. “A sexualidade é uma parte integrante da vida de cada indivíduo que contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico” (APF, não paginado, 2014). No que tange a sexualidade humana, compreende-se o seu aspecto plural, tendo ciência de que alguns indivíduos sentem não pertencer ao gênero identificado em seu nascimento, os transgêneros, que:

“ao se deparar com sua inadequação identitária, em seu enfrentamento diário com o espelho e suas afetividades, os transgêneros alicerçam sua construção enquanto sujeitos, através dos agenciamentos que estes estabelecem entre o processo de liberação, do eu, que passa necessariamente pelo (re) modelamento de seus corpos.” (FIGUEIREDO, 2016, p. 1).

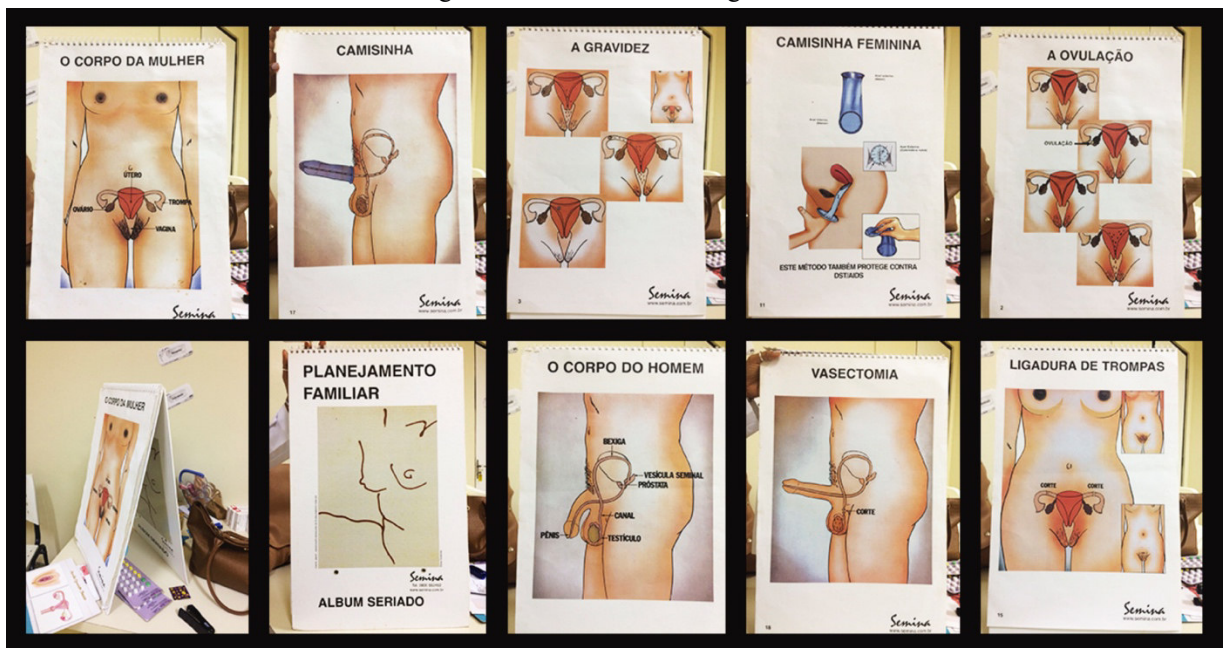
O avanço tecnológico tornou possível intervir na inadequação entre órgão genital e identidade sexual com procedimentos cirúrgicos. Para dar início a sua transição (readequação genital), os transgêneros passam por transformações estéticas a começar pela hormonização, onde muitas vezes, esse procedimento é feito sem a devida orientação médica profissional (VARELLA, 2017) embora desde 2008, em alguns estados, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece atendimento, ambulatorial (acompanhamento psicoterápico e hormonioterapia) e hospitalar (realização de cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório) (SUS, 2011).

No hospital universitário Materno Infantil, localizado em São Luis, Maranhão, segundo a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, ESBHERH (2018) desde 2016, oferece serviço de hormonioterapia e acompanhamento multidisciplinar a usuários que buscam o processo de redesignação. Para iniciar os atendimentos, o hospital conta com a presença de: assistente social, psicóloga e sexóloga, junto com médicos residentes e estagiários, constituindo o grupo terapêutico, que se reúnem mensalmente. Para atender a demanda dos encontros e tratar questões pertinentes a educação sexual, prevenção, bem como acompanhamento psicoterapêutico dos transgêneros, o grupo de profissionais dispõe de um álbum seriado, formado principalmente de ilustrações, que serve de mostruário durante as reuniões, com o intuito de perceber a expectativa dos usuários em relação as transformações corpóreas, bem como promover o autocuidado e prevenção de enfermidades.

Conforme identificado pelos usuários transgêneros, o material disponível não se adequa às suas necessidades de acordo com as estruturas físicas/corpóreas, não constituindo informação eficaz, uma vez que este recurso utilizado é oriundo do planejamento familiar, ou seja, possui ilustrações apenas de usuários cisgêneros. Vale ressaltar que o termo usuário será adotado para esta pesquisa, pois os integrantes do grupo terapêutico são identificados como usuários do sistema público de saúde.

Partindo da demanda de um projeto de design gráfico, por hora identificado a partir de entrevista aberta (Apêndice A) com a médica do grupo terapêutico que conduz as reuniões com os transgêneros, a responsável pelo grupo destaca o descontentamento dos usuários com as ilustrações presentes no material que utilizam durante as reuniões, que são relacionadas a gentitália bem como o seu respectivo aparelho reprodutor, conforme figura 01:

Figura 01: Álbum seriado cisgênero.



Fonte: O autor.

Durante a entrevista fora perguntado como havia sido identificado a inadequação do álbum seriado:

“O corpo da mulher no álbum seriado, é um corpo com seios e vagina. E aí, eu olhava para os trans e eles estavam assim: (fazendo expressão de careta). Eu não consegui usá-lo três vezes, porque ficava entediante. Não tem como falar de sexualidade mostrando algo que não são eles. E se uma pessoa tem disforia de gênero, como vou mostrar um corpo de mulher para uma mulher

trans que tem um pênis. Eles não ficam calados, eles argumentam” (informação verbal<sup>2</sup>).

Indagando a médica sobre a aceitação desse material, e para tal, qual melhoria poderia ser proposta por ela, a saber sobre as ilustrações, uma vez que sobre a parte técnica que corresponde ao texto não fora sinalizado nenhum problema, a mesma respondeu:

“(…) Quando vamos falar de sexualidade a gente precisa falar desses órgãos. Se eu iniciar um encontro e colocar imagens de genitais femininos para pessoas trans as pessoas vão sair correndo. Você (ao fazer isso) estaria tocando na ferida da pessoa. Porque aqui é o corpo de mulher (médica demonstrando uma imagem do corpo cis feminino com seios e útero, em seu acervo pessoal) só que para a mulher trans que está ali na minha frente, ela não tem útero. O que ela quer é uma vagina e ela quer ter seios. E se eu mostrar o útero, vai tocar na ferida dela. Ao mesmo tempo se eu mostrar para o homem trans que tá ali, ele vai sair correndo. Se ele pudesse ele arrancaria do corpo dele (em relação ao útero), escutei isso nos encontros:

- Médica parafraseando uma pessoa trans: “Eu se pudesse, arrancaria esse útero de mim”.

Médica: “É muito feminino menstruar, é muito feminino ter mamas. Então, quando eu coloco isso (imagem heteronormativa) eu atinjo em cheio os dois. (...) Ficou inviável dar esse conteúdo para eles. (...) Se eu utilizo a figura de um pênis para um menino trans, tudo o que ele queria no fundo era ter um pênis e aqui no Brasil essa cirurgia é experimental (faloplastia para pessoas trans), eu estaria falando de uma coisa que ele não vai ter. Se uma mulher trans olhar essa imagem, ela vai odiar. Porque ao ter relação sexual ela se exita e esse pênis vai ficar ereto. E tudo o que ela não quer, é que esse ‘homem’ apareça’, porque ela não é homem. (...) Dessa forma eu não tenho trabalhado imagem” (informação verbal<sup>3</sup>)

Nesse alinhamento, assume relevância o papel do design, enquanto ciência social aplicada, capaz de refletir e nos conduzir a uma discussão diante do problema que se configura.

Enquanto especialistas, designers podem articular projetos gráficos a partir de várias metodologias e seus possíveis desdobramentos, no entanto, partindo de uma demanda em que se percebe as necessidades de estima, de empoderamento e representatividade, deve-se atentar para um fator que é determinante: dar voz aos atores. Se por sua vez, os transgêneros, integrantes do grupo terapêutico, anseiam por representatividade através das ilustrações, como

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por: Médica do Ambulatório de Sexualidade do HU-UFMA. Outubro 2020. Entrevistador: Rafael Ricarte de Souza. São Luís, Ma. 2020. 1 arquivo de áudio. (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no capítulo 4 desta dissertação.

<sup>3</sup> Entrevista concedida por: Médica do Ambulatório de Sexualidade do HU-UFMA. Outubro 2020. Entrevistador: Rafael Ricarte de Souza. São Luís, Ma. 2020. 1 arquivo de áudio. (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no capítulo 4 desta dissertação.

seria possível projetar para este grupo considerando suas especificidades, levando em conta que é preciso saber nos posicionar diante de tal demanda, uma vez que não se faz parte daquela comunidade?

O design centrado no usuário, por exemplo, tem sido amplamente discutido como parte de algumas abordagens metodológicas de projeto em design, e tem como objetivo posicionar o foco do projeto no usuário, através de simples questionários e/ou entrevistas, que conforme cita Gil (2019) durante as entrevistas “as pessoas de modo geral, não têm uma razão pessoal forte para fornecer as respostas desejadas (GIL, 2019, p. 109)”, algo que não proporciona aos usuários, lugar de fala livre, de forma espontânea, reforçando assim apenas o conhecimento do especialista em design.

Uma vez que, em busca de inserir o usuário na prática do projeto e não apenas direcionar o foco sobre este, e para tanto, buscou-se compor uma abordagem participativa através de métodos, ferramentas e técnicas, além de entrevistar a médica que conduz o grupo terapêutico, buscou-se também interagir com os usuários transgêneros, para além de tradicionais práticas metodológicas, para uma aproximação cotidiana, uma vez que são estes que não se identificam com as ilustrações presentes no álbum seriado utilizado durante os encontros do grupo terapêutico, e conforme cita Gil (2019), “nem sempre os dirigentes máximos de uma organização são os melhores informantes (GIL, 2019, p. 109)”.

## **1.2 Questão de Pesquisa**

Como desenvolver ilustrações com usuários transgêneros a partir de um processo participativo de design?

## **1.3 Objetivo**

### **1.3.1 Geral**

Desenvolver e reidentificar representações simbólicas do corpo de pessoas transgêneras a partir de um processo participativo de design.

### **1.3.2 Específicos**

- a) Investigar a participação de usuários transgêneros em projeto de design gráfico;
- b) Mapear a utilização de métodos do design participativo em design gráfico;



- c) Aplicar métodos para produção de representações simbólicas do corpo de pessoas transgêneras a partir de métodos participativos.

#### 1.4 Justificativa

A transexualidade é uma condição de incongruência existente na relação triádica entre indivíduos, órgão genital e gênero. Observa-se então, grande descontentamento por parte dos indivíduos que sentem não pertencer ao gênero que lhes fora atribuído ao nascimento, assim como a necessidade de redesignação sexual, aceitação social e legal ao gênero ao qual se identifica, (ARRIBAS, 2008).

A intervenção entre órgão genital e identidade de gênero acontece por meio de hormonioterapia e cirurgia de redesignação, que são oferecidas pelo SUS desde 2015. A escolha pela cirurgia de redesignação é parte importante no processo, tal decisão é algo diretamente influenciado pela imagem do corpo, em descontentamento, enfrentado pelos transgêneros (BARROS; LEMOS; AMBIEL, 2019). Em um artigo publicado em 2016, Leandro et al. (2016) relatam a partir de entrevistas que pessoas transgêneras estão frequentemente em conflito com sua estrutura corpórea:

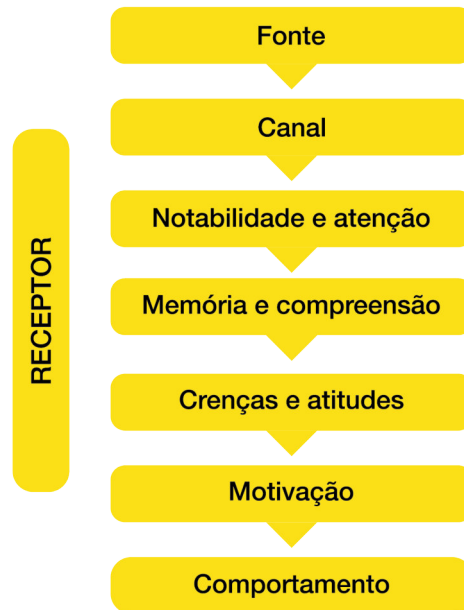
“Uma das entrevistadas abordou que já tentou cortar o pênis duas vezes com um estilete e que até acabou parando na Unidade de Emergência do Agreste (UE) devido à hemorragia. Segundo ela, o pênis é uma lembrança dolorosa do corpo errado que ela recebeu ao nascer, mas aos poucos ela conseguiu com cirurgias plásticas e hormônios chegar ao corpo desejado, mas sua genitália ainda é um dos motivos de sua infelicidade” (LEANDRO et al. 2016, p. 4).

Os usuários transgêneros do grupo terapêutico no Hospital Universitário Materno Infantil, sinalizam para os profissionais do grupo (médica sexóloga, psicóloga e assistente social) a inadequação das ilustrações contidas no álbum seriado o qual é utilizado como mostruário na promoção de autocuidado e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, tal material é ilustrado com representações gráficas de usuários cisgênero. Diante deste cenário, encontra-se neste estudo de caso a possibilidade de atender a comunidade transgênero do grupo terapêutico no ambulatório de sexualidade anexo do Hospital Universitário Materno Infantil, a partir da construção e desenvolvimento desta pesquisa.

De acordo com Formiga (2011), pensar o design nos possibilita contribuir com a sociedade em busca de novas soluções através de informação eficiente. A ineficácia da

informação além de causar desorientação e *stress*, influencia também no seu valor no que tange a percepção dos usuários quanto às imagens. Para melhor entender, segue abaixo um modelo de Comunicação-Processamento Humano da informação utilizado por Formiga (2011) para medir a compreensibilidade:

Figura 02: Modelo de Comunicação – Processamento Humano de Informação.



Fonte: Formiga, 2011 - Adaptado

Designers, segundo Desmet (2003), podem influenciar diretamente nas emoções provocadas por seus artefatos e tais emoções são intangíveis, porém podem ser acessadas. Através de teorias da emoção, defende o autor, que embora intrínsecas, são universais os fatores que as despertam. Design e emoção são termos que podem ser encontrados no campo da ergonomia, em autores como Donald Norman (2008), Patrick Jordan (1999), e conforme citado Pieter Desmet (2003), que tratam de uma interação que acontece de forma prazerosa entre usuário e produto, seja ele físico ou virtual, embora os referidos autores apresentem abordagens divergentes em relação a projetos com foco nas emoções.

O antropólogo Lionel Tiger (2017) em seu livro *A Busca do Prazer*, classifica em quatro tipos os prazeres relacionados ao uso de um produto e o que proporciona usuário: o prazer físico, no que tange as características físicas, através dos sentidos, o prazer social, que se refere ao relacionar-se com os outros, e os prazeres, psicológico diretamente ligado a usabilidade, relativo a cognição e reações emocionais, e ideológico que são associados a ética, valores,

desejos e aspirações. Pode-se inferir que diante dessas classificações, no prazer ideológico o usuário transgênero busca de se identificar com a representação de sua imagem corporal. Já para Raich (2004) “alguns enfoques psicanalíticos entendem por imagem corporal o limite corporal percebido por cada sujeito” (RAICH, 2004, p. 2) tradução nossa. A autora ainda complementa que junto à percepção do corpo, existem os aspectos perceptivos e subjetivos, que são: satisfação, insatisfação, preocupação, avaliação cognitiva, ansiedade e aspectos comportamentais.

É com os aspectos subjetivos que Raich (2004) relaciona à aparência física e à insatisfação corporal: “atitudes, sentimentos, cognições e valores que despertam o corpo, principalmente o tamanho corporal, peso, partes do corpo ou qualquer outro aspecto da aparência física” (RAICH, 2004, p. 3) tradução nossa. Ainda sobre Raich (2004), tal insatisfação com a imagem corporal está relacionada com a identidade de gênero e os sentimentos de masculinidade e feminilidade.

Dessa forma e inferindo sobre a relação dos transgêneros com a imagem corporal, no qual os transgêneros apresentam sintomaticamente um descontentamento com sua imagem, ressalta-se a relevância da discussão acerca do uso de ilustrações pertinentes às suas realidades. Assim, essa pesquisa visa contribuir com a proposição de uma abordagem metodológica amparada pelo design participativo no intuito de orientar o desenvolvimento de material gráfico a partir da produção de representações simbólicas elaboradas por usuários transgêneros para tal comunidade em São Luis, Maranhão. O tema é relevante para o pesquisador em virtude do compromisso com a comunidade acadêmica pela construção coletiva da ciência, assim como para a comunidade transgênera a qual carece de visibilidade e recursos. Vale ressaltar que este estudo não tem por objetivo discutir de forma aprofundada questões relacionadas a gênero e identidade de gênero, uma vez que tal conteúdo foge do escopo da pesquisa.

## **1.5 Apresentação da pesquisa**

No Capítulo 1 apresentou-se a formatação da pesquisa, contextualização do problema de pesquisa bem como sua caracterização e delineamento dos objetivos.

No Capítulo 2 a reflexão é posicionada sobre o designer desde a origem da atividade projetual à contemporaneidade. Tenciona-se a reflexão sobre o seu papel no fazer design na atualidade, diante da pluralidade de desdobramentos da prática de design. Aciona-se a participação desde a sua origem. Realiza-se um levantamento sistemático de metodologias

participativas no intuito de compreender quais caminhos se adequam aos objetivos desta pesquisa.

No Capítulo 3 apresenta-se a visão geral do método com descrição de procedimentos para ida a campo.

No Capítulo 4 resultados e discussões.

No Capítulo 5 inferências sobre este estudo e possibilidades de estudos futuros.

## **1.6 Visão geral do método**

A pesquisa fora realizada em quatro fases distintas. A primeira fase consiste em um levantamento bibliográfico sistemático para investigar a participação de usuários transgêneros no design gráfico e para esse objetivo específico A, utilizou-se a ferramenta da Revisão Sistemática da Literatura (que será discutida no capítulo 2). Por se tratar de um estudo de caso, uma entrevista aberta com a médica responsável por conduzir os encontros com os usuários transgêneros fora realizada anterior a esta etapa, como uma espécie de *briefing*, para sistematizar e formatar a demanda de projeto gráfico (até então, estabelecida apenas no âmbito profissional entre médico e designer), além de compreender tensões acerca do álbum seriado utilizado durante as reuniões do grupo do ponto de vista da médica que conduz os encontros.

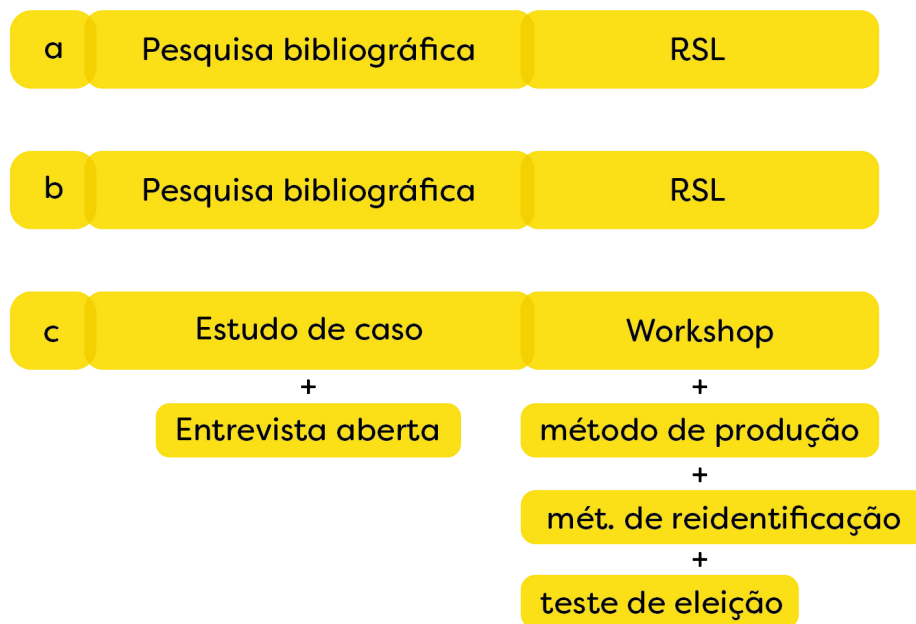
A segunda fase consiste em uma reflexão teórica (através de uma revisão bibliográfica assistemática) contextualizando o modo de fazer design desde sua origem à contemporaneidade, trazendo o foco para prática do design participativo. Adiante, será investigado de forma sistemática, e assim temos uma segunda RSL, metodologias participativas de design que corresponde ao objetivo específico B.

A terceira fase, consiste na sistematização do método de pesquisa com os métodos de design para ida a campo e investigação do estudo de caso. Apresenta-se também, quais ferramentas, métodos e técnicas foram adotadas para a ida a campo e o desdobramento do estudo de caso, apoiada pelo design participativo, nessa etapa é proposto um esquema metodológico do ergodesign participativo para identificar as potencialidades dessa atividade com o usuário transgênero.

Na quarta fase, e por fim, no confrontamento dos dados levantados, discute-se a triangulação da teoria contextualizada no aporte teórico, a ida a campo, juntamente com os resultados e discussões. A seguir a figura 03, sintetiza a visão geral do método de pesquisa em

relação aos objetivos deste estudo. No objetivo específico C, no estudo de caso, temos o *workshop*, ou seja, nesta etapa a pesquisa é realizada por meio de um método de design, assim como a investigação e aprofundamento, através do método de produção e método de reidentificação.

Figura 03: Visão geral do método



Fonte: O autor.

Nesta pesquisa, o estudo de caso incide sobre o ambulatório de sexualidade anexo do Hospital Universitário Materno Infantil, com usuários transgêneros integrantes do grupo terapêutico, para observação, entrevista e aplicação de testes, no intuito de verificar qual inadequação é percebida por eles e observar quais informações não correspondem a realidade da comunidade transgênero. Entretanto, durante o cenário de pandemia enfrentado até o momento (no Brasil, de Março de 2020, até a presente data, Dezembro de 2020), as etapas de ida a campo foram adaptadas, conforme descrito no capítulo 03.

## CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Contemporaneidade e Design

O modelo tradicional de design do século XX deu origem ao design como atividade voltada para projeto de produtos, ainda na proposta de produção em série (MANZINI, 2017). Esse processo de industrialização, para Rafael Cardoso (2008), significou a “reorganização da fabricação e distribuição de bens para abranger um leque cada vez maior e mais diversificado de produtos e consumidores” (CARDOSO, 2008, p. 22).

Cronologicamente, percebe-se ainda hoje que tal modelo tradicional de fazer design não está distante, e na contemporaneidade outros modos do fazer se evidenciam, o que reforça a multidisciplinariedade do design ao ampliar-se em sua atuação: “(de produtos a serviços e a organizações), de envolver novos atores (de especialistas em outras áreas a usuários finais) e de transformar suas relações com o tempo (de processos fechados a processos abertos)” (MANZINI, 2017, p. 68).

Mônica Moura (2014), em seu livro sobre o design brasileiro contemporâneo, cita que no tempo presente o desafio que surge é o de compreender as dinâmicas que envolvem o ser humano, e para compreendê-las precisa-se observar o cotidiano, anseios e inconstâncias:

“Afiml, o cotidiano não é apenas construído entre algumas paredes, com temperaturas e iluminação reguladas, com uma atmosfera única e precisa, nem as cores são constantes, nem o espaço interno é permanente, os objetos não são os mesmos, nem são eternos. Há sempre um clima de mudança no ar. O entorno é alterado, modificado a cada passagem. E há um corpo de massa física e orgânica, de constituição mental e psíquica, de relações espirituais e emocionais, tudo isso permeado pela história, pelo ambiente natural e pelo ambiente construído, pelas experiências, lembranças, memórias, pelas ações do ser desse corpo, por seus ideais e pelas influências e aprendizados com os outros corpos que povoam os mesmos espaços e também por aqueles que povoam outros espaços” (MOURA, 2014, p. 19).

Nesse contexto, a autora sinaliza que essas dinâmicas influenciam diretamente no ser humano, precisamente por se tratar de um organismo vivo, passivo de sofrer mudanças e influências externas. É possível inferir que o fazer design tradicional se configura inviável diante de fatores complexos, assim como, o fazer design baseado em fatores singulares, ou seja, considerando apenas recortes específicos em um fenômeno, ainda que com foco no ser humano. Aliás, como indaga a autora: “existe design que não é feito para o ser humano?” (MOURA, 2014, p. 18).

Abrir espaço para novos atores, significa ir além de trazer potenciais usuários para o âmbito do projeto. É preciso entender que o papel de atores vai além de facilitadores, cuja participação é mediada por especialistas, como no design *thinking*, por exemplo. Nessa abordagem os usuários são reduzidos a fontes de informações, figuras passivas, incapazes de projetar ou de tomar atitudes, uma vez que todo o processo é conduzido, seja por administradores, designers ou engenheiros. Conforme cita Thomas Binder (2011), nos tempos atuais existe a demanda cada vez maior de equipes multidisciplinares em atuação, de acordo com uma prática em design que mudou de forma significativa:

“(...) a prática em design está mudando drasticamente porque, por um lado, envolve cada vez mais equipes multidisciplinar, onde cientistas, engenheiros com diferentes especializações, arquitetos, e designers cooperam. Por outro lado, a tecnologia desempenha um crescente papel na definição da prática dos designers, pois fornece ferramentas que aumentam a eficiência de suas ações e interações, enquanto introduzem restrições a sua fluidez. As ambições hegemônicas mencionadas acima, bem como a oclusão das diversas disciplinas, pressionam cada membro da equipe de design a tentar assumir uma posição de liderança, e isso afeta a qualidade da colaboração, geralmente até o ponto de falha” (BINDER et al. 2011, não paginado) tradução nossa.

Por meio de práticas que estimulem a participação de outros atores é possível descentralizar a figura do líder, seja ele designer, arquiteto, cientista ou engenheiro, para que este deixe de ser o centro do processo, o único capaz de realizar colocações, apresentar ideias e visões, reduzindo, tendenciando e conduzindo à uma única solução.

Envolver os atores na atividade projetual a partir das metodologias colaborativas e participativas é como cita Noronha (2017), chamado de design orgânico. Manzini (2017), considera que existem designers *experts*, aqueles que possuem conhecimento formal sobre a atividade projetual, e designers difusos, como cidadãos não especialistas em design: “todos são capazes de correr, mas nem todos participam de maratonas, e poucos se tornam atletas profissionais” (MANZINI, 2017, p. 51). Para envolver pessoas em processos em design é necessário entender que enquanto especialista, o designer deve permitir e estimular a participação, bem como a capacidade dialógica dos atores, e isso é possível por meio do design participativo, quando esses mesmos atores conseguem dialogar livremente.

Diante de cenários cada vez mais complexos e ao tangenciar questões sociais relacionadas aos transgêneros, vale atualizar o posicionamento do designer no tempo presente e repensar os modelos tradicionais de fazer design, no entanto, como cita Moura (2014) “atuar com o contemporâneo é estender um olhar sobre o tempo presente, sem esquecer e indagar o



passado, para só então ter possibilidades de inferir sobre o futuro” (MOURA, 2014, p. 21). É com esse olhar no presente, consultando o passado e vislumbrando o futuro que será discutido a seguir, a participação de usuários no contexto de projeto em design.

## **2.2 A participação de usuários transgêneros em design gráfico.**

Pensando nas novas formas de posicionar-se diante de problemas complexos, e para compreender a participação dos usuários transgêneros na prática de design gráfico e identificar quais pesquisas têm sido realizadas acerca desta temática, utilizou-se o protocolo da revisão sistemática da literatura que fora posicionada neste capítulo para auxiliar na formatação e no andamento deste estudo, ajudando a dar mais consistência à pergunta de pesquisa, e ainda no intuito de compreender quais as possíveis lacunas, a revisão sistemática auxilia com resultados que reforcem a justificativa deste estudo, bem como o estado da arte das pesquisas. A seguir, será apresentado o protocolo descrito e seus desdobramentos.

### **2.2.1 Revisão Sistemática da Literatura**

A revisão sistemática da literatura (RSL) segundo OBREGON (2017), objetiva um processo de levantamento de dados, no qual rigorosas revisões de publicações acadêmicas são exigidas mapeando evidências de determinado tema na área pretendida. Segundo OBREGON; VANZIN; ULBRICHT (2015) a RSL é uma revisão planejada em etapas sistemáticas com o intuito de responder uma questão específica. Nessa linha, visando delimitar o problema de pesquisa, fora adotada a metodologia da revisão sistemática, cujo procedimento permitiu reunir o estado da arte dos estudos, circunscritos nas bases de dados definidas no protocolo da busca, que são descritos a seguir:

### **2.2.2 Pergunta de pesquisa da RSL**

Como projetar material gráfico para usuários transgêneros inserindo-os no projeto de forma participativa?

### **2.2.3 Critérios de busca da Revisão Sistemática da Literatura**

A revisão sistemática na literatura compreendeu artigos publicados no período de 2015 a 2020, configurando um período de 05 anos (cinco anos). A escolha deste intervalo é justificada pela evolução das pesquisas no meio científico e tecnológico. As buscas foram realizadas nas bases de dados: *SciELO* e *Web Of Science*. A base *SciELO* contempla pesquisas e pesquisadores nacionais e internacionais, a *Web Of Science* possui produções internacionais, possibilitando maior abrangência de resultados nas pesquisas (Quadro 01).

Quadro 01: Descritores da RSL

<b>Base de dados:</b>	SciELO / Web Of Science.
<b>Tipo de documento:</b>	Artigos científicos.
<b>Área de Concentração:</b>	Design gráfico.
<b>Período:</b>	2015- 2020 (05 anos).
<b>Idioma:</b>	Espanhol / Francês / Inglês / Português
<b>Critérios de inclusão:</b>	Pesquisas que relacionem usuários transgêneros e Design gráfico.
<b>Critérios de exclusão:</b>	Pesquisas que tratem isoladamente de gênero, ideologia de gênero.

Fonte: O autor.

#### 2.2.4 Conjunto de consideração inicial

As palavras-chaves devem ser elencadas para as buscas nas bases, estas devem ser articuladas entre si para obtenção dos resultados. Para essa pesquisa buscou-se combinar termos relacionados a pergunta de pesquisa da RSL: design, design gráfico, transgêneros, design participativo e metodologia participativa.

No quadro 02, apresentam-se o total de 04 associações realizadas em português com as palavras-chaves definidas para a base de dados *SciELO*. Tal quadro ilustra as associações e seus respectivos resultados de acordo com a busca:

Quadro 02: Conjunto de Consideração Inicial – Base SciELO.

	COMBINAÇÕES <i>português</i>	RESULTADOS
SCIELO	#01: <i>Design AND Transgêneros</i>	01
	#02: <i>Design gráfico AND Transgêneros</i>	0
	#03: <i>Metodologia participativa AND Transgêneros</i>	0
	#04: <i>Design participativo AND Transgêneros</i>	0
	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>01</b>
	<b>Artigos selecionados:</b>	<b>0</b>
	<b>Artigos excluídos:</b>	<b>01</b>

Fonte: O autor

Em seguida, na figura 02, apresenta-se o conjunto de 04 associações de palavras-chaves aplicadas na base de dados *Web of Science*. No intuito de alcançar maiores resultados, foram aplicadas as palavras-chaves em espanhol, inglês e francês na base de dados. Embora o objetivo fosse atingir o maior número de pesquisas contempladas pela busca, não retornaram resultados significativos.

Figura 04: Conjunto de Consideração Inicial – Base Web Of Science.

WEB	COMBINAÇÕES <i>inglês</i>		COMBINAÇÕES <i>francês</i>	
	COMBINAÇÕES	RESULTADOS	COMBINAÇÕES	RESULTADOS
	#01: <i>Design AND Transgender</i>	10	#01: <i>Design AND Transgenre</i>	0
	#02: <i>Graphic design AND Transgender</i>	0	#02: <i>Graphique design AND Transgenre</i>	0
	#03: <i>Participatory methods AND Transgender</i>	03	#03: <i>Methodologie participative AND Transgenre</i>	0
	#04: <i>Participatory design AND Transgender</i>	0	#04: <i>Design participatif AND Transgenre</i>	0
	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>10</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>0</b>
	Artigos selecionados:	01	Artigos selecionados:	0
Artigos excluídos:	09	Artigos excluídos:	0	
	COMBINAÇÕES <i>espanhol</i>			
	COMBINAÇÕES	RESULTADOS		
	#01: <i>Diseño AND Transgéneros</i>	0		
	#02: <i>Diseño grafico AND Transgéneros</i>	0		
	#03: <i>Metodología participativa AND Transgéneros</i>	0		
	#04: <i>Diseño participativo AND Transgéneros</i>	0		
	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>0</b>		
	Artigos selecionados:	0		
	Artigos excluídos:	0		

Fonte: O autor

Em busca de tornar o processo ainda mais consistente, uma terceira base de dados fora consultada para compor a revisão sistemática da literatura desta pesquisa, uma vez que as bases anteriormente consultadas não retornaram resultados satisfatórios. Para tanto a base CAPES fora elencada. A seguir, a figura 03 ilustra as associações de palavras-chaves aplicada na CAPES nos idiomas espanhol, francês, inglês e português:

Figura 05: Conjunto de Consideração Inicial – Base CAPES.

CAPES	COMBINAÇÕES <i>inglês</i>		COMBINAÇÕES <i>francês</i>	
	COMBINAÇÕES	RESULTADOS	COMBINAÇÕES	RESULTADOS
	#01: <i>Design AND Transgender</i>	12	#01: <i>Design AND Transgenre</i>	03
	#02: <i>Graphic design AND Transgender</i>	0	#02: <i>Graphique design AND Transgenre</i>	0
	#03: <i>Participatory methods AND Transgender</i>	03	#03: <i>Methodologie participative AND Transgenre</i>	0
	#04: <i>Participatory design AND Transgender</i>	0	#04: <i>Design participatif AND Transgenre</i>	0
	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>15</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>03</b>
	Artigos selecionados:	0	Artigos selecionados:	0
Artigos excluídos:	15	Artigos excluídos:	03	
CAPES	COMBINAÇÕES <i>português</i>		COMBINAÇÕES <i>espanhol</i>	
	COMBINAÇÕES	RESULTADOS	COMBINAÇÕES	RESULTADOS
	#01: <i>Design AND Transgêneros</i>	0	#01: <i>Diseño AND Transgêneros</i>	09
	#02: <i>Design gráfico AND Transgêneros</i>	0	#02: <i>Diseño grafico AND Transgêneros</i>	01
	#03: <i>Metodologia participativa AND Transgêneros</i>	0	#03: <i>Metodología participativa AND Transgêneros</i>	05
	#04: <i>Design participativo AND Transgêneros</i>	0	#04: <i>Diseño participativo AND Transgêneros</i>	0
	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>0</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS:</b>	<b>15</b>
	Artigos selecionados:	0	Artigos selecionados:	0
Artigos excluídos:	0	Artigos excluídos:	15	

Fonte: O autor.

### 2.2.5 Análise descritiva

As pesquisas realizadas nas bases de dados citadas acima não retornaram resultados significativos a partir da relação entre os filtros elencados. O retorno da busca na base CAPES em inglês apresenta o maior número de decorrências, porém os estudos disponíveis não corresponderam com a temática proposta neste estudo (15 resultados - 12 resultados para os termos: *Design AND transgender* e 03 resultados para os termos: *Participatory Methods AND Transgender*). Ainda na base de dados CAPES a busca em espanhol também retornou 15

resultados (09 resultados para os termos: *Diseño AND Transgéneros*, 01 resultados para os termos: *Diseño gráfico AND Transgéneros* e 05 resultados para os termos: *Metodología participativa AND transgéneros*) que também não se correspondem com esta pesquisa. Ainda na base CAPES, obteve-se 03 artigos no idioma francês (03 resultados para os termos: *Design AND Transgenre*), e 0 artigos no idioma português. A seguir no quadro 03, apresenta-se uma síntese dos resultados na base CAPES em inglês.

Quadro 03: Síntese dos resultados na base CAPES.

<i>Design AND Transgender</i>	<b>CONTEÚDO</b>
01 Design Issues in Transgender Studies. (Hughes et al.)	Artigo não disponível para acesso.
02 Simulation Design: Addressing Care of a Transgender Patient. (Díaz et al.)	Sugere simulação de experiência em caso de ansiedade em pacientes transgêneros utilizando boas práticas da Associação Internacional de Enfermagem para simulação clínica e padrões de aprendizagem.
03 Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, 2013-2017. (Lama et al.)	Apresenta um modelo que prevê a detecção precoce da infecção pelo HIV a partir da relação entre homens transgêneros e mulheres transexuais através da identificação de indivíduos de alto risco.
04 Ethical Issues to Consider in the Design of HIV Prevention Trials Involving Transgender People. (Singh et al.)	Artigo não disponível para acesso.
05 HIV prevention and HIV care among transgender and gender diverse youth: design and implementation of a multisite mixed-methods study protocol in the U.S. (Jadwin-Cakmak, L et al.)	Analisa as experiências de prevenção e tratamento de HIV em populações jovens transexuais e de gênero misto no EUA.
06 Metabolic and functional changes in transgender individuals following cross-sex hormone treatment: Design and methods of the Gender Dysphoria Treatment in Sweden (GETS) study (Wiik et al.)	Investiga as consequências de um perfil alterado de hormônios sexuais em diferentes tecidos e fatores de risco metabólicos, a saber de pessoas transgêneras que fazem uso de hormônios cruzados.
07 New HIV/AIDS Study Findings Have Been Reported by Researchers at University of Washington (Design Issues in Transgender Studies).(Report) (Hughes et al.)	Avalia intervenção em população transgênera soropositivo ou HIV-negativo e sua relação com a incidência de HIV na população.

<i>Design AND Transgender</i>	<b>CONTEÚDO</b>
<sup>08</sup> Metabolic and functional changes in transgender individuals following cross-sex hormone treatment: Design and methods of the Gender Dysphoria Treatment in Sweden (GETS) study (Wiik et al.)	(resultado duplicado)
<sup>09</sup> RE: Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, 2013–2017. (Lama et al.)	Correção do artigo: Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, 2013–2017. Ver item 03
<sup>10</sup> The Crowns of Stuzo Clothing: Design, Representation, and Self-Craft. (Galarte)	Artigo não disponível para acesso.
<sup>11</sup> Study Results from Fred Hutchinson Cancer Research Center in the Area of HIV/AIDS Reported (Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, ...).(Report) (Lama et al.)	Contribuição para o artigo: Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, 2013–2017. Ver item 03
<sup>12</sup> Niche Housing as Social Prosthetic for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Seniors: Resident Motivations and Perceptions. (Matthews et al.)	Explora um dos mais recentes desenvolvimentos, Town Hall Apartments, Chicago, criado para atender às necessidades de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros idosos(as) (LGBT) com renda limitada.

Fonte: o Autor.

A partir desta busca foram identificados o total de 15 artigos, e todos encontrados foram rejeitados por tratarem de forma isolada questões que não se relacionam com esta pesquisa, como por exemplo; predominância de pesquisas de tratamento e prevenção de HIV em pacientes LGBT+.



Quadro 04: Síntese dos resultados na base CAPES.

<i>Participatory Methods AND Transgender</i>	<b>CONTEÚDO</b>
01 Transgender community voices: a participatory population perspective. (Sari Reisner et al.)	Articula sobre o envolvimento, participação, e empoderamento de pessoas trans na implementação de serviços de saúde e bem-estar social.
02 Lessons learned from community-based participatory research: establishing a partnership to support lesbian, gay, bisexual and transgender ageing in place. (Leslie A Wright et al.)	Descreve as práticas utilizadas em Pesquisa Participativa em Base Comunitária (CBPR) para desenvolver um modelo de asilo para LGBTs.
03 Unmet Expectations in Health Care Settings: Experiences of Transgender and Gender Diverse Adults in the Central Great Plains. (Heather M. Meyer et al.)	Documenta e categoriza expectativas não atendidas (satisfação do consumidor) no atendimento de pacientes TGD (transgênero e gênero diverso).

Fonte: o Autor.

Para os termos *Participatory Methods AND Transgender*, um dos resultados da busca, o artigo: *Transgender community voices: a participatory population perspective*, (vide quadro 04), em seu conteúdo apresenta a descrição de casos em que um membro de comunidades LGBT+ articula sua participação a partir de narrativas, no entanto apresenta de forma superficial apenas suas experiências pessoais. Dessa forma, tal artigo fora excluído.

A seguir, no quadro 04, são apresentados os resultados da busca ainda na base CAPES em idioma espanhol.

Quadro 05: Síntese dos resultados na base CAPES - espanhol

<i>Diseño AND Transgéneros</i>	<b>CONTEÚDO</b>
01 Barreras en la asistencia sociosanitaria en personas transexuales: revisión sistemática de estudios cualitativos. (Aylagas-Crespillto et al.)	Artigo não disponível para acesso.
02 La identidad de género, factor de desigualdad olvidado en los sistemas de información de salud de España. (Christian Gil-Borrelli et al.)	Avalia a adequação do sistema espanhol de informação de saúde para atender às necessidades de pessoas transgéneras.
03 Conducta sexual y realización de la prueba del virus de la inmunodeficiencia humana en jóvenes que estudian en la universidad en Cuzco (Perú). (M. Paz Bermúdez et al.)	Analisa o comportamento sexual, o desempenho do teste do vírus da imunodeficiência humana (HIV), as intenções de fazê-lo e as razões para não fazê-lo em jovens estudantes da universidade de Cuzco (Peru).
04 Equidad según sexo y de género en la investigación: justificación de las guías SAGER y recomendaciones para su uso. (Shirín Heidari et al.)	Descreve a justificativa para um conjunto internacional de diretrizes para apoiar a apresentação sistemática de sexo e gênero na pesquisa, em todas as disciplinas.
05 La implementación de la profilaxis preexposición podría evitar la mayoría de las nuevas infecciones por el VIH en hombres que tienen sexo con hombres y mujeres transexuales. (Ayerdi Aguirrebengoa et al.)	Artigo não disponível para acesso.
06 Intervention Reach and Sexual Risk Reduction of a Multi-level, Community-Based HIV Prevention Intervention for Crack Users in San Salvador, El Salvador. (Dickson-Gomez et al.)	Artigo não disponível para acesso.
07 El poder de 'sentirse uno' con un grupo: fusión de la identidad y conductas grupales extremas. (Gómez et al.)	Artigo não disponível para acesso.
08 Superficies de revolución. (Arrieta et al.)	Artigo não disponível para acesso.
09 'Nada es sencillo': La performatividad de la sexualidad y del género en Hable con ella (2002). (Yim, Ho-Joon)	Artigo não disponível para acesso.

<i>Diseño gráfico AND Transgéneros</i>	<b>CONTEÚDO</b>
<sup>01</sup> El poder de 'sentirse uno' con un grupo: fusión de la identidad y conductas progrupales extremas. (Gómez et al.)	Artigo não disponível para acesso.
<i>Met. participativa AND Transgéneros</i>	<b>CONTEÚDO</b>
<sup>01</sup> Los nuevos movimientos sociales y las ciudadanías emergentes: reflexiones desde el concepto de democracia radical y el movimiento LGBTI en Colombia. (Nina Ferrer Araújo)	Reflete sobre o exercício dos direitos de cidadões transgéneros na cidade de Cartagena.
<sup>02</sup> La evolución de Ixtapa-Zihuatanejo, Mexico, desde el modelo del ciclo de vida del destino turístico. (Osorio Garcia et al.)	Artigo não disponível para acesso.
<sup>03</sup> Atención integral a la salud del adolescente y el joven LGBT en el programa para adolescentes de la provincia de San Pablo implementando las directrices participativas. (Alzira Ciampolini Leal et al.)	Descreve a possibilidade de espaços para reflexão e debate sobre o tema da homofobia e outras questões relacionadas a esse público.
<sup>04</sup> Conservative practices: their influences in the identity tests of genes and sexualities. (Denize Sepulveda et al.)	Analisa o conservadorismo no ambiente escolar, relacionado às manifestações de sexualidades e dos comportamentos dos gêneros.
<sup>05</sup> A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e o acesso ao Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS): avanços e desafios (Marcos Claudio Signorelli et al.)	Analisa a implementação do processo transexualizador no SUS por meio de pesquisa em documentos oficiais do Ministério da Saúde.

Fonte: O autor.

A busca em espanhol apesar de retornar resultados, não foram aproveitados os artigos identificados durante essa busca. Existem ainda alguns artigos cujo acesso está restrito, ou seja, não está disponível de forma gratuita.

Ainda na base CAPES, os artigos identificados em francês (03 resultados para os termos: Design AND Transgenre) também não estão disponíveis para acesso de forma gratuita, conforme quadro 05:

Quadro 05: Síntese dos resultados na base CAPES – francês

<i>Design AND Transgenre</i>	<b>CONTEÚDO</b>
01 Psychanalyse et transidentités : hétérotopies. (Thamy Ayouch)	Artigo não disponível para acesso.
02 Repenser le sexe, le genre et l'orientation sexuelle. (Michel Dorais)	Artigo não disponível para acesso.
03 Les experiences de victimisation, la sante mentale et le bien-etre de jeunes trans au Quebec. (Raymond et al.)	Artigo não disponível para acesso.

Fonte: o Autor.

Já para a base SciELO obteve-se apenas 01 resultado na pesquisa para os termos Design AND Transgêneros. Nesta base a pesquisa fora feita em idioma português, conforme quadro 06:

Quadro 06: Síntese dos resultados na base SciELO – português

<i>Design AND Transgêneros</i>	<b>CONTEÚDO</b>
01 Implicações bioéticas no atendimento de saúde ao público LGBTT. (Adilson Ribeiro dos Santos et al.)	Analisa as publicações acadêmicas quanto às ações de atenção a saúde de LGBTT a partir da bioética.

Fonte: O autor.

Na busca realizada na base de dados *Web of Science* atingiu-se o total de 10 artigos em língua inglesa. Os demais idiomas elencados não retornaram resultados. No entanto, ressalta-se que 01 artigo fora destacado para análise e leitura mais aprofundada, (*Assessing the potencial impact of cigarette packs designed for lesbian, gay, bisexual and transgender adults: a randomized experiment to inform U.S regulation*, 2018) apesar de não atender a pergunta de pesquisa proposta nesta RSL, a pesquisa encontrada apresenta uma prática participativa com usuários LGBT (que apesar de não ser o público, recorte, desta dissertação, será utilizada como um exemplo que discutido a seguir). O quadro 07 apresenta os resultados desta busca.

Quadro 07: Síntese dos resultados na base Web Of Science – inglês

<i>Design AND Transgender</i>	<b>CONTEÚDO</b>
<p>01 Health and Sexual Rights: Design, Development, and Assessment of the Massive Open Online Course on Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Intersex Health Promotion in Brazil. (Canavese et al.)</p>	<p>Descreve o desenvolvimento de uma estratégia educacional online sobre os tópicos das políticas públicas de saúde voltadas para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersex.</p>
<p>02 Assessing the Potential Impact of Cigarette Packs Designed for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adults: A Randomized Experiment to Inform U.S. Regulation, 2018. (Lee JGL et al.)</p>	<p>Apresenta uma pesquisa feita com adultos classificados como minorias sexuais e de gênero (SGM) na qual o público é exposto a embalagens de cigarros com temática direcionada LGBTQ+. Os resultados alertam para o apelo de embalagens a populações vulneráveis.</p>
<p>03 HIV prevention and HIV care among transgender and gender diverse youth: design and implementation of a multisite mixed-methods study protocol in the U.S. (Jadwin-Cakmak, L et al.)</p>	<p>Analisa as experiências de prevenção e tratamento de HIV em populações jovens transexuais e de gênero misto no EUA.</p>
<p>04 Designing a Transgender Health Training for Correctional Health Care Providers: A Feasibility Study. (Hughto, JMW, Clark, KA.)</p>	<p>Propõe um treinamento de cuidados para pessoas trans em situação de encarceramento com profissionais da saúde.</p>
<p>05 Design Strategy of the Sabes Study: Diagnosis and Treatment of Early HIV Infection Among Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru, 2013–2017. (Lama et al.)</p>	<p>Desenvolvimento de um modelo que prevê o impacto em nível de população da detecção precoce da infecção pelo HIV a partir da relação entre homens transgêneros e mulheres transexuais através da identificação de indivíduos de alto risco.</p>
<p>06 Metabolic and functional changes in transgender individuals following cross-sex hormone treatment: Design and methods of the Gender Dysphoria Treatment in Sweden (GETS) study (Wiik et al.)</p>	<p>investiga as consequências de um perfil alterado de hormônios sexuais em diferentes tecidos e fatores de risco metabólicos, a saber de pessoas transgêneras que fazem uso de hormônios cruzados.</p>
<p>07 Simulation Design: Addressing Care of a Transgender Patient. (Díaz et al.)</p>	<p>Sugere simulação de experiência em caso de ansiedade em pacientes transgêneros utilizando as boas práticas da Associação Internacional de Enfermagem para simulação clínica e padrões de aprendizagem.</p>

<i>Design AND Transgender</i>		CONTEÚDO
08	Design Issues in Transgender Studies. (Hughes et al.)	Artigo não disponível para acesso.
09	Ethical Issues to Consider in the Design of HIV Prevention Trials Involving Transgender People. (Singh et al.)	Artigo não disponível para acesso.
10	The HIV Risk Profiles of Latino Sexual Minorities and Transgender Persons Who Use Websites or Apps Designed for Social and Sexual Networking. (Sun, CJ et al.)	Analisa a utilização de aplicativos e sites, de relacionamento, por usuários LGBTQ+ e sua relação com HIV.

Fonte: o Autor.

### 2.2.6 Síntese

As pesquisas realizadas nas bases de dados circunscritas na RSL, indicam a carência de estudos na área. Justifica-se tal assertiva, pois os filtros definidos no protocolo que delimitam a pergunta de pesquisa na busca sistemática, evidenciaram potenciais lacunas, significativas, no que tangem as práticas participativas em design com usuários transgêneros. O conjunto de consideração inicial obtido em todas as bases de dados utilizadas nesta RSL, indicou um conjunto total de 44 estudos, sendo 16 artigos com acesso restrito. Porém, os 28 artigos com acesso livre não permitiram responder à questão proposta na RSL e, por conseguinte, foram excluídos da busca.

No entanto destaca-se o seguinte artigo: *Assessing the Potential Impact of Cigarette Packs Designed for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adults: A Randomized Experiment to Inform U.S. Regulation, 2018*, identifica-se através de sua leitura, um experimento desenvolvido pelos pesquisadores com usuários LGBTQ (recorte do artigo) através da participação com estes usuários. Os autores contaram com a participação de usuários SGM (*Sexual and Gender Minority*) no desenvolvimento de embalagens fictícias de cigarros, o experimento tinha por objetivo investigar a aderência deste público, LGBTQ+, quanto ao apelo no uso de símbolos e cores que pudessem expressar tal temática:

“O pacote *pride edition* incorporou elementos de design que estão intimamente ligados às populações SGM. Com base nos elementos de marketing e design direcionados associados às identidades SGM, os elementos SGM que foram incorporados ao design incluíram cores do arco-íris, cor de lavanda, uma fonte projetada em homenagem ao criador da

bandeira do orgulho LGBT ([www.typewithpride.com](http://www.typewithpride.com)) e referências aos símbolos de Marte / Vênus (ou seja, ♀). Dois membros da equipe de pesquisa, que se identificam como SGM, trabalharam com o designer para confirmar que os pacotes sutis e orgulho comunicavam mensagens SGM.” (LEE et al. 2018, p. 5) Tradução nossa.

Diante do exposto, é possível observar que o projeto fora concebido com a participação entre designer e pesquisadores/usuários SGM. Assim, ressalta-se a relevância de trabalhar de forma participativa com estes usuários, inserindo-os no projeto. Nesse enfoque, observa-se que diante das pesquisas analisadas não se identifica a participação de usuários transgêneros em processos de design, e assim, é possível inferir que o universo dos transgêneros constitui um campo fértil para futuras pesquisas, principalmente no tocante aos materiais para orientação de processos de redesignação sexual e promoção de autocuidado.

Através desta RSL, constata-se a urgência de estudos que permitam verificar como trabalhar de forma participativa com os usuários transgêneros, dando-lhes lugar de fala, articulando juntos o projeto, para então, pensar em projetar de acordo com suas necessidades de estima, ao tratar de suas estruturas físicas e corpóreas. Nesse contexto, faz-se necessário analisar como trabalhar de forma participativa acionando o design gráfico para a concepção de material impresso de orientação de usuários transgêneros.

## **2.2 Sobre a participação**

É senso comum falar que projetar em design demanda a execução de processos, e que em abordagens nas quais os usuários são inseridos, conectando o design com o trabalho de um grupo diversificado, existem ganhos com essa prática em relação aos objetivos de determinado projeto (BOTERO, 2013). Porém, para inserir o usuário em processos de design é necessário entender que este usuário possui aspirações, desejos, sentimentos e que necessariamente, este deve participar não apenas como uma fonte de informações, e sim como sujeito-ator, um organismo vivo, dotado de capacidades e habilidades. Segundo Manzini:

“Naturalmente, adotar uma abordagem que basicamente deixa para as pessoas a responsabilidade de decidir por si mesmas o que é melhor fazer não significa negar a responsabilidade de especialistas em design pelas escolhas que, em última análise, serão feitas e implementadas. Na verdade, embora especialistas em design, ao intervirem no design da solução habilitante, não determinem o modo como as pessoas decidirão operar, eles de fato produzem plataformas de ação e sistemas de sentidos graças aos quais diferentes comportamentos podem ser mais ou menos viáveis e mais ou menos culturalmente

recomendáveis e, portanto, mais ou menos prováveis” (MANZINI, 2017, p 112).

Vale ressaltar que tanto o especialista em design assim como o usuário, possuem papéis fundamentais, um não sobrepõe o papel do outro, de modo que todos estejam horizontalmente envolvidos nos processos e dessa forma trabalhando juntos e em participação.

Levar em consideração os fatores humanos na prática projetual em design começou na década de 80, nos Estados Unidos, enquanto o User Centered Systems Design (derivado do UCD – User Centered Design), pensava em uma série de práticas que garantiam no desenvolvimento de produtos e sistemas tais fatores (BOTERO, 2013). Tratam de processos iterativos que acabaram por impulsionar a usabilidade, não tinha foco no contexto social e tratava o aspecto humano como apenas mais um fator. Segundo Botero (2013):

“Hoje, o Design Centrado no Usuário (UCD) é, na realidade, mais matizado. Outras facções se basearam na pesquisa em psicologia cognitiva e em ergonomia, mas também em preocupações das práticas tradicionais de design e de áreas como o design de sistemas de informação. Ao fazer isso, os profissionais da UCD incorporaram ferramentas e abordagens de, por exemplo, ciências sociais para complementar a dependência anterior da pesquisa de mercado convencional, destacando assim a importância de outras dimensões além da mera usabilidade. Hoje, discussões em torno de conceitos como interação (Preece et al. 2002), empatia (Koskinen et al. 2003), experiência (Shedroff 2001, Kuti 2009, Hassenzahl 2010, Buxton 2007), co-experiência (Battarbee 2003), emoções (Norman 2004), prazer (Jordan 2006) e criação de significado (Krippendorff 2006) traz para o primeiro plano a importância dos muitos aspectos generativos necessários para articular o conhecimento de design quando há um foco humanista” (BOTERO, 2013, p. 41) Tradução nossa.

Diante do cenário em que os aspectos humanos começam a integrar processos em design, pode-se inferir que a partir do UCD começa-se a entender a real necessidade de trazer para a prática projetual o conhecimento humanístico e tácito dos atores sociais. Ainda segundo Botero (2013) existem alguns autores (como por exemplo, Krippendorff 2006, Steen, 2011) que defendem a terminologia HCD (Human Centered Design), “para enfatizar a necessidade de se concentrar não apenas no papel restrito do usuário, mas, em vez disso, prestar atenção nas concepções mais amplas da existência humana” (BOTERO, 2013, p. 42) tradução nossa. No entanto, vale considerar que diante da complexidade dos problemas sociais, não se trata apenas de uma questão terminológica, e sim, de uma questão metodológica em que o usuário não seja considerado apenas uma fonte de informações. No entanto, as contribuições do UCD são



inegáveis, trouxeram um novo olhar para as abordagens metodológicas que levam em consideração a participação do usuário, ainda que de forma pontual e superficial.

Pensando em inserir o usuário, encontra-se no design participativo a oportunidade de transformar usuários em criativos, que podem ser chamados de designers difusos, que segundo Manzini (2017) são aqueles que se colocam em prática, com conhecimento tácito, com suas capacidades naturais para o design.

### 2.2.1 Pare, olhe e escute

O design participativo surge nos anos 70, na Escandinávia, em uma aliança entre sindicatos e designers na tentativa de estabelecer a democracia no ambiente laboral quando o uso de sistemas de computadores fora introduzido. Segundo Ehn (2017):

“Quando iniciamos os primeiros projetos sindicais de design participativo, que na época chamamos de abordagem de recursos coletivos, não apenas a língua norueguesa da estratégia de “produção local de conhecimento” estava conosco, mas certamente também o idioma brasileiro da “pedagogia do oprimido”. Em retrospectiva, parece também que as duas estratégias se complementam - de cima para baixo e de baixo para cima. Um deles se concentra na descentralização organizacional para apoiar a "produção local de conhecimento" por meio do suporte central à ação local em questões conflitantes no local de trabalho. O outro enfatizava a aprendizagem local concreta como um veículo de libertação que se abre para o envolvimento em questões e conflitos sociais mais amplos (EHN, 2017, p. 9) tradução nossa.

Para Ehn (2017), Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido trata de questões sociais, enquanto a estratégia norueguesa era voltada para a produção local de conhecimento. Ambos são experiências participativas em que; sindicatos colaboravam com designers na capacitação de trabalhadores e camponeses colaboravam com professores na formatação de um conjunto de material didático. No entanto, é preciso entender que o design participativo possui um objetivo, mas não significa necessariamente produzir apenas coisas materiais ou serviços, e sim, produzir também sentimentos, emoções e empoderamento, e indo mais além, participar não significa somente organizar tarefas e/ou administrar múltiplas perspectivas, uma vez que administrar representa a ideia de um único ator determinando quais passos serão utilizados para atingir um fim específico, tal fato se aproxima do design *post-it* como cita Manzini (2017), e se distancia de uma prática participativa:

“Design *post-it* é uma maneira de conceber o processo de design que emerge a partir da ideia positiva de considerar todos os atores sociais, incluindo-se os

cidadãos comuns, como recursos em potencial para a solução de um dado problema, ou seja, como pessoas com algo significativo a acrescentar ao processo de design. Certamente, a abordagem de design post-it é também motivada por uma reação contra o design do grande ego. O problema é que, ao partir dessa intenção de combater o design do grande ego, o design post-it acaba por transformar especialistas em design em atores administrativos, sem nenhuma contribuição específica a ser dada, a não ser auxiliar o processo com seus *post-its*” (MANZINI, 2017, p. 81).

Para participar é necessário entrar em contato com o outro, envolver-se com ele, através da colaboração e estabelecendo a empatia. Estar em campo apenas com uma abordagem observacional não é suficiente, Sanders (2002) cita tal posicionamento como informação observável, fazendo com que seja necessário acessar camadas mais profundas, ir além de apenas entrevistar pessoas no intuito de reafirmar precisamente aquilo que se quer ouvir: “compreendendo como as pessoas se sentem nos proporciona a habilidade de empatia com elas” (SANDERS, 2002, p. 3) tradução nossa.

Envolver-se com o usuário parece ser uma premissa do design participativo, no entanto existem autores que defendem a participação classificadas em etapas. No livro *Design Participativo: Técnicas Para a Inclusão de Usuários no Processo Ergodesign de Interfaces* (que será amplamente explorado neste capítulo por apresentar diversos métodos e técnicas participativas), Moraes; Santa Rosa (2012) levantam questões sobre as diferenças entre designers e usuários, aspectos cognitivos e culturais, e apontam que apesar de existir a participação, segmentada em níveis, usuários não são designers e designers não são usuários: “contudo, destaca-se que com o passar do tempo há uma tendência dos usuários envolvidos nas atividades no design, de mudarem sua forma de pensar e, por fim, apresentarem um modelo mental semelhante ao dos designers” (MORAES; SANTA ROSA, 2012, p. 23). Diante desse cenário configura-se a seguinte indagação: quando ocorre a participação, os designers envolvidos não mudam sua forma de pensar, e por consequência, apresentam um modelo mental semelhante ao dos usuários? Nesse contexto, a reflexão deve ser posicionada sobre os níveis de inserção do usuário na prática de design para compreender as relações entre designers e usuários e entender que ambos exercem papéis fundamentais em um determinado processo, sem sobreposições.

Patrocínio (2015), na tentativa de ilustrar em etapas, apresenta a escada virtuosa do design e do desenvolvimento, figura 06:

Figura 06: Escada virtuosa do design e do desenvolvimento



Fonte: Adaptado de Patrocínio, 2015.

Nesse ponto, o autor apresenta os estágios: da dependência à autonomia relacionadas às fases de intervenção do design. Partindo da dependência, onde segundo o autor, trata-se de um design assistencialista, que atua ou se propõe atuar nas necessidades básicas, à autonomia. Ainda segundo Patrocínio (2015), em crítica a Victor Papanek (2019):

“Papanek (1985) advogava a ideia de “fazer design para as necessidades das pessoas em vez de para os seus desejos” (p. 234) – ideia que exclui o usuário do processo de design, atribuindo ao designer o papel de determinar o que seriam essas necessidades” (PATROCÍNIO, 2015, p. 58).

Em seu livro *Design para um mundo real*, conforme trecho supracitado acima, Papanek (2019) trata dos cinco mitos da filosofia de maioria dos designers industriais da época e ao final acrescenta: “Design para as necessidades das pessoas não para seus desejos, ou desejos criados artificialmente, é agora a única direção significativa” (PAPANEEK, 2019, p. 234) tradução nossa. Nesse momento, Victor Papanek (2019) reflete sobre produtos puramente comerciais, supérfluos, em um comparativo às necessidades humanas básicas, em um cenário no qual os países desenvolvidos caminhavam para a massificação de bens de consumo, enquanto países

‘subdesenvolvidos’ ou em desenvolvimento, não possuíam recursos básicos e primários. Sobre esses contrastes entre desenvolvido e subdesenvolvido, centro e periferia que Bonsiepe (2012) sintetiza de forma clara os enfoques que o design pode dar:

“Há basicamente, dois tipos de enfoque do design, dependendo da perspectiva em que são formulados: Centro ou Periferia. O enfoque a partir do centro: <<Design é um processo de transformar sonhos em realidade.>><sup>1</sup>. O enfoque a partir da Periferia: <<Design é um processo de transformar a realidade em um sonho.>>” (BONSIEPE, 2012, p. 64).

Ainda que Papanek (2019) apresentasse um design voltado para as necessidades básicas, o que parece básico em uma determinada classe social, não se configura como básico para as outras camadas da sociedade, e tal disparidade não pode deixar de ser levada em consideração quando pensa-se em incluir os atores, principalmente atores que são uma parcela da comunidade transgênera, usuários do sistema único de saúde, um sistema público.

Dessa forma, não parece legítima a ressalva de Patrocínio (2015) sobre excluir o usuário do processo de design, ao tratar de necessidades, ainda que básicas, não anulam necessariamente a participação do usuário, toma-se como exemplo o estudo de caso desta dissertação, que identifica usuários transgêneros com necessidades de estima, realização pessoal (BARROS; LEMOS; AMBIEL, 2019). Aliás, como poderia Patrocínio (2015) criticar a exclusão do usuário no processo de design se o mesmo sugere o design como capacidade intrínseca do designer:

“(...) no texto de introdução de uma exposição ocorrida em 2012 no Rio de Janeiro (*O Design da Favela*, Centro Carioca de Design), os curadores descrevem o que eles chamam de *design da favela* como o “design empírico, informal e espontâneo que nasce e vive nestas comunidades”. Essa abordagem remete às ideias de Papanek e seu *empoderamento* do indivíduo – qualquer indivíduo – como designer. É aqui que a ação de conceber/criar alguma coisa (ou o design como verbo) começa a ser confundida com uma atividade para a qual o designer se qualifica extensivamente, pratica sistematicamente, e abraça como profissão” (PATROCÍNIO, 2015, p. 67).

Sobre a escada virtuosa (Figura 05), no exógeno/Design Para, Patrocínio (2015) defende que se trata de um design de intervenção, voltado para o assistencialismo e focado nas necessidades. Designers atuam baseando-se em pesquisas sobre o local para desenvolver propostas de intervenção, ou seja, não existe uma troca ou contato direto. Imersivo/Design Em, segundo o autor, embora ainda seja de caráter intervencionista, existe contato com parceiros (imersivo) e os designers absorvem características culturais e conhecimentos locais ao passo

em que realizam mapeamentos. No participatório/Design Com as parcerias estão estabelecidas e solidificadas. Neste nível o designer introduz seus conhecimentos técnicos somado aos da comunidade (conhecimento tácito). Segundo Patrocínio (2015), no Design Com ainda existe a figura de um líder, capaz de gerenciar os processos a partir de seu conhecimento. Por último, o nível autônomo/Design Por, trata-se de um nível elevando de autonomia. Pode-se citar como exemplo as comunidades criativas e de artesãos e que ainda podem existir parcerias e intercâmbios, no entanto, desenvolve-se nesse nível um design 100% local.

É no Design Com (design participativo) que se encontra a oportunidade de interagir com a comunidade transgênera integrante do grupo terapêutico presente no Hospital Universitário Materno Infantil (HU-UFMA), dando-lhes o local de fala, introduzindo o conhecimento técnico junto ao conhecimento tácito dos atores envolvidos. Assim, no intuito de trazer os usuários transgêneros para dentro dos processos de design, configura-se o seguinte questionamento: quais métodos seguir para estabelecer a participação com usuários transgêneros?

### **2.3 Metodologias participativas - mapeamento**

Em busca de inserir os usuários transgêneros do grupo terapêutico do HU-UFMA em um processo de design, fora realizado um mapeamento de metodologias participativas no intuito de identificar quais métodos e/ou ferramentas poderiam atender a este estudo e como esses mesmos métodos e/ou ferramentas são utilizados em processos participativos, tendo em vista as especificidades da demanda do estudo de caso. Dessa forma, uma nova RSL fora necessária para compreender como e quais são as metodologias participativas no design. O protocolo fora aplicado na plataforma *online* do Participatory Design Conference (PDC) que reúne trabalhos sobre design participativo os quais são submetidos para o evento que ocorre sazonalmente. Dessa forma, recorreu-se aos artigos publicados no site do PDC. A seguir no quadro 08, apresenta-se os descritores:

Quadro 08: Descritores da RSL no PDC

<b>Base de dados:</b>	Participatory Design Conference <a href="http://pdcproceedings.org">http://pdcproceedings.org</a>
<b>Tipo de documento:</b>	Todos os resultados.
<b>Área de Concentração:</b>	Design da Informação e Comunicação.
<b>Período:</b>	2015-2020 (05 anos).
<b>Idioma:</b>	Inglês
<b>Critérios de inclusão:</b>	Pesquisas que apresentem metodologias participativas.
<b>Critérios de exclusão:</b>	Pesquisas que não apresentem metodologias participativas.

Fonte: O autor.

### 2.3.1 Conjunto de consideração inicial

Para esta busca utilizou-se apenas os vocábulos *participatory methods* como palavras-chave para obtenção de resultados, não sendo combinadas com outras palavras. Optou-se por realizar a busca apenas no idioma inglês em função da prevalência de estudos publicados neste idioma. O quadro 09 ilustra o conjunto de consideração inicial:

Quadro 09: Conjunto de consideração inicial no PDC.

<b>COMBINAÇÕES</b> <i>inglês</i>	<b>RESULTADOS</b>
#01: <i>participatory methods</i>	<b>14</b>
<b>Artigos selecionados:</b>	<b>11</b>
<b>Artigos excluídos:</b>	<b>03</b>

Fonte: O autor

Nesta etapa da pesquisa os resultados obtidos através da RSL evidenciaram o total de 14 resultados para a combinação de palavras-chaves supracitadas. Após leitura e reflexão aprofundada dos estudos, identificou-se que 11 destes apresentam métodos e ferramentas e técnicas, bem como uma descrição dos procedimentos utilizados, que servirão de base para o que será discutido no capítulo metodológico. A seguir no quadro 10, apresenta-se uma breve síntese de cada estudo.

Quadro 10: Síntese dos resultados da RSL no PDC.

<i>Participatory Methods</i>	<b>CONTEÚDO</b>
<sup>01</sup> Empowering people with impairments: how participatory methods can inform the design of empowering artifacts. (Jelle van Dijk et al.)	A pesquisa apresenta um workshop que tem como objetivo principal utilizar melhores práticas através de métodos participativos em processos de projeto para capacitação de usuários com deficiência.
<sup>02</sup> What you gain and what it takes: a student's reflection on a participatory design project. (Donna Stam; Boudewijn Boon)	Reflete sobre habilidades e qualidades pessoais e profissionais a serem desenvolvidas na formação do designer.
<sup>03</sup> Expanding participation participatory design in technology agenda-setting. (Marie Lena Heidingsfelder et al.)	Apresenta uma metodologia desenvolvida para integração e incentivo de participação de leigos no processo de IHC no desenvolvimento de produtos tecnológicos.
<sup>04</sup> Giving a voice through design: adapting design methods to enhance the participation of people with communication difficulties. (Roisin McNaney et al.)	Apresenta métodos para processos participativos de pessoas com dificuldades de comunicação.
<sup>05</sup> Anchoring and transcendence: PD as an 'enabler' in quality of life. (Niels Hendriks et al.)	Sugere métodos de PD para condução de ganhos secundários através dos pontos de ancoragem e transcendência a partir de processos participativos. Apresenta design sob medida e avalia qualidade de vida de pacientes com diabetes tipo 1.
<sup>06</sup> Evaluation in participatory design: a literature survey. (Claus Bossen et al.)	Analisa artigos publicados no PDC entre 90_2014 e identifica/avalia lacunas nos objetivos formais e ausência de procedimentos metodológicos detalhados.
<sup>07</sup> Designing in "constellations": sustaining participatory design for neighborhoods. (Karl Baumann et al.)	Investiga técnicas de participação ao longo do tempo em torno do mobiliário urbano que se tornam pontos de contato combinando fluxos físicos e digitais. Investiga a reinvenção do mobiliário urbano.

<i>Participatory Methods</i>	<b>CONTEÚDO</b>
08 Of kittens and kiddies: reflections on participatory design with small animals and small humans. (Yoram Chisik et al.)	Explora as semelhanças e diferenças em processos participativos que são enfrentadas por pesquisadores das áreas de interação animal e interação infantil.
09 Exploring user gains in participatory design processes with vulnerable children. (Selina Schepers et al.)	Apresenta uma análise sobre os benefícios do design participativo com crianças em situação de vulnerabilidade: autoestima, aprender a fazer, e ampliando horizontes.
10 Critical participatory design: reflections on engagement and empowerment in a case of a community based organization. (Mamello Thinyane et al.)	Reflete sobre o P.D e o envolvimento da equipe de organização comunitária para apoiar os serviços de assistência aos sem-tetos.
11 The library of engagements. (Emily Crompton.)	Reflete sobre a importância da disseminação da participação da comunidade no espaço público construído.
12 Does AI make PD obsolete?: exploring challenges from artificial intelligence to participatory design. (Tone Bratteteig et al.)	Reflete sobre as novas tecnologias (de inteligência artificial) em comparação aos processos de P.D.
13 De Andere Markt: transferring imaginations of work. (Liesbeth Huybrechts et al.)	Apresenta a participação como fator de mudança no futuro do trabalho diante da escassez de oportunidades de emprego. Sugere um espaço colaborativo, uma incubadora de ideias como iniciativa.
14 Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design. (Tuck Wah Leong; Toni Robertson.)	Reflete sobre métodos e ferramentas úteis para apoiar pessoas idosas a expressarem valores e a participarem de processos de design.

Fonte: O autor.

Nesta RSL, objetivou-se identificar de forma sistemática pesquisas que apontem para procedimentos metodológicos, métodos ou ferramentas participativas, dentre os 14 resultados, 03 estudos não apresentam tais informações, dessa forma, foram excluídos da RSL. São eles:

- Resultado 06 – *Evaluation in participatory design: a literature survey*;
- Resultado 11 – *The library of engagements*;
- Resultado 12 – *Does AI make PD obsolete? Exploring challenges from Artificial Intelligence to Participatory Design*.



No resultado 06 os autores discutem sobre a importância de sistematizar objetivos formais e métodos em pesquisas com design participativo e assim realizaram uma busca sistemática em estudos publicado na plataforma on-line do PDC entre 1990 – 2014, e apontam que:

“As avaliações do design participativo sofrem de falta de clareza: nossa pesquisa revela uma série de fragilidades na área de avaliações de PD de processos e resultados. Primeiro, os trabalhos raramente se referem um ao outro e parece iniciar a avaliação do zero. Segundo, em muitas instâncias, o método e as formas de análise não são claros, principalmente com relação ao papel dos avaliadores (pesquisadores / gerentes de projetos / participantes) e estabelecimento de critérios. Terceiro, os documentos fazem pouco uso da teoria e literatura de avaliação existentes” (BOSSSEN et al. 2016, p. 158) tradução nossa.

De acordo com os autores Bossen; Dindler; Iversen (2016), essa sistematização de objetivos e métodos nas práticas do design participativo que contribuem para seu fortalecimento bem como fortalecem o aprendizado e a construção do conhecimento. Os autores ainda apresentam uma tabela, que fora adotada para esta pesquisa a ser tomada como exemplo modelo na sistematização do procedimento metodológico, para avaliar em relação a cada estudo selecionado: proposta, quem conduz, participantes, critério de definição, método, audiência pretendida e intenção de uso, conforme figura 07:

Figura 07: Tabela síntese.

	PURPOSE	CONDUCTED BY	PARTICIPANTS	CRITERIA DEFINED BY	METHOD	INTENDED AUDIENCE	INTENDED USE
Thoresen [42]	Decision making during project; evaluation of prototype & process model	Researchers part of project (=project managers?)	Users, local management, system developer	Researchers, during the project	Qualitative: Workshop	End-users, local management, system developers	Decision-making during project
Clement <i>et al.</i> [9]	Learning across 10 early PD projects in a long term perspective	Researchers external to projects	Project report authors	External evaluators, after the projects	Qualitative: open-ended survey and interviews	PD researchers and practitioners	Learning, assess outcomes (e.g. democratization)
Timpka and Sjoberg [43]	Explore dynamics of small-group design meetings	Researchers as external evaluators	None (observation and video taping)	Researchers, after the project	Qualitative: Observations and video	PD researchers and practitioners	Theory and model building
Mambrey <i>et al.</i> [27]	Assess new method for involvement; reflect upon designers' experiences	Researchers part of project as project managers	Designers & 'user advocates', both part of project	Researchers, after the project	Qualitative: Interviews	PD researchers and practitioners	Learn about the PD process and its effect on designers
Simonsen and Hertzum [38, 39], Hertzum and Simonsen [20]	Ensuring desired effect in use of IT system	Researchers part of projects	Researchers part of project, vendor, customer, staff	Stakeholders, Before and during project	Mixed-methods: interviews, audit observations, questionnaires, locating tracking	All stakeholders	Formative: decision-making, inform design and implementation
Bossen <i>et al.</i> [4,5]	Assess participant gains	External researcher and researchers part of projects	Users, politicians, managers	Researchers, after the project	Qualitative: semi-structured interviews	Research community	Learning about the outcome of PD processes
Garde and van der Voort [14]	Assess process, results, participant gains during & after project	Researchers, one acting project co-manager	Project participants and management	Researchers, after the project	Mixed-methods: Interviews and questionnaires	PD researchers and practitioners	Learning, assess outcomes (e.g. mutual learning)
Gerrard and Sosa [15]	Discover trends and patterns in the perception of participation	Researchers part of projects	Research partners from a research collaboration	Researchers, after the project	Qualitative: Semi-structured interviews	PD researchers and community	Develop a framework for evaluating PD
Whittle [44]	Assess relationship between depth of participation vs. outcomes.	Researchers also part of management team for involved subprojects	None (evaluation based on existing material)	Researcher, after project	Qualitative methods, own participation, ethnography	PD researchers and practitioners	Learning (how much participation is enough?)
Kapuire <i>et al.</i> [31]	To assess participant and community gains	Researcher also part of the project	Project participants from the community	Researcher, after project	Qualitative: interviews, meetings	PD researchers and practitioners	Learning, assess personal and community gains

Fonte: Bossen; Dindler; Iversen (2016).

Compreendemos que para a formação da pesquisa científica, a formatação do método em relação aos objetivos, é necessária. Dessa forma, apoiamo-nos nessa sistematização para compor o percurso metodológico para através do design fazer pesquisa. Diante desse cenário, neste artigo supracitado, ressalta-se a importância de apresentar um percurso metodológico sólido, delimitando cada etapa a ser seguida, bem como descrever a utilização de eventuais ferramentas que são utilizadas no percurso, duração e tempo de cada etapa, atores envolvidos e o espaço onde será conduzido a abordagem participativa.

O resultado 11, The library of engagements (a biblioteca de engajamentos, em tradução literal), discorre sobre um conjunto de métodos, técnicas e possíveis ferramentas para fomentar a participação de cidadãos na produção do espaço urbano, que consiste em um catálogo, biblioteca, para acesso dos usuários. No entanto esta pesquisa não discorre sobre métodos, técnicas e ferramentas, e sim, faz a reflexão sobre a importância de sua configuração.

No resultado 12, Does AI make PD obsolete? Exploring challenges from artificial intelligence to participatory design, Bratteteig; Verne (2018) refletem sobre possíveis sobreposições da inteligência artificial sobre o design participativo, uma vez que existem

desafios na avaliação de projetos em design participativo, enquanto a inteligência artificial continua se modificando ao passar do tempo, é treinável e vai treinando o usuário. Nesse artigo, os autores não apresentam métodos, técnicas ou ferramentas, sendo assim, excluído da RSL.

### 2.3.2 Síntese dos estudos no PDC

Para facilitar o entendimento, compreensão e ainda no intuito de extrair as informações necessárias para esta dissertação, um quadro fora elaborado, tomando como base a figura 07 apresentado por Bossen; Dindler; Iversen (2016). Para sistematizar as informações, foram destacados dos artigos selecionados: título do artigo, método, técnica ou ferramenta utilizada nas abordagens participativas, tempo, quantidade de participantes e objetivos. Nesse momento posicionou-se o foco em extrair informações sobre procedimentos aplicados durante encontro participativos. Assim, a seguir será apresentada uma síntese de cada estudo e quais dados foram extraídos:

Resultado 1: *Empowering people with impairments: How participatory methods can inform the design of empowering artifacts.*

Este estudo reflete sobre o empoderamento de pessoas com deficiência por meio de processos de design participativo, tais processos devem ser adaptados não somente ao projetar, mas também aos participantes. Descreve uma sessão de *workshop* dividida em 03 etapas, apresenta o método narrativo onde os participantes são estimulados a discutir em torno de questões levantadas durante as sessões do *workshop*. Entretanto não apresenta em detalhamento a aplicação de métodos, ferramentas ou técnicas, apenas as questões utilizadas durante o *workshop*:

“Posicionamento por deficiência: Qual é a visão do projeto sobre a deficiência? Como é abordada durante o processo? (2) Equivalência: Como as contribuições foram igualmente apoiadas? Como as atividades suportam um idioma compartilhado? (3) Balanceamento de pontos de vista: Como os diferentes pontos de vista dos participantes foram tratados? (4) Desafios éticos: Quais desafios éticos foram encontrados e como foram tratados? E (5): Ajuste da técnica / ferramenta: Que nível de flexibilidade da abordagem e dos materiais era necessário (por exemplo, mudanças feitas no local)?” (FRAUENBERGER et al. 2016, p. 2) tradução nossa.

Resultado 2: *What you gain and what it takes: A student's reflection on a participatory design project.*

Neste estudo os autores apresentam uma reflexão sobre habilidades e qualidades exigidas do designer, seja estudante ou profissional, para atuação em campo. Os autores ainda

relatam a participação de fisioterapeutas com o objetivo de prototipar um espaço ideal para realização de atividades. Liderados pelo designer, 03 sessões generativas oferecem espaço para a participação; cada sessão corresponde a 01 hora de duração, com 03 ou 04 terapeutas. Vale ressaltar que nesse *workshop* os pacientes não são citados como participantes durante as sessões:

“Em três sessões generativas com três ou quatro terapeutas, os participantes foram convidados a construir colaborativamente sua própria sala de ginástica ideal. Para esse fim, foi fornecido um modelo em escala do espaço futuro, juntamente com o material para mexer para fornecê-lo (Fig. 1). Esse método foi inspirado em Sanders [13], que realizou sessões semelhantes com os enfermeiros. Cada sessão durou uma hora, durante a qual a construção do modelo e as discussões sobre ele se alternaram” (STAM; BOON, 2018, p. 2), tradução nossa.

O método utilizado para prototipar no *workshop* fora anteriormente desenvolvido por Elizabeth Sanders (2018) e será discutido a seguir.

Resultado 3: *Expanding participation – participatory design in technology agenda-setting.*

Integrar leigos em processo de design para IHC (interação humano-computador) é a premissa deste estudo. Nesta pesquisa, o papel do designer como mediador é reforçado. Os métodos utilizados são: *workshop* com storytelling e protótipos especulativos com o objetivo de estimular a participação de usuários leigos. Entretanto, não apresentadas informações como: quantidades de participantes, duração ou tempo.

Resultado 4: *Giving a voice through design: adopting design methods to enhance the participation of people with communication difficulties.*

Este artigo reflete sobre usuários com dificuldades de comunicação envolvidos em práticas de design participativo e como este fator pode ser impactante nos métodos participativos, uma vez que, segundo os autores, esses métodos demandam habilidades comunicacionais. Para este estudo, os autores utilizaram o formato *workshop* com duração de 01 dia, entre 10-15 participantes. Para as sessões fora proposto um esquema: 1 – exploração, os integrantes se apresentam, 2 – interação, discutem ideias e tensões, 3 – gerar métodos, discutem técnicas específicas para cada problema. Cada sessão é feita em grupo com o objetivo de propor soluções para cada problema identificado na sessão anterior.

Resultado 5: *Anchoring and transcendence: PD as an ‘enabler’ in quality of life.*

Neste artigo a proposição consiste em inserir o usuário com diabetes tipo 01 em sessões de *workshop*, trabalhando de forma participativa no intuito de repensar o bem-estar de pessoas com essa patologia. Avalia como os métodos de design participativo conduzem a ganhos secundários, bem como aborda um design sob medida que permita futuros redesigns por outras pessoas. Apresenta uma sessão de *workshop* com 10 participantes, entre designer, designer de moda, pacientes, cujo objetivo consiste em investigar problemas relacionados à diabetes tipo 01. Durante a sessão trabalham as dificuldades de aplicação de insulina de forma discreta. Os autores trabalham em torno do termo transcendência no intuito de exemplificar como esse equilíbrio entre bem-estar físico, mental e espiritual se dá a partir da participação de pessoas com deficiências similares:

“Segundo Ehn, um aspecto central da DP é a dialética da tradição e da transcendência no design e no uso. No entanto, a quebra do conhecimento tradicional, como um processo de transcendência, ao descobrir novos aspectos do que já foi entendido, também foi visto como importante para projetar. Ehn se refere à tensão entre entender e apreciar o conhecimento existente e a criação de novos conhecimentos. O discurso sobre a aprendizagem mútua como componente central do PD também se concentra nessa tensão, pois fornece usuários e designers durante o projeto de PD com conhecimento sobre as práticas existentes, o processo geral de design e o potencial da tecnologia para essas práticas. A maioria dos métodos e técnicas de PD (por exemplo, maquetes, jogos de design ou materiais de vídeo) são de fato projetados para trazer à tona o conhecimento existente e fornecer insights sobre as práticas atuais, mas sua motivação geral é obter transcendência, facilitando uma linguagem compartilhada para discutir ressentir e investigar ideias futuras” (HENDRIKS et al. 2016, p. 2), tradução nossa.

Resultado 7: *Designing in “constellations” – sustaining participatory design for neighborhoods.*

Este estudo investiga o valor distintivo de uma constelação de atividades participativas que sustentam o engajamento em uma praça urbana combinando fluxos físicos e digitais. Investiga a reinvenção do mobiliário urbano e trabalham técnicas de participação através do tempo em torno dos objetos que são pontos de contato entre a comunidade. Como métodos, utilizam *workshops* entre 10 – 25 participantes e são divididos por zonas de contato: equipes fluídas, zonas físicas de contato e zonas culturais de contato.

Resultado 8: *Of kitties and kiddies – reflections on participatory design with small animals and small humans.*

O *workshop* acontece em 05 sessões durante 01 dia, com participação entre 10-25 pesquisadores. As sessões são divididas em: Introdução – apresenta a objetivo e convida para

todos participarem, 1 apresentação – participantes compartilham experiências com o design participativo com animais e bebês, 2 mapeamento – apresentam similaridades e diferenças em trabalhar com animais e bebês, 3 discussão – identificam potencialidades de pesquisa e colaboração entre pesquisadores e por fim, 4 planejamento – compõem plano de ação baseado nos requisitos das sessões anteriores.

Resultado 9: *Exploring users gains in participatory design processes with vulnerable children.*

Neste estudo os autores apresentam uma análise sobre os benefícios do design participativo com crianças em situação de vulnerabilidade. Nesta análise, são identificados 03 fatores positivos ao trabalhar de forma participativa: autoestima, aprender a fazer, e ampliando horizontes (Schepers et al. 2018). Como método utilizam *workshop* interativo, observação participante, que de acordo com os autores Moraes; Santa Rosa (2012), consiste em uma técnica qualitativa e etnográfica que tem por objetivo acompanhar, observar e vivenciar as atividades com o grupo o qual se pretende investigar, avaliação e iteração de processos do *workshop*. Participaram entre 25 – 35 crianças com métodos existentes de design participativo para crianças, no entanto estes métodos não são exemplificados na pesquisa. Esse projeto teve duração de 02 meses, entre abril e maio de 2016.

Resultado 10: *Critical participatory design: reflections on engagement and empowerment in a case of a community-based organization.*

Nesse artigo, os autores discutem o envolvimento de uma equipe de organização comunitária através do design participativo com o objetivo de desenvolver uma ferramenta tecnológica para apoiar serviços de assistência a sem-teto. Apesar de apontarem um objetivo em comum para as sessões de design participativo, uma descrição detalhada dos procedimentos, métodos, técnicas ou ferramentas não é apresentado. Divididas em 05, as sessões propõem: 1 descrição – explorando informações iniciais, 2 descrição reflexiva – interpretação da sessão anterior, dados compartilhados via whatsapp, 3 reflexão dialógica – explorando relações, diferentes pontos de vista e hipóteses, cada membro apresenta sua proposta e em contrapartida, os demais participantes são estimulados a oferecer sugestões e melhorias, 4 reflexão transformadora – propõe adaptações e mudanças de opiniões, ainda na proposição de melhorias. 5 reflexão crítica – nível mais profundo de reflexão, tangenciando questões sócio-políticas. Fora utilizado em cada sessão: gravação, notas, rascunhos a mão feitos pelos pesquisadores.

Resultado 13: *The Andere Markt. Transferring imaginations of work.*

Neste estudo a reflexão é posicionada sobre a participação como um fator de mudança para um cenário no qual as ofertas de trabalho diminuiriam influenciadas por diversos fatores. Andere Markt é um laboratório vivo na cidade de Genk, Bruxelas, que por meio do design participativo as estações de trabalho semi-ficcionais projetam o futuro do trabalho em conjunto com cidadãos locais, organizações públicas e privadas e uma rede internacional de pesquisadores. Objetivam criar juntos estações de trabalho para fomentar oportunidades de trabalho. Os autores apresentam uma sessão interativa com duração de 05 minutos, formando cada grupo com 05 participantes e contando com 10 minutos para reflexão.

Resultado 14: *Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design.*

Este artigo discute oficinas de design participativo com usuários idosos no objetivo de articular valores relacionados a experiência de envelhecimento e de compreender como pessoas idosas decidem ou não adotar e utilizar tecnologias que suportem suas aspirações. Os autores refletem sobre o uso de métodos e ferramentas para apoiar esta reflexão. Para tanto, utilizaram um *workshop* com duração de 01 dia, com 08 idosos. A primeira parte do *workshop* consiste em dois momentos: o primeiro teve como objetivo apoiar o surgimento de valores e tentar entender como os participantes expressaram e experimentaram seus valores em relação ao envelhecimento, para isso fora pedido para cada participante trazer consigo para o *workshop* algum item pessoal para que fosse apresentado e acerca disto fossem discutidas questões de valor. Após essa etapa, os autores utilizaram a ferramenta diagrama de afinidades para agrupar cada valores citados durante a sessão. Segundo Hanington; Martin (2012) “o diagrama de afinidades é um processo usado para externalizar e agrupar observações e insights significantes da pesquisa, mantendo as equipes de design fundamentadas nos dados durante a criação” (HANINGTON; MARTIN, 2012, p. 13). A segunda parte consiste em introduzir várias tecnologias da informação e comunicação (TICs) emergentes que incluíam pessoas idosas como público proposto para usuário.

Diante do que fora encontrado nos artigos identificados na RSL na plataforma *on-line* do PDC nas edições de 2016 e 2018 (de acordo com o protocolo da RSL), formatou-se um quadro no intuito de reunir dados relevantes para compreender quais métodos, técnicas e ferramentas são utilizadas em abordagens participativas. Essa formatação facilita visualizar a sistematização de um procedimento metodológico, levando em consideração fatores importantes para execução como: o tempo, participantes, método, ferramentas e/ou técnicas,

informações estas, extraídas da síntese dos estudos supracitados. O quadro 11 sintetiza estes dados:

Quadro 11: Métodos, ferramentas e técnicas.

<b>Título</b>	<b>método</b> ferramenta/técnica	<b>participantes</b>	<b>tempo</b>	<b>objetivos</b>
01 Empowering people with impairments: how participatory methods can inform the design of empowering artifacts.	workshop método narrativo	20	03 sessões: manhã; tarde.	promover participação
02 What you gain and what it takes: a student's reflection on a participatory design project.	sessões generativas	3 / 4	03 sessões: 01 hora.	prototipar sala de exercícios
03 Expanding participation participatory design in technology agenda-setting.	workshop storytelling prototipação	106	03 sessões.	promover participação de leigos.
04 Giving a voice through design: adapting design methods to enhance the participation of people with communication difficulties.	workshop	10 / 15	01 dia.	gerar métodos.
05 Anchoring and transcendence: PD as an 'enabler' in quality of life.	workshop	10	01 dia.	refletir participação e transcendência
07 Designing in "constellations": sustaining participatory design for neighborhoods.	workshop prototipação	10 / 25	N / C	prototipar mobiliário urbano
08 Of kittens and kiddies: reflections on participatory design with small animals and small humans.	workshop	10 / 25	01 dia 05 sessões.	criar plano de ação
09 Exploring user gains in participatory design processes with vulnerable children.	workshop observação participante desenho	25 / 35	03 fases: 03 meses.	promover participação com crianças
10 Critical participatory design: reflections on engagement and empowerment in a case of a community based organization.	prototipagem brainstorming discussão	N / C	06 sessões	projetar elementos de UI.
13 De Andere Markt: transferring imaginations of work.	workshop	N / C	01 sessão	prototipar estações de trabalho colaborativas
14 Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design.	workshop speed dating diagrama de afinidades	08	01 dia	refletir sobre uso de tecnologia

Fonte: O autor

Conforme fora observado, após mapeamento e síntese de cada estudo, seus métodos, ferramentas e técnicas aplicadas para estabelecer a participação, é possível inferir que para que essa participação aconteça, é necessário inserir o usuário nas etapas projetuais; dos primeiros encontros à prototipação final e/ou apresentação dos resultados. Apesar dos estudos apontarem



que não existe uma estrutura rígida, a saber de um método pré-estabelecido, ferramentas, quantidade de participantes e objetivos, para que uma metodologia participativa se estabeleça, identifica-se que tal formatação é necessária, uma vez que o fortalecimento do design participativo segundo Bossen et al. (2016), se dá através da sistematização do percurso metodológico, bem como uma clara definição dos objetivos da pesquisa ou projeto participativo, o que reforça também a construção do conhecimento e do aprendizado.

## 2.4 Métodos, ferramentas e técnicas do ergodesign

No livro Design Participativo, técnicas para inclusão de usuários em processos de ergodesign de interfaces, é possível identificar métodos, ferramentas e técnicas para facilitar a participação de usuários como o título sugere. Diferente do Design participativo escandinavo, a participação a partir do ergodesign é pautada em etapas (apoiadas por métodos, ferramentas e técnicas), e não necessariamente parte de um processo político, social ou democrático. Nele, podemos conduzir o processo levando a proposição do método, diferente do participativo escandinavo, em que esse desenvolvimento é feito em campo junto aos atores envolvidos.

Dessa forma, pensamos no método de design, extraído do livro dos autores Moraes; Santa Rosa (2012), em função do tempo para realização desta pesquisa como um todo, assim como o tempo para realização da etapa de ida a campo, (levando em consideração que o modelo participativo escandinavo demanda mais tempo para sua execução). A partir da leitura dos autores acima, buscou-se sintetizar informações sobre métodos, ferramentas e técnicas para facilitar a compressão como um todo, bem como identificar possíveis desdobramentos para apoiar o método de design que será proposto a seguir.

Moraes e Santa Rosa (2012) apresentam em seu livro um total de 28 técnicas que podem ser utilizadas em uma abordagem participativa no processo de ergodesign de interfaces, entretanto, de acordo com a especificidade deste estudo de caso que pretende investigar através de uma abordagem participativa como desenvolver representações simbólicas para projeto gráfico com usuários transgêneros, são apresentados métodos que foram identificadas para se trabalhar em busca deste objetivo. São eles: *workshop* (atividades práticas-criativas que se encaixam com a proposta de produzir representações simbólicas), método de produção e método de reidentificação como ferramentas (para apoiar a produção e reidentificação das representações). Tais métodos se encaixam com a proposta desta dissertação por dois fatores: o tempo da pesquisa, que apesar de serem métodos participativos oriundos do ergodesign

(diferentemente do Design Participativo escandinavo), estes podem ser aplicados em um determinado espaço de tempo. Vale ressaltar que diante da pandemia pelo coronavírus enfrentado durante o desenvolvimento desta pesquisa, inviabilizou os encontros presenciais entre designer e usuários transgêneros pela quantidade de participantes, influenciando diretamente na etapa de pesquisa de campo.

#### 2.4.1 *Workshop*

Segundo os autores Moraes e Santa Rosa (2012), *workshops* são atividades práticas e criativas, as quais, designers e participantes se reúnem em imersão em um ou dois dias para refletir sobre o projeto e seus desdobramentos. Conforme levantado anteriormente, é possível inferir que essa técnica é frequentemente utilizada em projetos e abordagens participativas. Ainda segundo Moraes; Santa Rosa (2012), nos *workshops*, os usuários possuem voz ativa e discutem de igual para igual (entre especialista e difuso). Os autores citam que Sanders (2002) combina a esses *workshops* as ferramentas geradoras: “O conceito geral é a estratégia “dizer-fazer-fazer”, que combina a visão da pesquisa de mercado (“O que as pessoas dizem?”), da etnografia (“O que as pessoas fazem?”), e do design participativo (“O que as pessoas fazem?”)” (MORAES; SANTA ROSA, 2012, p. 65-66). Entretanto, é preciso salientar que ao falar das ferramentas generativas ou as *make tools*, Sanders (2002) reflete sobre essa triangulação de informações ao citar que é preciso entender o que as pessoas dizem (*what people say?*), o que as pessoas fazem (*what people do?*) e o que as pessoas fazem (*what people make?*). Vale ressaltar que existe uma diferença, ainda que não apontada pelos autores, entre *do* e *make* onde o *do* está diretamente ligado a um dever, tarefa ou uma atividade, e o *make*, associado a uma criação, construção ou execução de algo, dessa forma, a autora acrescenta que essas ferramentas estão direcionadas para o que as pessoas criam, acessando diretamente o conhecimento tácito e quando essas três perspectivas (*say, do, make*) são acessadas simultaneamente, a empatia é estabelecida.

#### 2.4.2 Método de produção

Este método, segundo Moraes; Santa Rosa (2012), consiste na produção de símbolos gráficos representados pelos usuários por meio de conhecimento de imagens mais representativas para eles. A autora Eliana Formiga (2002) cita que “neste método formativo, os participantes da pesquisa reproduzem em desenho, conceitos que foram expressos verbalmente

ou por escrito numa pré-apresentação” (FORMIGA, 2011, p. 43). Dessa forma, podemos inferir que não apenas símbolos gráficos, mas sim desenhos, que os usuários possuem em seus modelos mentais. Esse método se apresenta adequado para parte da proposição desta pesquisa, uma vez que objetiva-se trabalhar de forma participativa com usuários transgêneros.

Para sua execução, uma folha de papel com espaço suficiente para cada desenho é oferecida ao participante, com uma explanação oferecida previamente, de acordo com os objetivos do que se pretende investigar. Ainda segundo Formiga (2011), o objetivo deste método é avaliar o repertório das imagens que são relacionadas aos conceitos citados anteriormente.

#### 2.4.3 Método de reidentificação

Este procedimento, segundo Formiga (2002), consiste em uma validação do que fora produzido anteriormente no método de produção. É possível avaliar por este método a facilidade de compreensão e de memorização de cada conceito vs. símbolo. Ele pode ser feito através de imagens impressas ou projetadas” (FORMIGA, 2002, p. 49). Dessa forma, esse método também fora adotado para compor o procedimento de investigação com os transgêneros durante a ida a campo que será descrito no capítulo 3 metodologia.

Vale ressaltar que utilizamos esses métodos, apoiando-se em conceitos (teoria) que nos conduziram durante a ida a campo. Os métodos foram tencionados e adaptados para atingirmos nosso objetivo.

### 2.5 Provótipos e metadesign

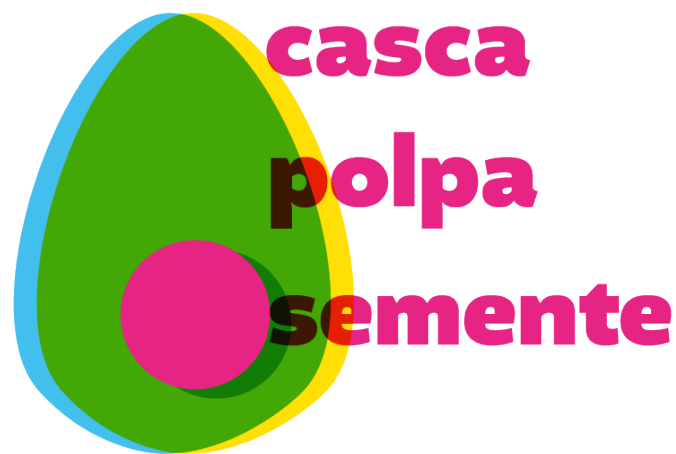
Na prática projetual, para se posicionar em um ambiente social é preciso aproximar-se do outro e estabelecer diálogo para que seja possível compreender a dimensão de um problema ou necessidade, e dessa forma, juntos, ir de encontro a possíveis desdobramentos. Para se posicionar em campo no Hospital Universitário Materno Infantil, é necessário participar com os usuários transgêneros que compõem o corpo de pacientes do grupo terapêutico. Diante desse cenário, formata-se uma nova pergunta: como aproximar-se do outro e como construir com o outro a solução para uma demanda, repensando as metodologias tradicionais, uma vez que tal demanda surge em um ambiente com novos atores e com necessidades específicas?

Para Joachim Halse (2010), pode-se oferecer aos atores, ferramentas de design para que estes possam construir seus próprios protótipos, e dessa forma, possam contar suas histórias sobre os seus próprios futuros, e também, produzir coisas que revelem seus sonhos e aspirações. Nesse momento, resgata-se as ferramentas generativas e as *make tools* de Elizabeth Sanders (2002) que podem ser entendidas como ferramentas para prototipar soluções “as *make tools* e técnicas emprestadas do design e da psicologia, e envolver participantes fazendo-os realizar um ato criativo em relação ao assunto em estudo” (SANDERS; STAPPERS, 2018, p. 70).

Os autores Boer; Donovan, (2012), apresentam a ideia de provótipos (*provocative prototypes*), que devem apoiar as pessoas a seguirem sua curiosidade sobre os fenômenos, através do envolvimento delas. Os provótipos apresentam e incorporam tensões a cerca de um campo, para apoiar uma análise de forma colaborativa entre as partes interessadas (BOER; DONOVAN, 2012). Pensar em “protótipos provocativos” como ferramentas para o design, algo que consiga despertar sentimentos, desejos e aspirações, mostra-se um caminho válido para o percurso metodológico dessa dissertação. Encontra-se nos provótipos a oportunidade de trabalhar de forma participativa, atingindo camadas mais profundas/sentimentos, nos usuários transgêneros.

Ainda sobre provótipos, ferramentas que consigam atingir camadas mais densas (sentimentos, desejos, aspirações) nos usuários, estas podem ser entendidas como Metadesign, que de forma simplificada, pode ser explicado como, o design para fazer design, assim como os protótipos, que servem para ilustrar, representar parte o todo o projeto final. Em busca de entender onde se pretende chegar, utilizou-se uma analogia, comparando o objetivo de atingir camadas mais profundas nos usuários com um abacate, cuja casca é o nível superficial e de maior tangibilidade, onde facilmente atinge-se, seja através de uma entrevista, um questionário ou um *briefing* com o usuário. O substrato ou polpa é a camada a seguir, que embora não seja superficial, ainda é facilmente atingível, pois a casca não oferece maior resistência, a seguir apresentamos, conforme figura 08:

Figura 08: Abacate e camadas



Fonte: Notas de Aula (NORONHA, 2019).

Por fim, encontra-se na semente a parte mais densa e de difícil acesso, algo que só pode ser acessado por meio de estímulos, e que através de uma entrevista, questionário, ou mesmo uma observação participante como metodologia, não seria possível. É possível inferir que provótipo se encaixa na ideia de metadesign, que segundo Vassão (2010), apoiado nos conceitos de Maturana (1998) e Virilio (1996), é um processo em que um ser vivo alcança sua autorregeneração ou autocriação, o que os autores denominam: auto-poiésis. Ainda segundo Vassão:

“Essa acepção reflexiva, alude à própria etimologia do termo: desde a Metafísica de Aristóteles, o prefixo “meta-” aplica-se a um movimento reflexivo de autoconhecimento, ou de auto-observação: utilizar meios de um campo para considerar esse próprio campo” (VASSÃO, 2010, p. 19).

Acessar nos usuários a camada mais densa - a semente do abacate - não é tarefa fácil, porém pode ser conseguido acessando suas memórias e experiências, e dessa forma é possível aprender com eles. Ainda sobre provótipos, Sanders (2002) cita as *make tools* (ferramentas do fazer), e que através destas ferramentas é possível acessar nos usuários, memórias e experiências. Rafael Cardoso (2016), “a maioria das experiências que temos a nosso dispor não é acessada a qualquer momento pelos sentidos, mas por meio da memória” (CARDOSO, 2016, p. 73).

É possível aprender com as pessoas, entrevistando-as, ouvindo o que estas têm para dizer, interpretando o que expressam, assistindo o que fazem, descobrindo o que sabem,

entendendo o que sentem, apreciando o que sonham (Sanders; Stappers, 2018). No entanto, se ao adotar cada uma dessas abordagens no intuito de realizar uma investigação, tais procedimentos conduzem apenas para as respostas que se pretende obter. Cain (1998) cita que saber o que as pessoas usam, pensam e fazem não é suficiente, já para Sanders (2002), “compreender como as pessoas se sentem nos dá a capacidade de simpatizar com elas (SANDERS, 2002, p. 3, tradução nossa). Isso pode ser percebido na intensidade dos vínculos sociais, fortalecendo as relações pessoais através de um encontro colaborativo (MANZINI, 2017).

Diante desse cenário, pretendemos através de um processo participativo, acessar camadas mais profundas, sentimentos, desejos e aspirações nos usuários transgêneros, apoiado pelos métodos elencados para produção de representações simbólicas.

## **2.6 Classificação e recomendações para o design de símbolos.**

Para desenvolver representações simbólicas com os usuários transgêneros, precisamos compreender o design de símbolos e para tanto é preciso resgatar sua origem, sua função e utilização, para isso, nos apoiamos na semiótica, que trata da comunicação em diversos aspectos: “a teoria da informação preocupa-se com a elaboração da mensagem enquanto a semiótica estuda os signos e seus significados” (FORMIGA, 2011, p. 21). Ao tratar de signos a autora ressalta que na definição de conceitos o uso recorrente de alguns verbetes vai se modificando em relação ao seu significado: ícone, signo, símbolo, pictograma, símbolo gráfico, entre outros.

Pode-se inferir que o surgimento dos signos se dá desde as representações rústicas do homem primitivo enquanto viveu nas cavernas, como uma forma de representar cenas do cotidiano e compor histórias, “os pictogramas evoluíram para os hieróglifos egípcios e as inscrições em cascos de tartarugas na antiga China” (FORMIGA, 2011, p. 22). Observa-se que o surgimento dos signos traz a possibilidade de expressar de forma visual, uma ideia, uma história, um sentimento, e dessa forma, esse mesmo signo que é informação, é passivo de sofrer interpretação: “cada signo empregado é, ele próprio, uma coisa material. Não existe um signo apenas pensado, que possa ser signo independentemente de uma realização, pois quem pensa alguma coisa, pensa em signos que aprendeu e pode levar à expressão” (FORMIGA, 2011, p. 23). Nesse momento a autora conduz a reflexão sobre a relação entre símbolo e seu significado, e para tanto, aciona conceitos da semiótica.

Para compreender o signo é preciso observá-lo a partir de três categorias, de acordo com o grau de associação: primeiridade - associação imediata, secundidade – associação por contiguidade, ou seja, aquilo que é próximo, terceiridade – associação por convenção (Formiga, 2011).

Existem 03 tricotomias de Peirce que nos auxiliam a compreender as relações com os signos (Formiga, 2011);

- A primeira – estabelecida entre o representamen e o signo (signo em relação a si mesmo). Esse mesmo signo, divide-se em qualissigno (representado por cor, textura e luz), sinsigno (referente as associações) e legissigno (que descreve vários outros objetos, concordância ou convenção).
- A segunda – a relação entre signo e objeto: ícone (representação por semelhança), índice (representação por associação, por indicação), símbolo (representação convencionalizada, norma).
- A terceira – signo em relação ao interpretante, vale ressaltar que o interpretante não é o intérprete do signo, e sim, o ou os significados que este signo estimula. Rema (signo compreendido, mas sem contexto. Hipótese de sentido, grau de incerteza elevado). Dicente (expressão de ideia passiva de julgamento). Argumento (o significado é entendido sem possibilidades de dúvidas).

Revisar essas tricotomias nos ajuda a compreender e classificar, em quais níveis se situam as produções dos usuários transgêneros durante a produção das representações simbólicas a partir do uso dos métodos para produção e reidentificação de símbolos.

Tratando de símbolos e representação simbólica, conforme apresentado por Carl Jung (2016), símbolo, ou aquilo que é simbólico, é o que inaugura outros conteúdos, implica sempre em alguma coisa além do significado, ou seja, a consciência não consegue esgotar os significados, pois este é sempre criativo.

Nesse sentido, podemos inferir que o corpo é um símbolo, ele não acaba em si, ele escapa da própria dimensão do eu. Dessa forma, a representação simbólica é o que buscamos atingir com o método de produção. O conceito de símbolo é diferente de signo. O símbolo pressupõe sempre que a designação escolhida para seu significado seja sempre a melhor.

Representação simbólica, portanto, vem do uso de símbolos para expressar e representar uma ideia, um pensamento. Diante do exposto, partimos para o capítulo 3, onde são apresentadas as descrições dos procedimentos metodológico em campo.



## CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E TÉCNICAS

### 3.1 Método de pesquisa

Por método, entende-se como caminho, forma, modo sistemático. Trata-se de um conjunto de operações ou processos para uma pesquisa, que podem ser gerais ou de abordagem, “oferecem ao pesquisador normas genéricas destinadas a estabelecer uma ruptura entre objetivos científicos e não científicos (ou de senso comum).” (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 26).

Para Gil (2019) a pesquisa parte de um processo formal, sistemático de desenvolvimento a partir dos métodos científicos, cujo objetivo é descobrir respostas para problemas, frente a aplicação de procedimentos. Pesquisa, portanto, é a racionalização desses métodos científicos, sistematizados para a solução de problemas ainda não investigados. Dessa forma é preciso caracterizar a pesquisa a fim de compreender qual seu caráter, qual sua abordagem, quais procedimentos e instrumentos foram utilizados.

O método pode se caracterizar como, segundo Lakatos e Marconi (2018), como: indutivo, dedutivo, dialético e hipotético-dedutivo. A presente pesquisa se encaixa dentro do método indutivo por se tratar de uma pesquisa “cuja aproximação dos fenômenos caminha geralmente para planos mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias”, (LAKATOS; MARCONI, 2018. p. 106). Para Freitas e Prodanov (2013) o método indutivo se relaciona ao empirismo, responsável por seu caráter generalista, e é nesse método de abordagem “que partimos da observação de fatos ou fenômenos cujas causas desejamos conhecer”, (FREITAS; PRODANOV, 2013. p. 29).

De natureza aplicada, com abordagem qualitativa, a presente pesquisa objetiva desenvolver e reidentificar representações simbólicas do corpo de pessoas transgêneras a partir de um processo participativo de design. A pesquisa quanto aos fins é descritiva, que segundo Freitas; Prodanov (2013), “expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados” (PRODANOV; FREITAS, 2013. p. 127), e exploratória, que visa investigar, auxiliando na definição e no delineamento, além de descobrir um novo enfoque para o tema trabalhado. Ainda segundo Prodanov; Freitas (2013), a pesquisa exploratória é de planejamento flexível, permitindo investigação do tema através de diversos ângulos, e no geral engloba levantamentos bibliográficos e estudos de caso. Já segundo segundo Gil (2019), a pesquisa exploratória:

“Têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas” (GIL, 2019. p.41).

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa fora desenvolvida a partir de um estudo de caso, com revisão bibliográfica sistemática e assistemática, tomando como fundamentação teórica literatura de base e artigos publicados em periódicos *on-line*, no intuito de investigar o estado da arte em publicações sobre temas que relacionem: design, transgêneros e design participativo. Embora a revisão sistemática da literatura (RSL) a partir do protocolo aplicado nas bases, não tenha retornado resultados satisfatórios, uma revisão bibliográfica assistemática sobre o transgênero, auxiliou, na construção do aporte teórico sobre os mesmos e suas necessidades em relação a imagem e a percepção destes em relação ao corpo e suas mudanças durante a transição. Sobre o estudo de caso, segundo Lakatos e Marconi, (2018) podem ser utilizados vários instrumentos para procedimento de coleta de dados para observações empíricas, análise e tratamento de informações.

Diante do exposto, a figura 05 ilustra o processo metodológico de maneira completa:

Figura 09: Classificação da pesquisa

<b>MÉTODO</b>	<b>indutivo;</b>
<b>NATUREZA</b>	<b>aplicada;</b>
<b>ABORDAGEM</b>	<b>qualitativa;</b>
<b>FINS</b>	<b>exploratória / descritiva;</b>
<b>PROCEDIMENTOS</b>	<b>revisão bibliográfica / estudo de caso;</b>
<b>FERRAMENTAS</b>	<b>fontes bibliográficas / entrevistas / testes.</b>

Fonte: O Autor.

## **3.2 Método de design para pesquisa**

### **3.2.1 Escopo da pesquisa**

Esta pesquisa fora realizada no Hospital Universitário Materno Infantil com o grupo terapêutico de pessoas transgêneras e profissionais da saúde. Como direcionamento inicial e sistematização da pesquisa, partimos para entrevista com a médica responsável por conduzir parte das reuniões com os usuários transgêneros.

O método de produção, parte do percurso metodológico, fora realizado antes do cenário atual de pandemia pelo Covid-19, dessa forma, salientamos, para devidos esclarecimentos, que nenhuma pessoa fora exposta a nenhuma forma de contaminação, ou teve sua saúde colocada em risco. Vale ressaltar também que essa demanda, (que originou esta pesquisa a nível de mestrado acadêmico) partiu da relação profissional entre médica e designer.

Nessa etapa são sistematizadas as informações em relação aos métodos do ergodesign e seus objetivos. Destacamos que essa sistematização se faz necessária para nos situarmos em campo em relação aos objetivos, conforme citam os autores Bossen; Dindler; Iversen (2016), após uma revisão sistemática em estudos sobre design participativo na plataforma do PDC, os autores identificaram que alguns estudos apresentam falta de clareza quanto aos procedimentos e aos objetivos.

Fora assegurada a participação dos usuários transgêneros em todas as etapas, bem como a liberdade para que todos os participantes pudessem fazer posicionamentos, críticas e questionamentos. Utilizamos nesta pesquisa métodos e teste do ergodesign de forma pré-estabelecida, pensando em atender a uma demanda.

### **3.2.2 Entrevista com sexóloga**

A entrevista aberta fora necessária para compreender a partir do ponto de vista da médica, responsável por conduzir os encontros com o grupo terapêutico com os transgêneros, questões relacionadas ao álbum seriado, a saber de suas ilustrações e aceitação. Também fora o momento de perceber o grupo a partir do olhar da médica, uma vez que a demanda fora sinalizada pela mesma.

## **3.3 Objetivo do *Workshop***

No *workshop*, temos como objetivo proporcionar espaço para atividade criativa (produção de desenhos pelo método de produção e interação através do método de identificação) e apresentação dos objetivos da pesquisa, bem como quais métodos são utilizados e possíveis desdobramentos. Para sua realização foram estipuladas instruções para realização de cada método e assegurado aos participantes o livre espaço para fazer colocações, indagações e intervenções. O *workshop* fora dividido em 02 partes:

- Apresentação da pesquisa seguida pelo método de produção;
- Apresentação da pesquisa seguida pelo método de reidentificação;

Ressaltamos que a apresentação da pesquisa (explicar objetivos e métodos para os usuários transgêneros) se fez necessária a cada encontro pela quantidade de participantes, 03 grupos de 20, e pelo atual momento de pandemia enfrentada que impossibilita a presença de um número elevado de pessoas em um espaço fechado (fator agravado por se tratar de um ambiente hospitalar). Vale ressaltar ainda, que a quantidade de participantes não fora limitada, possibilitando a participação em uma quantidade aleatória, e como defendem Moraes; Santa Rosa (2012), não existe uma quantidade definida, assim como uma faixa-etária (no entanto só participaram pessoas maior de 18 anos) para participar de um processo em design participativo, e em caso de projetos maiores, sugere-se trocar periodicamente o grupo de usuários: “a escolha dos usuários e a forma da participação precisa ser cuidadosamente considerada e negociada com membros relevantes da instituição, inclusive o gerenciamento e os próprios colaboradores” (MORAES; SANTA ROSA, 2012, p. 23).

### 3.3.1 Procedimentos do workshop: o método de produção

Após apresentação da pesquisa para o grupo terapêutico, a descrição dos procedimentos fora realizada de forma oral, apresentando como poderia ser desenvolvida a atividade criativa de produção de representações simbólicas no método de produção. Não fora estipulado tempo para realização do método para além do horário definido pelos profissionais de saúde do grupo (relativo ao tempo de um encontro que tem por duração cerca de 1h30m a 2 horas), deixando os usuários livres para fazer colocações ou questionamentos.

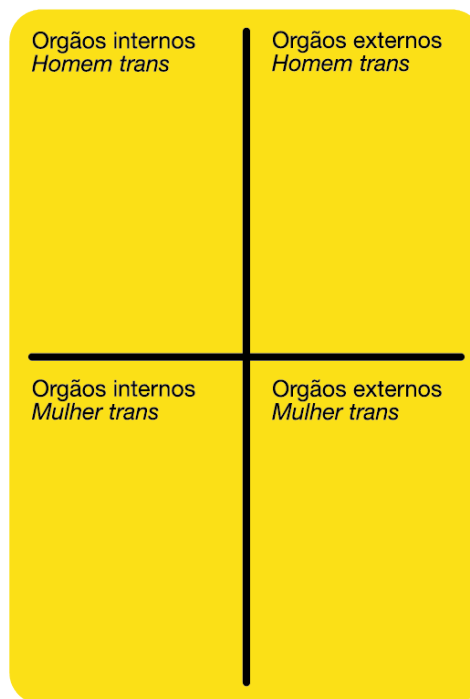
No método de produção foram produzidos em uma folha de papel, órgãos internos e externos do corpo transgênero (conforme as representações original do álbum seriado cisgênero que ilustram órgãos internos e externos de pessoas cisgêneras), a partir da compreensão que eles possuem de seus corpos. As fichas para o teste de produção foram elaboradas em papel

A4, dividido em 04 quadrantes, cada quadrante designado para representar órgãos internos e externos, para que os integrantes pudessem desenhar livremente, com o auxílio de um lápis para desenho e borracha. Foram dadas as seguintes instruções:

- Desenhe livremente em cada quadrante/espço o que se pede: canto superior esquerdo: órgãos internos homem transgênero – canto superior direito: órgãos externos homem transgênero. Canto inferior esquerdo: órgãos internos mulher transgênera – canto inferior direito: órgãos externos mulher transgênera.

Fora permitido interagir entre os demais para produção dos desenhos. A seguir a figura 09 ilustra a ficha para o teste de produção:

Figura 10: Método de produção



Fonte: O autor.

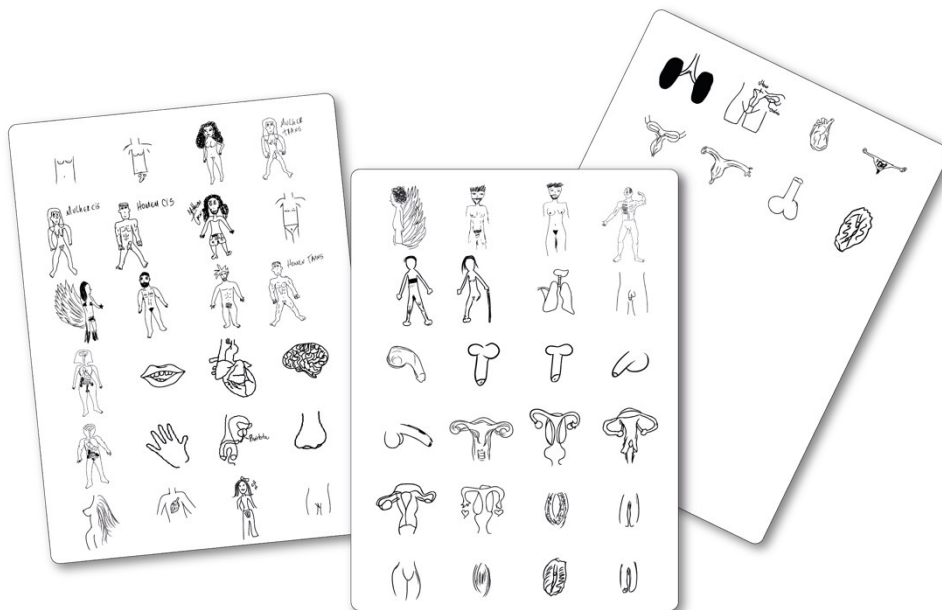
A escolha por esse método se deu pela objetividade em sua proposta. Se por sua vez, as ilustrações que compõem o álbum seriado não são adequadas a realidade dos transgêneros, propõe-se então produzir representações simbólicas (representação de símbolos) feitas pelos próprios usuários, reforçando a necessidade de um processo participativo, permitindo a esse usuário a liberdade de representação do eu (pessoa trans), percebendo e representando a si mesmo. Participaram desta etapa, 14 pessoas transgêneras.

### 3.3.2 Procedimentos do workshop: método de reidentificação

Como continuação do primeiro momento, uma série de desenhos feitos a mão pelos primeiros participantes do grupo terapêutico fora coletada e reservada para este método. Vale ressaltar que os desenhos não estão disponíveis para juízos de valor, a saber da qualidade ou apuro dos traços realizados pelos transgêneros, uma vez que estes atores podem ou não dominar esta habilidade. O que se espera são as representações simbólicas.

Para esta etapa utilizou-se uma ferramenta proposta por Formiga (2011) o método de reidentificação, que é utilizado “para a formulação de repertórios de símbolos gráficos, a partir de seus usuários potenciais” (FORMIGA, 2011, p. 49). Foram apresentados para os usuários transgêneros o total de 56 desenhos produzidos na primeira etapa deste percurso metodológico. Para isso, os desenhos passaram por um processo de digitalização. Os desenhos foram digitalizados para o computador com auxílio de *scanner*, software de ilustração e mesa digitalizadora, para confeccionar uma série de adesivos (56 adesivos impressos em papel adesivo vinílico transparente) para serem colados em cartas, compondo estruturas corporais do corpo transgênero, impressas em papel couchê 180g. nas dimensões 10x10 centímetros, que serviram de provótipos.

Figura 11: Representações simbólicas



Fonte: O autor.

A execução desta etapa consiste na colagem dos adesivos em cartas designadas para formatar o corpo do homem transgênero e o corpo da mulher transgênera. Foram impressas 09 páginas em tamanho A4 (03 páginas de cada, as dimensões dos adesivos variam entre 02, 03 e 4,5 centímetros cada) de adesivos para que as representações simbólicas não ficassem limitadas a uma unidade de cada e mais proposições pudessem ser realizadas.

Fora permitido a adição de conceitos, palavras, ou até mesmo outros desenhos que complementem a representação mental do corpo transgênero a partir do entendimento das pessoas transgêneras em relação ao seu próprio corpo. Para além dos adesivos e cartas, canetas do tipo marcador foram acrescentadas nesse *toolkit*. A seguir a figura 12 representa os adesivos e o modelo de carta (frente e verso):

Figura 12: Exemplo do método de reidentificação – criando provótipos



Fonte: O autor.

Nessa etapa a preparação de um *toolkit* (kit de ferramentas) com adesivos, canetas marcadores e cartas em branco são itens necessários para composição das proposições: “uma parte importante das técnicas generativas são kits de ferramentas para a expressão” (SANDERS; STAPPERS, 2018, p. 70). Temos a reidentificação das representações simbólicas produzidas no método de produção, bem como a validação dos símbolos produzidos pelos próprios usuários transgêneros.

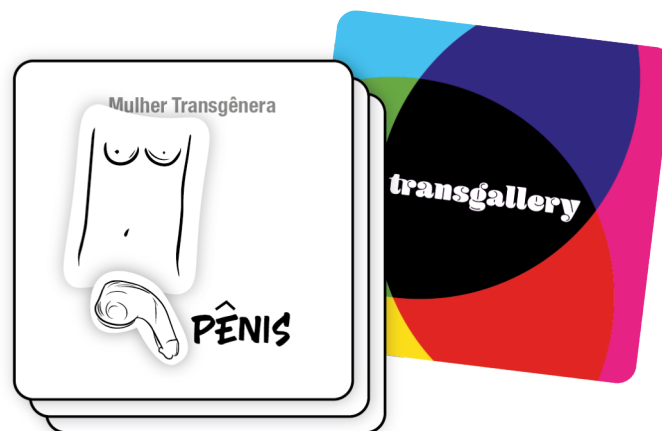
Esse método fora utilizado para provocar nos transgêneros o sentimento de identificação com as ilustrações produzidas. Com a utilização deste método, podemos acionar memórias nos usuários no que tange a idealização do corpo de um transgênero. Se por um lado, a compreensão de uma imagem com eficiência de informação causa no usuário conforto, identificação e

confiabilidade (Formiga, 2011), por outro lado no usuário transgênero, onde a satisfação pessoal está diretamente relacionada com o corporificar da imagem, reflete também em sua autoestima (Figueiredo, 2016), que por sua vez é acionada a partir deste provótipo. Para execução desse método, foram dadas as seguintes instruções de forma oral:

- Cole no espaço em branco da carta as representações simbólicas (adesivos) que representem o corpo transgênero (homem e mulher) de acordo com o seu entendimento e compreensão. É permitido escrever palavras ou desenhar partes faltantes que você considera importante e não constam entre os adesivos.

Após esgotarem as proposições realizadas pelos usuários transgêneros, cada composição feita pelos participantes será apresentada a seguir. Essa etapa teve a duração de um encontro e contou com a participação de 08 pessoas transgêneras, 04 mulheres trans e 04 homens trans.

Figura 13: Exemplo do método de reidentificação



Fonte: O autor.

Diante do exposto, o quadro 12 sintetiza o percurso metodológico do workshop dividido em 03 partes:



Quadro 12: Percurso metodológico.

Método	Participantes	Duração	Objetivo
Mét. de Produção	14 transgêneros(as) HU-UFMA	01 Sessão	Produzir representações simbólicas.
Método de Reidentificação	Até 10 pessoas transgêneras	01 Encontro individual	Reidentificar representações simbólicas.
Teste de Eleição	Até 10 pessoas transgêneras	01 Sessão	Eleger representações simbólicas.

Fonte: O autor.

### 3.4 Apresentação dos dados

Conforme cita Gil (2019) a análise e interpretação dos dados em um estudo de caso, ocorre simultaneamente à sua coleta. No entanto, para apresentação e sistematização dos resultados fora adotado um diagrama sintetizando os resultados dos métodos e teste.

Para exibição dos dados, fora adotado o formato de diagrama, aqui utilizado para sintetizar os resultados finais, após a etapa final (método de reidentificação) Ainda segundo Gil (2019) os “diagramas são representações gráficas, por meio de figuras geométricas, como pontos, linhas e áreas, de fatos, fenômenos e das relações entre eles” (GIL, 2019, p. 111). Utilizaremos um diagrama para organizar os resultados.

A triangulação entre métodos de pesquisa, ou seja, confrontamento de informação obtida de uma fonte com outra (Gil, 2019), métodos de design para a pesquisa e seus desdobramentos, será igualmente apresentada no capítulo 4.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através da aplicação das respectivas ferramentas: método de produção e método de reidentificação. São apresentados os desdobramentos a partir da obtenção dos resultados em relação aos objetivos desta pesquisa.

### 4.1 Entrevista aberta

O objetivo desta entrevista, originalmente, consiste na sistematização da demanda a partir do ponto de vista profissional (médica sexóloga) sobre o grupo dos transgêneros integrantes do terapêutico. A demanda fora identificada através da médica, porém, fora levantada pelos usuários transgêneros. A partir dessa entrevista fora possível compreender a dimensão do descontentamento das pessoas transgêneras em relação às imagens presentes no álbum seriado (entrevista no Apêndice A).

Foram pré-elaboradas 09 questões, com possibilidade de extensão caso outras indagações surgissem, por este fator, fora adotada a entrevista aberta. A seguir, organizamos as questões utilizadas durante a entrevista com as respectivas respostas. As questões foram divididas em dois grupos: entendendo sobre o grupo a partir do ponto de vista da médica e entendendo sobre o álbum seriado a partir do ponto de vista da médica.

#### 4.1.2 Entendendo sobre o grupo a partir do ponto de vista da médica.

As questões norteadoras dessa entrevista pretendiam entender como a médica percebeu a insatisfação dos usuários transgêneros ao trabalhar o uso de imagens, formatadas no álbum seriado (conforme figura 01). Nesse momento, foram elaboradas 04 perguntas:

1 – O grupo tem se reunido durante a pandemia? Como?  
Resposta: Não. Não nos reunimos durante a pandemia.

Nessa pergunta, objetivamos saber as possibilidades para realização dos encontros (aplicação dos métodos) através das plataformas remotas *online*, devido à pandemia (Covid 19).

2 – Quantos integrantes fazem parte do grupo terapêutico?  
Resposta: 03 grupos de 20 pessoas. Total de 60 pessoas.

3 – Como funcionam os encontros (duração, momentos, interação)?

Resposta: Os encontros acontecem uma vez por mês, com duração de aproximadamente 01 hora e meia a duas horas. Com dinâmicas ou temas para reflexão. Muitas vezes os integrantes levam um assunto que não tem relação com o que fora programado por nós (profissionais de saúde). Muitas vezes alguém acaba comentando que sofreu assédio moral em um ônibus a caminho para o encontro:

- Médica: “Oi ‘fulano’ está tudo bem? Tu estás distante!”

- Médica parafraseando uma pessoa trans: “Ai gente, passei uma coisa horrível. Vinha no ônibus e tive que descer porque quase apanhei. Um cara ficou me encarando, começou a falar um monte de grosserias pra mim. Estou me tremendo até agora.”

- Médica parafraseando uma segunda pessoa trans: “eu teria brigado! É por isso que eu nem gosto de sair de casa.”

Médica: “Quando encontramos situações como essa, esquecemos o papel” (em alusão as atividades, dinâmicas ou leituras programadas para o encontro). “Abrimos a discussão para o grupo. Perguntamos a reação deles em relação a isso. Começamos uma conversa em grupo.”

Médica: “O importante para a gente é sempre aquilo que eles sinalizam. Todas as vezes a gente vai com algo para eles, mas nem sempre usamos um script nos encontros.”

Médica: “Exemplo de dinâmica: É proposto para eles (os transgêneros, integrantes do grupo terapêutico) imaginarem como eles estariam daqui há 10 anos. Para representar, pode ser feito em desenho ou em texto, como eles se imaginam fisicamente, como está no dia-a-dia, como está a vida amorosa. Cada um fez e cada um se colocava. (Material confidencial, não fora possível acessá-lo).”

Médica: “Houve uma outra dinâmica em que fora perguntado para eles: como você entende a sua sexualidade? Como você entende a sexualidade do mundo? Pedimos para eles que representassem visualmente através de desenho ou em texto (para aqueles que não sabem ou conseguem desenhar):

Médica: “Um caso em especial, homem trans, pediu para mostrar o seu desenho. Com traços machistas, ele é machista assumido, traços bem marcantes, representou uma mulher em posição de quatro e um homem por trás dela. Na hora de explicar, perguntei para ele:

- Médica: Essa mulher está sentindo prazer?

- Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que tá!

- Médica: Daria para ser de outra forma? Fiquei instigando, não sendo contra, nem a favor, mas fazendo perguntas.

- Médica parafraseando um homem trans: Doutora, tem mulher que gosta mesmo é de apanhar. Vou falar de forma clara, em português claro; é de socar mesmo, bagunçar mesmo.”

Médica: “Em uma outra parte do desenho, ele representa uma mulher poderosa, sentada a mesa e um homem sendo empregado dessa mulher, servindo-a.

- Médica: E esse desenho aí?

- Médica parafraseando um homem trans: Essa é uma mulher que é dona da empresa e esse aqui é empregado dela. Essa mulher é poderosa! É doutora, porque mulher pode mandar!”

Médica: “Um outro exemplo foi um garoto tinha feito uma declaração de amor para a namorada. Um menino trans fez para a namorada, filmou e mandou para o grupo, para a gente ver. Ele, ajoelhado, com flores, pedindo a menina em namoro. Nesse dia, eram 04 homens trans, que começaram a comentar sobre o vídeo em si. E aí, nós deixamos a discussão aberta:

- Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que ele tá se expondo demais. A gente não pode ficar fazendo isso porque as pessoas humilham a gente.

- Médica parafraseando um segundo homem trans: Ah, eu achei lindinho, gente.

- Médica parafraseando um terceiro homem trans: Sinto muito. Por que ele fez isso? Agora quando ele quiser surpreender ele vai ter que fazer mais que isso.”

Médica: “No final da discussão nós fomos falar sobre o amor. Sobre traição, confiança, sobre dor que o amor trás. É muito livre e a gente sempre tenta não recriminar aquilo que tá sendo dito. Não estamos aqui para chamar a atenção de ninguém, aqui é um local de escuta. Precisamos falar, escutar, dar um retorno para saber se aquilo se sustenta, e etc. Não é local para problematizar.”  
(Informação verbal)

Destaca-se nesse momento da entrevista o uso de dinâmicas, elaboradas previamente pelos profissionais atuantes no grupo. Ainda que pré-estabelecidas, os profissionais estão sempre direcionando a conversa durante as reuniões para aquilo que os transgêneros sinalizam.

Ainda sobre as dinâmicas, ressalta-se o uso de atividades que envolvam a produção de desenhos, como forma de produzir e fomentar discussões em grupo. Encontramos então, uma certa familiaridade entre as dinâmicas usadas na terapia de grupo com o método de produção proposto nesta pesquisa.

Em sequência e no intuito de compreender o nível de interação dos transgêneros em relação ao grupo, fora perguntado:

4) Como você caracteriza o grupo em relação á participação das pessoas transgêneras?

Resposta: “Eles interagem bastante e são muito participativos.”

Médica: “a gente faz de uma forma que todo mundo é convidado a se colocar. Então por exemplo, quando a gente fala do desenho, todo mundo tem que desenhar, e as vezes a gente faz em dupla. Eles conversam entre si, um

desenha ou escreve. Todas as nossas dinâmicas são muito provocativas no sentido de cada um precisar se colocar. Eventualmente já aconteceu de um não querer falar. A gente respeita, a gente não força e em seguida a gente chama a pessoa, ou geralmente ela sinaliza com quem ela gostaria de falar, algum profissional do grupo.” (Informação verbal)

Destacamos nesse momento a participação de forma livre e voluntária. Durante as reuniões do grupo, todos são convidados a participar e nem sempre todos participam. Após esse momento da entrevista, salienta-se a necessidade de compreender como as dinâmicas são elaboradas, se são escolhidas, se retiradas de alguma fonte ou se elaboradas pelos profissionais ou ainda, se são elaboradas com os transgêneros:

4.1) Sobre as dinâmicas, como vocês as constroem? Elas são escolhidas prontas, ou é discutido com o grupo de profissionais?

Médica: “Geralmente são modelos prontos. Retirados de algum livro. As minhas, gosto de trazer algo mais livre. Tem um que associei dança, buscando inspiração na biodança, algo olho no olho. Nesse dia teve a participação de uma psicanalista carioca e ela ficou surpresa de uma forma bem positiva com o que viu e nos encontrou fazendo atividades com as pessoas trans. Quando ela chegou, a gente já estava fazendo o atendimento, uma vivência, em formato de círculo, um por fora e o outro por dentro, cada pessoa com um par. Coloquei duas músicas que tocam bastante e pedi para olhar no olho, e disse: sente a chegada da presença e a dor da partida se é que ela existe. E vai fazendo esse movimento de olhar no olho, até que todo mundo reencontre o primeiro parceiro. Dançando. E foi uma coisa de louco para todo mundo que participou:

Médica parafraseando uma pessoa trans: Ah doutora eu não gostei. Porque olhar no olho, parecia que a pessoa tava me vendo todinha.

- Médica parafraseando uma segunda pessoa trans: Me deu vontade de chorar.

- Médica parafraseando uma terceira pessoa trans: Me deu vontade de rir. Eu gostei de encontrar outras pessoas, foi bom.

Médica: É difícil olhar no olho, gente?

- Médica parafraseando uma quarta pessoa trans: É difícil! Porque parece que o outro tá vendo a gente, que a gente não quer mostrar.” (Informação verbal)

#### 4.1.3 Entendendo sobre o álbum seriado a partir do ponto de vista da médica

Na segunda parte da entrevista aberta, posicionamos as questões para entender as falhas do álbum seriado, identificar potencialidades e alternativas de uso:

1) Existe algum problema identificado no uso do álbum seriado?

Resposta: “Sim, ele é um formato único, muito limitado, pobre. É um álbum cis-heteronormativo.”

Médica: “O álbum seriado é muito heteronormativo. Ele só dá uma possibilidade de sexo, o sexo pênis/vagina. Como se essas pessoas não praticassem outros tipos de sexo.”

2) Como você identificou essa demanda?

Resposta: “No uso dele com os trans.”

Médica: “O corpo da mulher no álbum seriado, é um corpo com seios e vagina. E aí, eu olhava para os trans e eles estavam assim: (fazendo expressão de careta). Eu não consegui usá-lo três vezes, porque ficava entediante. Não tem como falar de sexualidade mostrando algo que não são eles. E se uma pessoa tem disforia de gênero, como vou mostrar um corpo de mulher para uma mulher trans que tem um pênis. Eles não ficam calados, eles argumentam.”

3) Em relação aos transgêneros, como você percebe a aceitação desse material?

R.: “Eles argumentam. Não tem aceitação:

- Médica parafraseando uma pessoa trans: “Doutora que corpo de mulher é esse? Isso é uma afronta a minha pessoa!”

Médica: “Me chamou a atenção desde a nomenclatura: corpo feminino! Isso não é um corpo feminino. E só me dei conta disso depois que comecei a lidar com pessoas trans. Um corpo de homem pode ser de várias formas, pode ter pênis, pode não ter pênis, pode ter vagina.”

4) Quais pontos negativos das ilustrações? E positivos?

R.: Pontos negativos:

É muito engessado. Um padrão único.

Pontos Positivos:

As ilustrações são bem elaboradas.

Médica: “No álbum seriado o pênis está preso a um corpo heteronormativo. Eu preferiria que esses órgãos não estivessem fixos em um corpo. Você teria um corpo, que serviria para homem e mulher (assexuado) sem os órgãos e aí você montaria o corpo de uma mulher ou homem de acordo com a realidade que está a minha frente.”

5) Quais melhorias você sugere para o álbum seriado?

R.: Um corpo assexuado e que seja livre para montar de acordo com as necessidades.

Médica: “O grande diferencial seria essa liberdade. Quando vamos falar de sexualidade a gente precisa falar desses órgãos. Se eu iniciar um encontro e colocar imagens de genitais femininos para pessoas trans as pessoas vão sair correndo. Você (ao fazer isso) estaria tocando na ferida da pessoa. Porque aqui é o corpo de mulher (médica demonstrando uma imagem do corpo cis feminino com seios e útero, em seu acervo pessoal) só que para a mulher trans que está ali na minha frente, ela não tem útero. O que ela quer é uma vagina e ela quer ter seios. E se eu mostrar o útero, vai tocar na ferida dela. Ao mesmo tempo se eu mostrar para o homem trans que tá ali, ele vai sair correndo. Se ele pudesse ele arrancaria do corpo dele (em relação ao útero), escutei isso nos encontros:

- Médica parafraseando uma pessoa trans: Eu se pudesse, arrancaria esse útero de mim.”

Médica: “É muito feminino menstruar, é muito feminino ter mamas. Então, quando eu coloco isso (imagem heteronormativa) eu atinjo em cheio os dois. (...) Ficou inviável dar esse conteúdo para eles. (...) Se eu utilizo a figura de um pênis para um menino trans, tudo o que ele queria no fundo era ter um pênis e aqui no Brasil essa cirurgia é experimental (faloplastia para pessoas trans), eu estaria falando de uma coisa que ele não vai ter. Se uma mulher trans olhar essa imagem, ela vai odiar. Porque ao ter relação sexual ela se exalta e esse pênis vai ficar ereto. E tudo o que ela não quer, é que esse ‘homem’

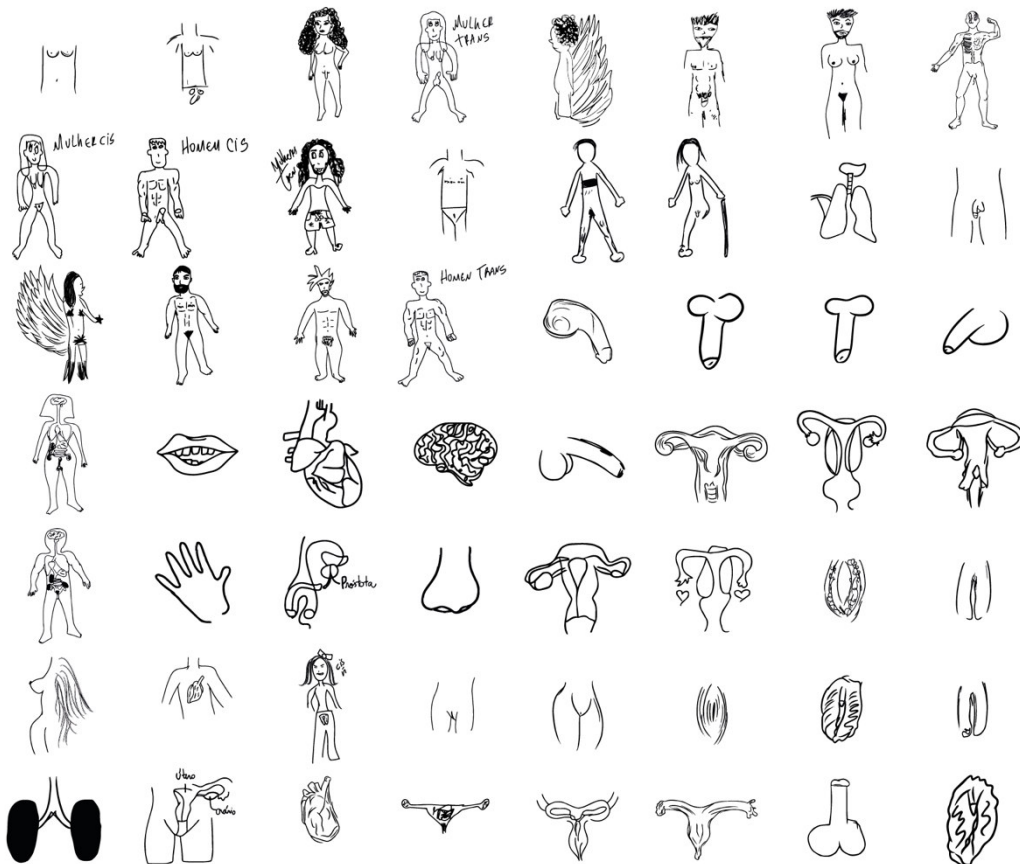
apareça', porque ela não é homem. (...) Dessa forma eu não tenho trabalhado imagem" (Informação verbal)

Durante a segunda parte da entrevista, pode-se evidenciar a dimensão da urgência da formatação dessas ilustrações através desta pesquisa, no que tange o uso para educação, prevenção e outras finalidades.

#### 4.2 Resultados do Método de produção.

As representações simbólicas elencadas a seguir, foram retiradas das fichas do método de produção. Coletamos o total de 56 desenhos, feitos à mão livre por pessoas transgêneras. Embora o objetivo do método fosse, originalmente, elencar órgãos internos e externos do corpo trans, alguns participantes representaram o corpo como um todo. Outros, empregaram palavras para complementar o que fora representado. A imagem a seguir, sintetiza as representações simbólicas:

Figura 14: Representações simbólicas do método de produção



Fonte: O autor.

Alguns usuários, representaram partes do corpo que não estão diretamente ligadas com o que fora pedido, no entanto, tais representações não foram descartadas, pois, pode-se inferir que estas auxiliam na formação de um repertório de símbolos.

Estas representações, em sua totalidade, são passíveis de uma análise, com certo aprofundamento, do ponto de vista da psicologia, uma vez que, por exemplo, duas entre as demais representações formatam um corpo alado, e outras apresentam cicatrizes que sugerem a remoção de alguma parte do corpo, em alusão à mudança (readequação genital) que o transgênero sofre durante a transição, como podemos observar nas representações a seguir:

Figura 15: Representações simbólicas, cicatrizes, amputação, asas e corpo híbrido.



Fonte: O autor.

Observa-se ainda a presença de um corpo transgênero representado com o uso de moleta de apoio e amputação de um dos membros inferiores (perna direita). Apesar de não



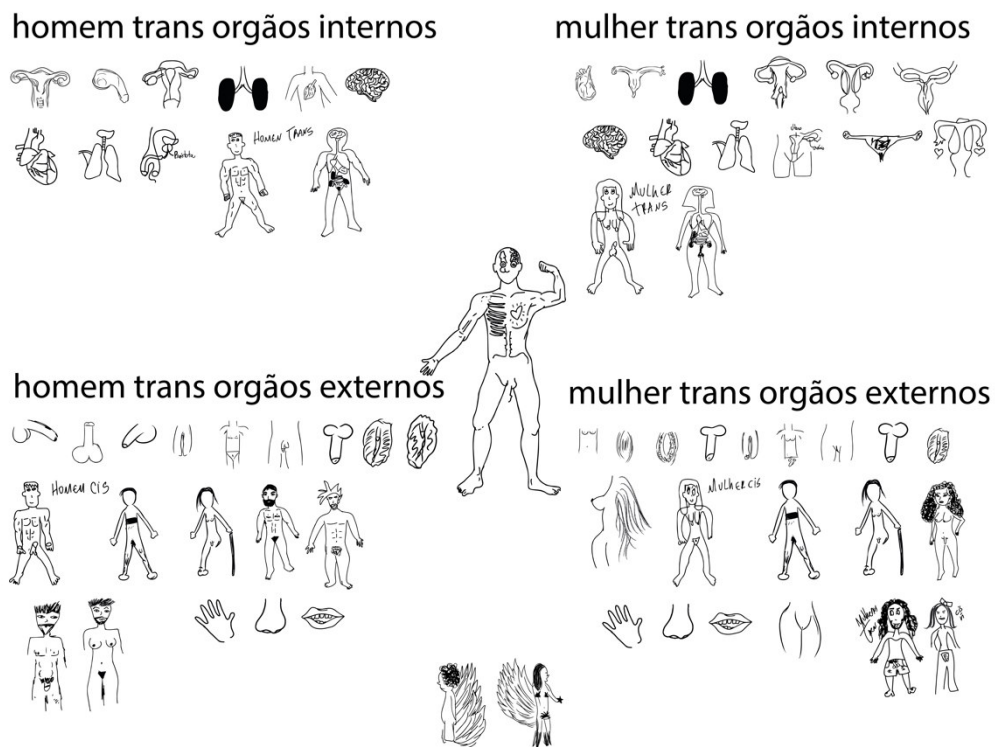
identificados durante a aplicação do método de produção, é importante ressaltar que nenhuma pessoa deficiente ou com amputação de membro participou deste procedimento.

Reforçamos que o objetivo deste método não é analisar a qualidade das representações, tampouco tecer exaustivas análises do ponto de vista da gestalt e/ou semiótica. Para tal, existem outros trabalhos que as fazem com excelência. Nesse momento, ao tentarmos analisar estas representações, ingressaríamos em outras áreas do conhecimento, as quais, enquanto designers, não dispomos de repertório para acioná-las. Nosso objetivo com esse método é compor um conjunto de representações simbólicas do corpo trans para serem utilizadas na próxima etapa.

#### 4.2.1 Resultados do método de produção por conceitos

Apresentamos a seguir os resultados do método de acordo com cada conceito elencado, comparando estes conceitos com sua representação. Podemos notar a diferença entre alguns conceitos em relação ao que fora pedido para representar. A seguir, resultados do método de produção agrupados por conceitos:

Figura 16: Representações simbólicas em quadrantes



“não consegui desenhar de acordo com o que foi pedido, pensei em anjos (seres sem sexo)”

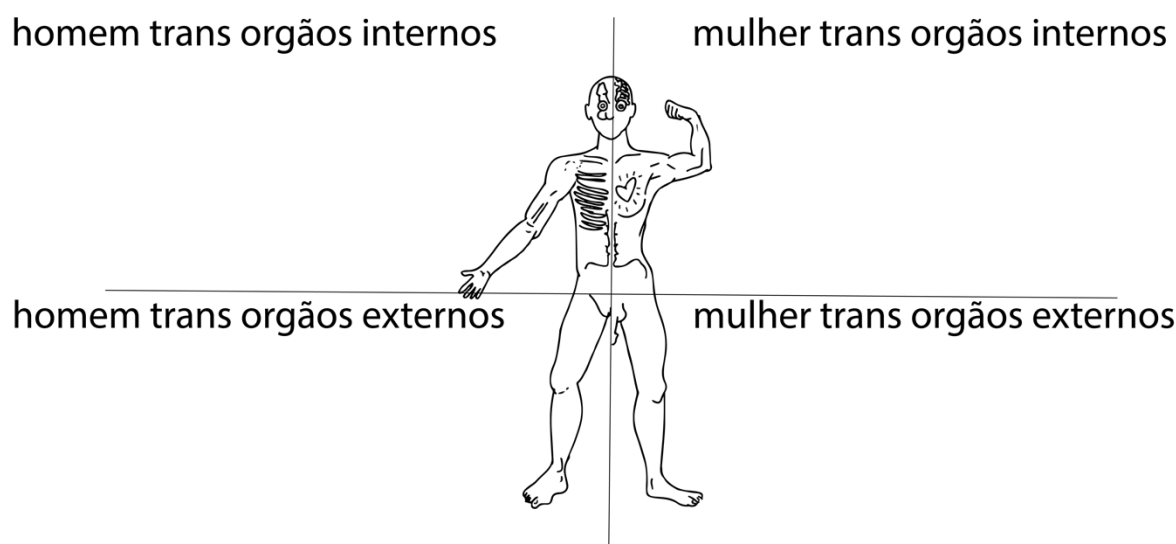
Fonte: O autor.

Observa-se que não se configura um padrão ou uma frequência de representações adequadas de acordo com cada quadrante. Os órgãos internos do homem transgênero, por exemplo, podem ser: um útero, uma próstata, cérebro, coração, entre outros. Observa-se que a representação mental do corpo trans não é estático, ou obedece a um padrão, esse corpo é fluido e existem infinitas possibilidades de configuração. Ressalta-se que essa pluralidade, reforça a necessidade do segundo método que fora proposto no capítulo metodológico, ou seja, o método de reidentificação, uma vez que os órgãos internos e externos não possuem um padrão pré-estabelecido, ou de concepção ou ponto de vista e repertório de uma pessoa cisgênero.

Obtivemos o total de 11 representações para órgãos internos do homem transgênero. 14 representações para órgãos internos mulher transgênera. 19 representações para órgãos externos homem trans e 20 representações para mulher trans, órgãos externos.

Os desenhos que estão localizados entre os quadrantes na figura 17, foram posicionados dessa forma pelos usuários trans. O desenho a seguir, fora representado dividido entre os quadrantes. O mesmo é rico em detalhes e passivo de diversas análises e interpretações:

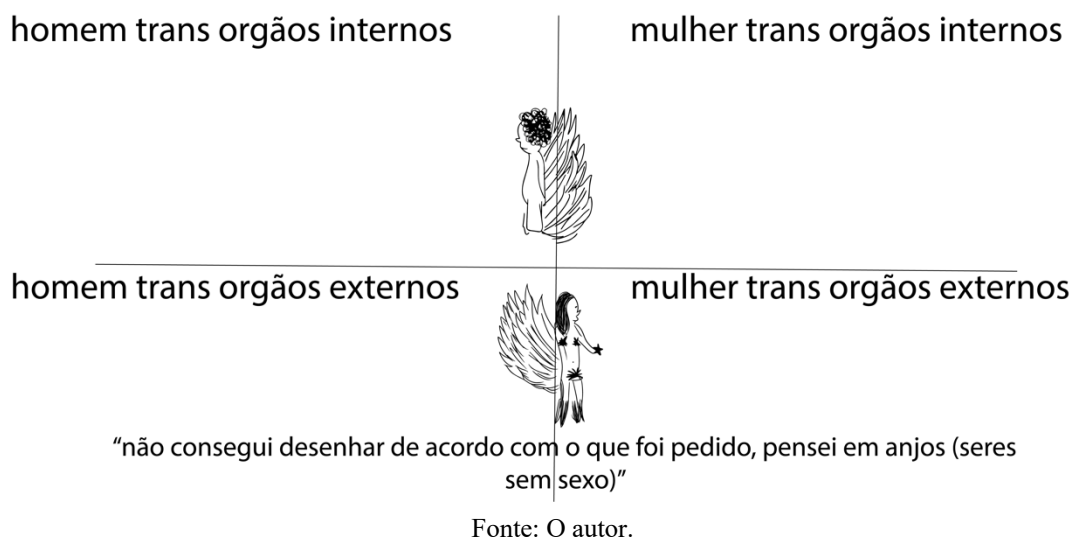
Figura 17: Representações simbólicas – corpo híbrido



Fonte: O autor.

Nos desenhos a seguir, o usuário representou os desenhos igualmente divididos entre os quadrantes, e acrescentou os seguintes dizeres: “não consegui desenhar de acordo com o que foi pedido, pensei em anjos (seres sem sexo)”:

Figura 18: Representações simbólicas – pessoas com asas.



Vale ressaltar que todos os desenhos foram aproveitados e utilizados no método de reidentificação. Esses desenhos geraram e formataram insumos para o método de reidentificação.

#### 4.3 Resultados do Método de reidentificação.

Após a confecção dos adesivos e de um baralho de cartas (provótipos), a aplicação do método de reidentificação ocorreu no espaço de uma semana com o total de 08 pessoas transgêneras. Destaca-se que para a realização deste método, foram disponibilizados dois pares de cada uma das representações simbólicas impressas em papel adesivo, para que os usuários, a cada aplicação, dispusessem de opções suficientes nas colagens. Para tanto, os adesivos foram enumerados como uma forma de controlar a quantidade disponível para cada aplicação.

Entrar em contato, ser aceito (como sujeito pesquisador) e recebido por pessoas transgêneras, demandou esforço e paciência. Através de contato via *whatsapp* com uma mulher trans, fora possível acessar outras pessoas, e assim atingimos o total de 08 pessoas trans. Os encontros aconteceram entre brechas nos horários livres dos trans. Ressalta-se que em nenhum momento, houve resistência ao serem solicitados(as) a participar desta etapa. Ressalta-se também a importância de explicar de forma cautelosa e detalhada, cada objetivo da pesquisa, bem como o compromisso de retornar este estudo para a comunidade trans, em São Luis – MA. Foram convidadas 10 pessoas transgêneras para essa etapa, no entanto dois dos participantes,

desistiram de sua participação por se encontrarem em isolamento (quarentena) uma vez que durante a semana de aplicação deste método, apresentarem sintomas gripais relacionados ao Covid-19.

Existe uma comunidade (que se faz presente e atuante nas redes sociais) chamada AMATRAMARANHÃO (Associação Maranhense de Travestis e Transexuais). Fora estabelecido contato com esta comunidade através da rede social Instagram. No entanto, não havia disponibilidade de acessar o grupo em sua totalidade, uma vez que, estes não estão se reunindo, entretanto se colocaram à disposição para acionar participantes a qualquer momento. Todos os participantes dessa etapa são, coincidentemente, integrantes dessa comunidade.

No que tange o método de reidentificação, Formiga (2011) cita que o mesmo tem como finalidade testar a compreensibilidade de símbolos gráficos, avaliar a facilidade de memorização, o grau de pregnância de um elemento gráfico. Nesta pesquisa, esse método tem por objetivo reidentificar representações mentais produzidas anteriormente por pessoas transgêneras, como uma espécie de validação, através da provocação de usuários trans, no que tange a sua compreensão entre: corpo trans homem e mulher em relação ao que fora representado. Dessa forma, ao abordarmos os 08 usuários trans, durante as aplicações do método fora pedido:

- Utilizando estas representações simbólicas e de acordo com sua compreensão, como você representa o corpo transgênero masculino e feminino utilizando as figuras que você mais se identifica. É possível acrescentar conceitos, expressões e desenhos nas cartas, caso julgue necessário.

Para este método, foram disponibilizadas um total de 40 cartas (20 cartas para homem trans e 20 para mulher trans) os 56 adesivos (01 par de cada, totalizando 112) e canetas marcadores para utilizar livremente. Os usuários tinham total liberdade para fazer colocações e questionamentos. Durante as aplicações, as pessoas faziam pontuações mais pessoais, tecendo comentários como: *“eu acredito que seja assim”*, *“eu me identifico mais com esse”* – apontando para algumas representações em específico. Durante as aplicações, foram feitos registros fotográficos, com o consentimento dos participantes (Ver Apêndice B – Método de reidentificação), das colagens dos adesivos. Participaram desta etapa 04 mulheres trans e 04 homens trans.

Figura 19: Toolkit para método de reidentificação.



Fonte: O autor.

Obtivemos no final 31 cartas com adesivos, termos e conceitos, que nos auxiliam a pensar as diversas possibilidades de estruturação do corpo transgênero a partir da compreensão das pessoas transgêneras. Os adesivos ficavam dispostos com a face voltada para cima, para facilitar a visualização.

Figura 20: Aplicação do método de reidentificação.

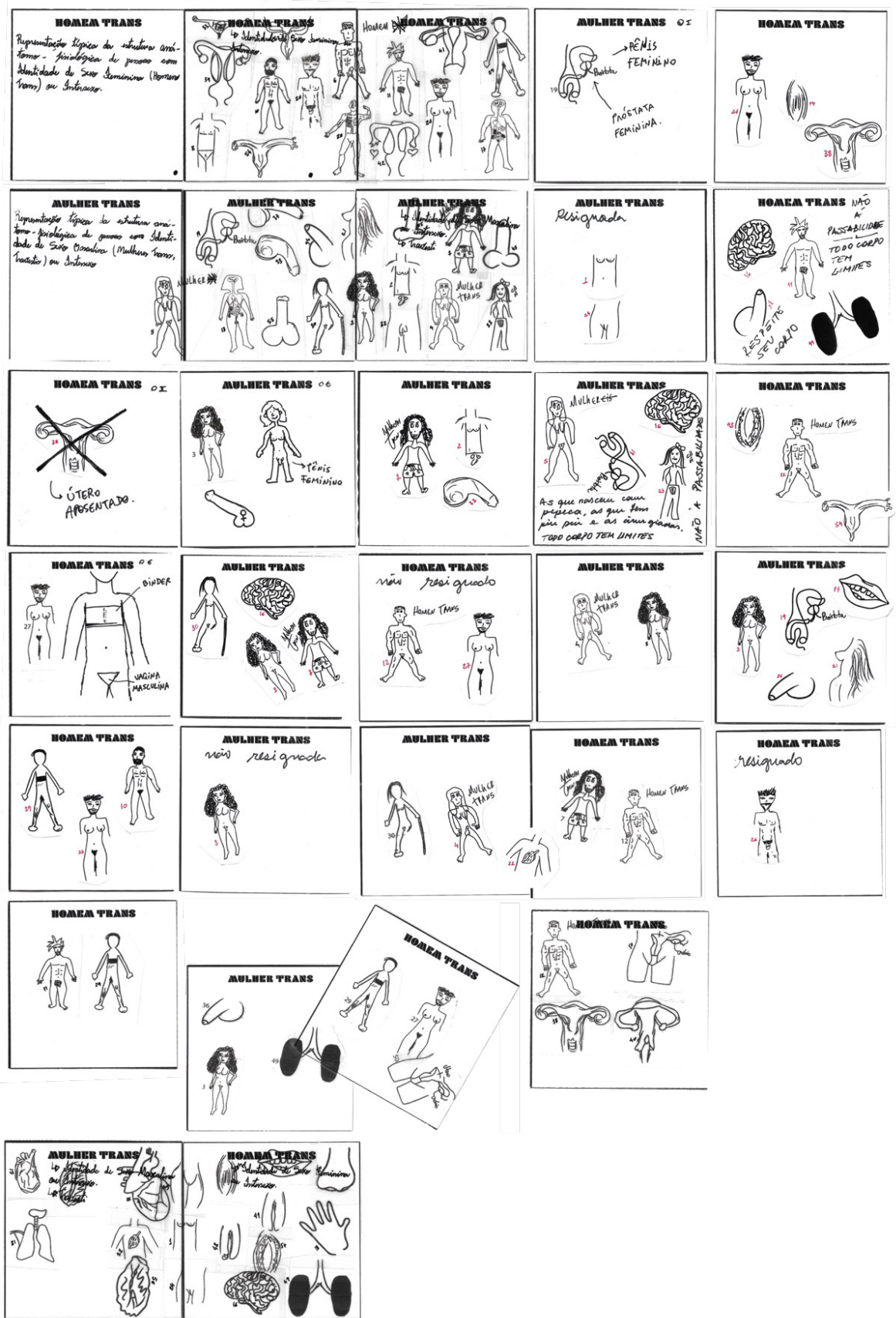


Fonte: O autor.

Após a participação dos usuários transgêneros, obtivemos o total de 31 cartas, sendo 16 cartas que correspondem ao homem trans e 15 que correspondem à mulher trans. As cartas foram digitalizadas com o auxílio de um *scanner* e foram reunidas na imagem a seguir:



Figura 21: Resultados do método de reidentificação.



Fonte: O autor.

Após a aplicação deste método, podemos compreender, em análise do material, algumas possibilidades de estruturação do corpo trans, validadas por um grupo de pessoas que não fazem parte do grupo terapêutico do Materno Infantil, nosso local de estudo de caso, no entanto, o contato com essas pessoas se deu através de contato via redes sociais, universitários e universitárias, residentes em São Luis, MA.

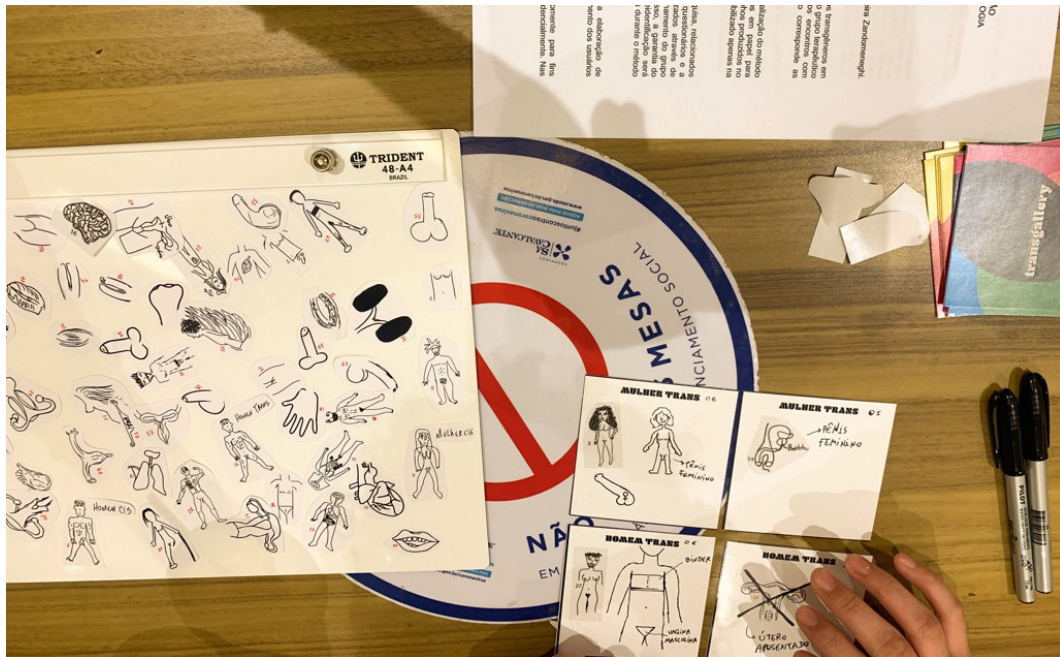
Diante da liberdade de poder expressar com palavras ou com desenhos, características classificadas como importantes pelas pessoas trans que executaram o método, identificamos algumas palavras e termos como “não à passabilidade”, “todo corpo tem limites”, “respeite o seu corpo”, “as que nascem com *pepeca*, as que tem *piupiu* e as *cirurgiadas*. Todo corpo tem limites”.

Esses termos dão margem para pensarmos um pouco para além desta pesquisa, no que tange a divulgação e acesso a informação pela população no combate ao preconceito e transfobia, ao compreendermos que pessoas transgêneras são vítimas de preconceito, assédio moral, entre outros. No que se refere a passabilidade, conforme explicado por uma mulher transgênera participante do método de reidentificação, trata-se da mulher trans que possui fenótipo de mulher cis, ou o que mais se aproxima dele. Essa aceitação apenas das trans passáveis, conforme citou a mulher trans durante o método, precisa ser extinto, pois dessa forma, estaremos mais uma vez criando e reafirmando padrões, diante de diversas possibilidades. Dessa forma, podemos inferir que essa e outras interferências expressas nas cartas, é causada diretamente pelo uso do nosso método de reidentificação, enquanto protótipo provocativo (provótipo).

Dessa forma, evidencia-se através destes provótipos que uma próxima etapa, se faz desnecessária, uma vez que ela poderia estabelecer um critério de escolha/eleição, desclassificando outras possibilidades, limitando ou estabelecendo padrões. Conforme identificamos nesta etapa e na ida a campo em contato e participação com pessoas trans, o corpo transgênero é capaz de diversas possibilidades de estruturação.



Figura 22: Provotipando através do método de reidentificação.



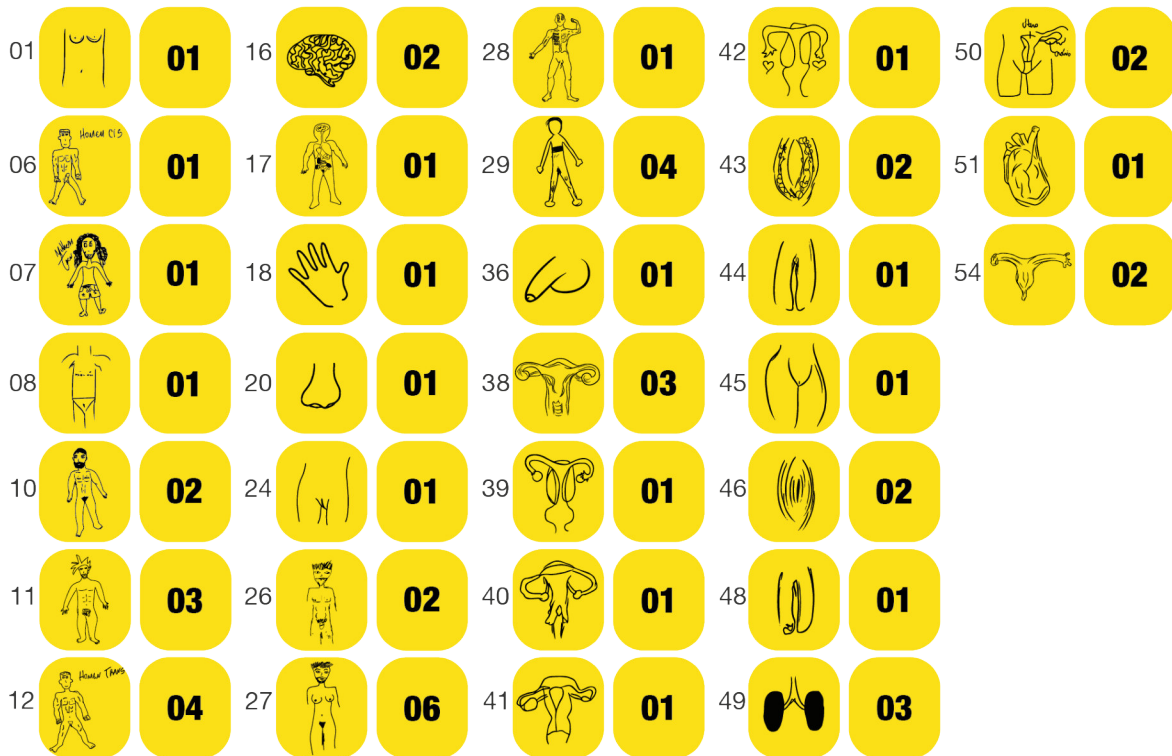
Fonte: O autor.

No intuito de elencar quais representações foram mais utilizadas, criamos as tabelas que são apresentadas a seguir, elencando símbolos, sua numeração e quantidade de vezes que fora utilizada. Essas tabelas nos possibilitam entender possíveis proposições para desenvolvimento das ilustrações para compor um álbum seriado para pessoas transgêneras. As informações reunidas até aqui, nos proporcionam um olhar para compreender a riqueza de possibilidades do universo trans.

As tabelas a seguir podem ser utilizadas como requisito para desenvolvimento do álbum seriado para pessoas trans, bem como, para o desenvolvimento de outros produtos, dentro da temática LGBTQIAP+.

É importante ressaltar que tais tabelas foram produzidas a partir dos resultados dos métodos de produção e reidentificação, e nelas são destacadas as representações mais utilizadas, como uma espécie de validação, que indicam possibilidades para desenvolvimento do álbum seriado e possíveis produtos, utilizando as representações como ilustrações.

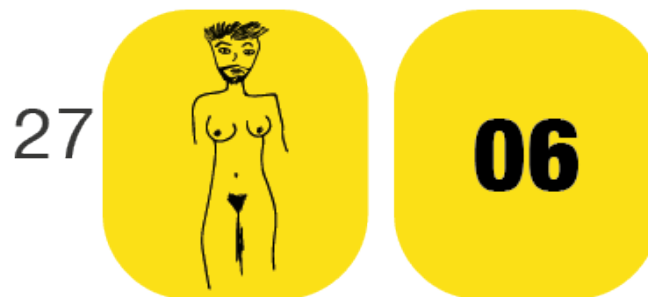
Figura 23: Representações simbólicas – resultado método de reidentificação do homem trans.



Fonte: O autor.

Pode-se constatar a prevalência de algumas representações simbólicas na representação do corpo do homem transgênero, como por exemplo a de número 27, que aparece 06 vezes nos resultados do método de reidentificação.

Figura 24: Representações simbólicas – homem trans.



Fonte: O autor.

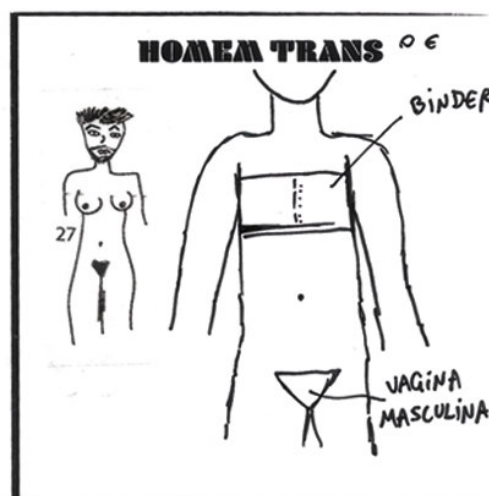
No entanto, observa-se que a proposição para corpo de homem trans (conforme figura 24) ainda apresenta seios e vagina, e em contraste, apresenta pelos no rosto que constituem uma

barba bastante evidenciada. Existe uma dicotomia que se evidencia ao fazermos uma leitura nessa representação. Pode-se inferir também que a reidentificação (no sentido de reidentificar-se com as ilustrações) com essa representação se torna frequente pelo fator acessibilidade, uma vez que na capital ludoviscence ainda não é disponibilizada a cirurgia de redesignação sexual (oferecida pelo SUS) e dessa forma, os homens trans iniciaram apenas a hormonioterapia, que implica no surgimento de pelos faciais (BRASIL, 2015). Entretanto, essa análise é apenas uma suposição diante de tantas outras possibilidades, que fogem do escopo desta pesquisa. Vale ressaltar que este estudo, abre portas para que outras investigações e pesquisas possam ser realizadas no intuito de fomentar a pesquisa em um campo que se configura fértil.

Ainda sobre o método de reidentificação com o corpo de homem transgênero, algumas cartas apresentam os dizeres: “não resignado”, “resignado”, “útero aposentado”, “vagina masculina”, “binder”, “identidade de sexo feminina ou intersexo”, “representação típica da estrutura anátomo-fisiológica de pessoas com identidade de sexo feminino (homem trans) ou intersexo”.

Entendemos o termo resignado como redesignado, no que se refere às pessoas transgêneras que já fizeram a cirurgia de redesignação. Quanto ao vocábulo binder, refere-se a uma faixa em tecido que tem por função prender o tecido mamário para ficar com aparência de um peito liso, sem volume. A seguir na imagem 25, um dos participantes representou o binder, correspondente aos órgãos externos do homem trans (marcado como OE pelo mesmo participante):

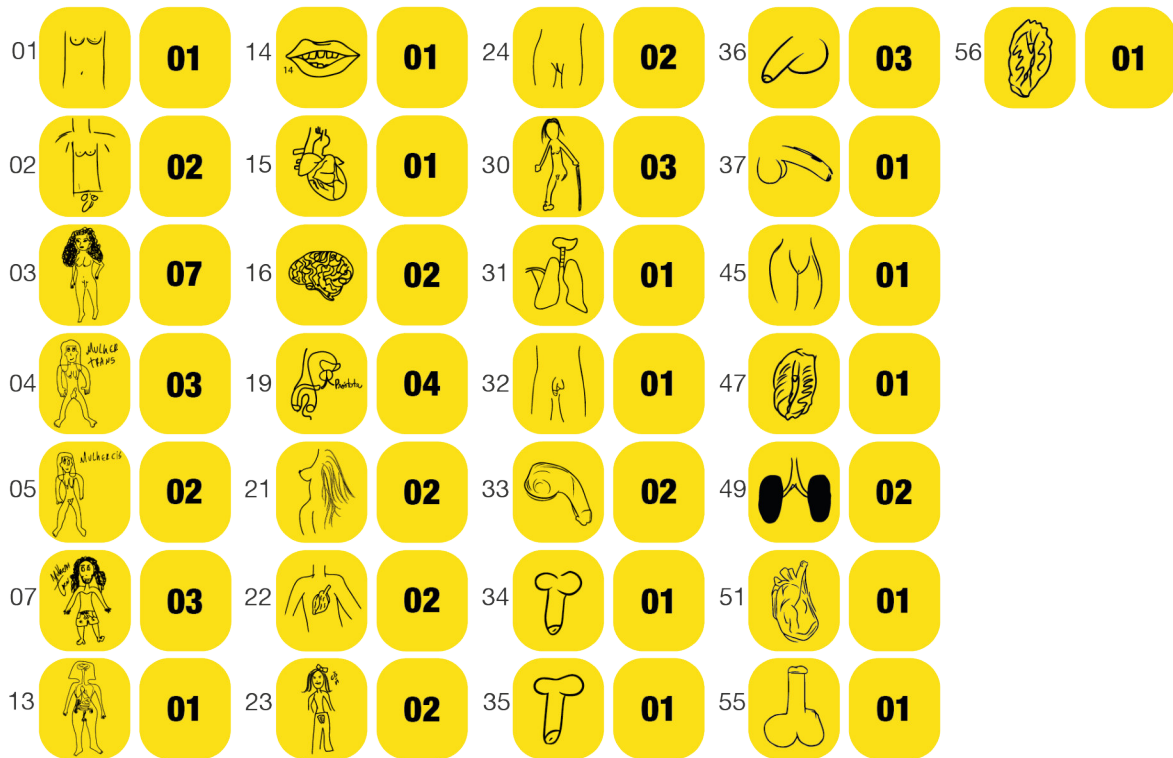
Figura 25: Método de reidentificação – desenho e conceitos – homem trans.



Fonte: O autor.

A seguir, apresentamos as representações simbólicas da mulher trans e a quantidade de repetições:

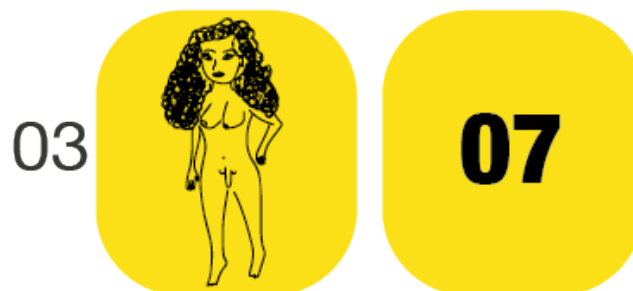
Figura 26: Representações simbólicas – resultado método de reidentificação a mulher trans.



Fonte: O autor.

Pode-se constatar a repetição quanto ao uso de determinadas representações que indicam qual caminho seguir para a compreensão do corpo da mulher trans. Destacamos a representação de número 03, que se repete 07 vezes no método de reidentificação:

Figura 27: Representações simbólicas – mulher trans.



Fonte: O autor.

É possível inferir sobre a representação do corpo trans feminino no que tange a presença do pênis e seios protuberantes. Em meio as 29 representações elencadas no método de reidentificação correspondente ao corpo da mulher trans, 09 vezes a figura do pênis fora elencada pelos participantes desta etapa. Isso pode indicar a realidade, conforme mencionado anteriormente, da comunidade transgênera em São Luis, Maranhão, uma vez que a população ainda não teve acesso à cirurgia de redesignação.

Nas cartas que são correspondentes ao corpo da mulher trans, identificamos os seguintes dizeres: “pênis feminino”, “identidade de sexo masculino ou intersexo”, “travesti”, “representação típica da estrutura anátomo-fisiológica de pessoas com identidade de sexo masculina (mulheres trans, travestis) ou intersexo”, “não resignada”, “resignada”, “pênis feminino”, “próstata feminina”. A imagem a seguir apresenta um corpo trans feminino, junto ao termo “pênis feminino”.

Figura 28: Método de reidentificação – desenho e conceitos – mulher trans.



Fonte: O autor.

As representações simbólicas selecionadas pelos usuários transgêneros a partir do método de reidentificação nos direcionam para proposições e desdobramentos em relação ao projeto do álbum seriado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação fora investigada a participação de pessoas transgêneras a partir do uso de ferramentas que suportam um processo participativo para design gráfico. Assim, a questão de pesquisa: como desenvolver ilustrações com usuários transgêneros a partir de um processo participativo, fora respondida por meio do alcance dos objetivos. Como resultados obtivemos uma série de representações simbólicas que correspondem ao corpo da mulher trans e homem trans, que nos conduzem a pensar em diversas possibilidades de estruturações e nos permitem pensar em proposições para o desenvolvimento do material gráfico, álbum seriado, bem como outros produtos que possam auxiliar na educação, promoção de autocuidado de pessoas trans.

No primeiro capítulo desta pesquisa sistematizamos os primeiros passos para o seu desenvolvimento, elencando a justificativa, objetivos e uma breve introdução ao tema. Compreender a demanda inicial nos conduziu para estabelecer objetivos e quais caminhos seguir até a investigação do estudo de caso em campo.

No segundo capítulo, o aporte teórico nos conduz a pensar o caminho do design participativo, desde sua origem, aos seus outros vieses, como o ergodesign participativo, do qual foram retiradas as proposições metodológicas para a ida a campo. Tal percurso, fora necessário para pensar qual melhor procedimento seguir para esta pesquisa, levando em consideração o fator tempo (diretamente influenciado pela pandemia enfrentada até a presente data de conclusão deste estudo). É possível inferir que tal proposição nos conduziu de forma mais direcionada em relação aos objetivos, ainda que houvesse questões que necessitam de maior aprofundamento no universo transgênero, no que tange aos processos participativos que envolvem questões políticas e que podem ser discutidas com aprofundamento. Entretanto, esta pesquisa abre espaço para que algumas questões possam ser aprofundadas: percepção do corpo transgênero, produção de produtos com temática trans, o uso das representações simbólicas como dispositivos de conversação para pensar o corpo, entre outras. Existe ainda a possibilidade de pensar essa pesquisa sob o viés participativo escandinavo, cuja investigação acontece aliada à luz da teoria e se distancia do método pautado em proposições prontas, trabalhando crítica, especulação e visão de futuro, pensando o corpo trans a partir de cenários, diferente do que fora apresentado nessa pesquisa.

No terceiro capítulo, desenhamos o percurso metodológico para ida a campo e investigação. Nesse momento, buscamos explicar e exemplificar os desdobramentos utilizando os métodos, identificados ainda no capítulo 2. O método de produção cumpre o seu papel ao chegarmos as 56 proposições de representações simbólicas para a etapa seguinte. O método de

reidentificação serve como uma validação da etapa anterior, ao identificar órgãos externos e internos do corpo trans, este é por sua vez provótipo ao identificarmos as inserções dos usuários nas cartas utilizadas durante a aplicação deste método.

Os métodos propostos por Formiga (2011), servem para atender a demanda configurada a partir desta pesquisa. Servem também para refletirmos sobre a percepção do trans em relação ao corpo. Corpo este que não é padrão, que não pode ser determinado como um modelo a ser seguido, levando-nos a perceber a fluidez desse corpo no imaginário das pessoas transgêneras. O que fora produzido aqui, serve de requisito para outras propostas. Os métodos de produção e de reidentificação podem servir como sessão generativa para outras proposições, se encaixando nos conceitos de metadesign e provótipos.

No capítulo 4, as proposições realizadas pelos transgêneros nos dão *insights* para pensar em produzir o material gráfico a partir do entendimento e da expressão do corpo do usuário transgêneros através do design gráfico, e da representação simbólica. Apresentamos os símbolos mais votados (reidentificados) e estes apontam quais caminhos seguir em direção ao desenvolvimento do álbum seriado.

### **5.1 Recomendações de estudos futuros.**

Após a conclusão desta pesquisa e com os objetivos alcançados, propõe-se os seguintes estudos futuros para ampliar a discussão sobre design participativo, usuários transgêneros e design gráfico, entre outros.

- Analisar as representações simbólicas a partir de outras áreas do conhecimento no aprofundamento sobre os significados das representações;
- Analisar representações do ponto de vista da psicologia, avaliando: repertório e significado;
- Ampliar o nível de participação dos usuários transgêneros, utilizando outros métodos;
- Aplicar métodos de produção e reidentificação com outro recorte de usuários transgêneros, identificando em outros grupos;
- Avaliar as representações simbólicas do ponto de vista da gestalt e semiótica;
- Desenvolver abordagem participativa com transgêneros a partir da crítica, especulação e visão de futuro;

- Desenvolver projetos utilizando as representações simbólicas desenvolvidas nesta pesquisa;
- Desenvolver heurísticas de avaliação das representações simbólicas para avaliar a percepção de outros usuários;
- Propor uso das representações simbólicas em projetos de design gráfico.



## REFERÊNCIAS

- ARRIBAS, Francisco Javier Rubio. **?El tercer género?: La transexualidad**. 2008. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/NOMA0808120047A/26409>>. Acesso em: 18 junho, 2019.
- ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEJAMENTO DA FAMÍLIA. **Sexualidade**. 12 julho 2014. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade>>. Acesso em: 29 agosto 2018.
- BAR, François; BAUMANN, Karl; CALDWELL, Ben; STOKES, Benjamin. **Designing in “Constellations”: Sustaining Participator Design for Neighborhoods**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdcproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.
- BARROS, Leonardo de Oliveira; LEMOS, Carolina Rodrigues Bueno; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. **Qualidade de vida e satisfação com a imagem corporal de transexuais**. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000100014&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 agosto, 2019.
- BHAT, Karthik; CANNANURE, Vikram Kamath; GOLDKIND, Lauri; THINYANE, Mamello. **Critical Participatory Design: Reflections on Engagement and Empowerment in a case of a Community Based Organization**. Hasselt & Genk, Bélgica, Agosto, 2018. Disponível em: <<http://pdcproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.
- BINDER, Thomas; MICHELIS, Giorgio de; EHN, Pelle; JACUCCI, Giulio; LINDE, Per; WAGNER, Ina. *Designing things / A.telier*. Londres, MIT press. 2011.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Transexualidade e Travestilidade na saúde**. 2015, Brasília. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf) . Acesso em: 05 de Novembro de 2020.
- BRATTETEIG, Tone; VERNE, Guri. **Does AI make PD obsolete? Exploring challenges from Artificial Intelligence to Participatory Design**. In Proceedings of PDC, Agosto, Bélgica, 2018. Disponível em: <<http://pdcproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.
- BOER, Laurens; DONOVAN, Jared. **Prototypes for participatory innovation**. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/254462007>>. Acesso em: 02 de novembro, 2019
- BOON, Boudewijn; STAM, Donna. **What You Gain and What It Takes: A Student’s Reflection on a Participatory Design Project**. In Proceedings of the 15th Participatory Design Conference, Hasselt & Genk, Belgica, Agosto. 2018.
- BONSIEPE, Gui. *Design como prática de projeto*. São Paulo, Blucher. 2012.
- BOTERO, Andrea. **Expanding Design Space(s) – Design in communal endeavours**. Aalto Art books. Helsinki: 2013.

BOSSSEN, Claus; DINDLER, Christian; IVERSEN, Ole Sejer. **Evaluation in Participatory Design: A Literature Survey**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

BRERETON, Margot; MCNANEY, Roisin; ROPER, Abi; STURDEE, Miriam; WALLACE, Jayne; WILSON, Cara; WILSON, Stephanie. **Giving A Voice Through Design: Adapting Design Methods to Enhance the Participation of People with Communication Difficulties**. In PDC '18: Proceedings of the 15<sup>th</sup> Participatory Design Conference - Volume 1, Hasselt & Genk, Bélgica, Agosto, 2018. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

BRANCO, Rita Maldonado; BRANDT, Eva; DIJK, Jelle van; FRAUENBERGER, Christopher; HENDRIKS, Niels; SLEGGERS, Karin; VERHOEVEN, Fenne. **Empowering people with impairments: How participatory methods can inform the design of empowering artifacts**. Aarhus, Dinamarca, Agosto, 2016. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

CAIN, John. **Experience-Based Design: Toward a Science of Artful Business Innovation**. 1998. Design Management Journal. Disponível em: <<https://www.dmi.org/store/ViewProduct.aspx?id=2585823>>. Acesso em: 27 de dezembro, 2019.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução a história do design**. São Paulo, 3<sup>a</sup> ed. Editora Blucher, 2008.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo. Ubu Editora, 2016

CHISIK, Yoram; MANCINI, Clara. **Of Kittens and Kiddies: reflections on participatory design with small animals and small humans**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

CROMPTON, Emily. **The Library of Engagements**. In PDC'18: Proceedings of the 15th Participatory Design Conference, Hasselt & Genk, Bélgica, Agosto, 2018. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

DESMET, P. **A multilayered model of product emotions**. The design journal, v. 6, n. 2, p. 4-13, 2003.

DREESSEN, Katrien; HENDRIKS, Niels; SCHOFFELEN, Jessica. **Anchoring and transcendence: PD as an 'enabler' in quality of life**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

DREESSEN, Katrien; HUYBRECHTS, Liesbeth; SALAZAR, Pablo Calderón. De Andere Markt. **Transferring imaginations of work**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdccproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

DREESSEN, Katrien; SCHEPERS, Selina; ZAMAN, Bieke. **Exploring user gains in Participatory Design Processes with vulnerable children**. In PDC '18: Proceedings of the

15<sup>th</sup> Participatory Design Conference - Volume 1, Hasselt & Genk, Bélgica, Agosto, 2018. Disponível em: <<http://pdcproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

EHN, Pelle. **Learning in participatory design as I found it (1970-2015)**. In: Participatory Design For Learning: Perspectives from practice and research. Taylor & Francis, 2015.

EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. **Ambulatório de sexualidade atende pessoas em transição de gênero**. Disponível em: <[http://www.ebserh.gov.br/web/hu-ufma/noticia-destaque/-/asset\\_publisher/mUhpqXBVQ6gZ/content/id/2815177/2018-02-ambulatorio-de-sexualidade-atende-pessoas-em-transicao-de-genero](http://www.ebserh.gov.br/web/hu-ufma/noticia-destaque/-/asset_publisher/mUhpqXBVQ6gZ/content/id/2815177/2018-02-ambulatorio-de-sexualidade-atende-pessoas-em-transicao-de-genero)>. Acesso em: 29 Agosto 2018.

FIGUEIREDO, Adrianna. **Você Já Ouviu Falar na Dor da Beleza? Experiências, Corpo e Afetividades na Identidade de Gênero**. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adrianna\\_Figueiredo\\_16.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adrianna_Figueiredo_16.pdf)>. Acesso em: 27 de maio 2018.

FORMIGA, Eliana. **Símbolos Gráficos: Métodos de Avaliação de Compreensão**. São Paulo: Blucher, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo, atlas. 2019.

HALSE, Joachin. et al. **Rehearsing the future**. The Danish Design School Press. Copenhagen, 2010.

HEIDINGSFELDER, Marie Lena; KAISER, Simone; SCHUTZ, Florian. **Expandign participation: Participatory design in technology agenda-setting**. Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdcproceedings.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

JORDAN, P. W. **Pleasure with products: human factors for body, mind and soul**. In: GREEN, W. S.; JORDAN, P. W. (Ed.). Human factors in product design: current practice and future trends. London: Taylor & Francis, 1999. p. 206-21.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos 6**. 4<sup>a</sup> reimpressão. Editora Vozes. Petrópolis, Junho 2016.

KRIPPENDORF, Klaus. **The semantic turn: a new foundation for design**. Taylor & Francis, 2006.

LEANDRO, José Ferreira; SILVA, Livia de Oliveira; SANTOS, Alana Carla Berto; BRITO, Rebecca de Oliveira; ABREU, Swan Rocha Siqueira Tavares; ROCHA, João Vitor Calixto. **Direitos humanos e sexualidade: transgêneros no município de Arapiraca – Alagoas**. Disponível em: <[https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas\\_journal/article/view/357](https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/357)>. Acesso em: 25 outubro 2019.

LEE JGL, Blanchflower TM, O'Brien KF, Cofie LE, Gregory KR, Averett PE. **Assessing the Potential Impact of Cigarette Packs Designed for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adults: A Randomized Experiment to Inform U.S. Regulation, 2018**. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31908205/>>. Acesso em: 20 fevereiro, 2020.

LEONG, Tuck Wah; ROBERTSON, Toni. **Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design.** Aarhus, Dinamarca, 2016. Disponível em: <<http://pdconferences.org>>. Acesso em: 10 julho, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 8. ed. São Paulo, Atlas. 2018.

MARTIN, Bella; HANINGTON, Bruce. **Univesal Methods of design. 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas, and design effective solutions.** 2012, Beverly. Ed. Rockport Publishers.

MATURANA, Humberto. **Metadesign: human beings versus machines, or machines as instruments of human designs?** Disponível em: <[https://www.pangaro.com/hciiseminar2019/Maturana\\_Metadesign.pdf](https://www.pangaro.com/hciiseminar2019/Maturana_Metadesign.pdf)>. Acesso em: 28 de dezembro, 2019.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design. Uma introdução ao design para a inovação social.** São Leopoldo, Brasil. Editora Unisinos, 2017.

MOURA, Mônica. Design brasileiro contemporâneo: reflexões. São Paulo, Estação das letras e cores. 2014.

MORAES, Ana Maria; SANTA ROSA, José Maria. Design participativo, técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro, Rio Books. 2012.

NORMAN, D. A. Design Emocional: **Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

NORONHA, Raquel. **O designer orgânico. Reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatuiua - MA.** In: Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. 2017, Blucher. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580392661-351/list#undefined>>. Acesso em: 03 Março, 2020.

OBREGON, Rosane de Fatima Antunes. **Perspectivas de pesquisa em design: estudos com base na Revisão Sistemática de Literatura.** Erechim. Editora Deviant. 2017.

PAPANEEK, Victor. Design for the real world. 3. Ed. Londres, Thames & Hudson, 2019.

PATROCÍNIO, Gabriel. Design e os países em desenvolvimento: a dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento. In: Design e desenvolvimento: 40 anos depois. São Paulo, Blucher. 2015.

PORTELA, Raiama L.; NORONHA, Raquel G. **Olhar, tocar e trocar: uma ferramenta em correspondência.** Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 10 Número 2 dezembro 2017. pp. x-xx. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>>. Acesso em: 03 março, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo, Feevale. 2013.

RAICH, Rosa María. **Una perspectiva desde la psicología de la salud de la imagen corporal**. 2004. Disponível em: < <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/1261>>. Acesso em: 15 Jun. 2019.

SANDERS, Elizabeth B.-N. **From User – Centered to Participatory Design Approaches**. Disponível em: <[http://maketools.com/articlespapers/FromUsercenteredtoParticipatory\\_Sanders\\_%2002.pdf](http://maketools.com/articlespapers/FromUsercenteredtoParticipatory_Sanders_%2002.pdf)>. Acesso em: 30 de dezembro, 2019.

SANDERS, Elizabeth B. -N; STAPPERS, Pieter Jan. **Convivial Toolbox**. 4. Ed. Amsterdam, Bis. 2018.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. **Cartilha equidade**. 01 Dezembro 2011. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>>. Acesso em: 29 Agosto 2018.

SPINUZZI, Clay. **The methodology of participatory design**. Society for technical communication. v. 52, n. 08, maio 2005.

STEEN, Marc. **Tensions in human-centred design**. 2011. *CoDesign: internacional journal of CoCreation in Design and the Arts*. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15710882.2011.563314>>. Acesso em: 06 março, 2020.

TIGER, Lionel. **The pursuit of pleasure**. Nova Iorque, Routledge, 2017.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign: Ferramentas, estratégias e ética para a complexidade**. São Paulo, Editora Blucher. 2010.

VARELLA, Drauzio. **Como funciona o SUS para pessoas transexuais?** Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/como-funciona-o-sus-para-pessoas-transexuais/>. Acesso em: 27 de maio 2018.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo, Edição original francesa de 1993. Editora: Liberdade, 1996.

ULBRICHT, Vania Ribas. "**Design da informacao e acessibilidade**." *Brazilian Journal of Information Design*, vol. 10, no. 2, 2013. Academic OneFile, <http://link.galegroup.com/apps/doc/A465696118/AONE?u=capex&sid=AONE&xid=f992931d>. Accessed 25 Mar. 2019.

MÉDICA. Entrevista I. (Out. 2020). Entrevistador: Rafael Ricarte de Souza. São Luís, MA, 2020. 01 arquivo m4a (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA  
CURSO DE DESIGN

### **Roteiro para entrevista aberta com médica integrante do grupo terapêutico.**

#### **Título da Pesquisa:**

“Design participativo com usuários transgêneros”.

Esta entrevista tem por objetivo, entender a demanda por projeto de design gráfico identificado a partir da inadequação do álbum seriado utilizado durante as reuniões com o grupo de apoio (grupo terapêutico) para pessoas transgêneras que se reúnem no Hospital Universitário Materno Infantil.

A sua contribuição, participando nesta entrevista, consistirá em responder algumas perguntas relacionadas às temáticas anteriormente citadas, logo, irá colaborar para o desenvolvimento do conhecimento na sociedade.

Você receberá cópias; desta entrevista bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com mais informações onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa.

Pesquisadores responsáveis: Mestrando Rafael Ricarte de Souza e Profa. Dra. Ana Lúcia Zandomeneghi.

#### **Entendendo sobre o grupo a partir do ponto de vista da médica:**

*1) O grupo tem se reunido durante a pandemia? Como?*

*2) Quantos integrantes fazem parte do grupo terapêutico?*

*R.: 03 grupos de 20 pessoas. Total de 60 pessoas.*

*3) Como funcionam os encontros (duração, momentos, interação)?*

*R.: Os encontros acontecem uma vez por mês, com duração de aproximadamente 01 hora e meia a duas horas. Com dinâmicas ou temas para reflexão. Muitas vezes os integrantes levam um assunto que não tem relação com o que fora programado por nós (profissionais de saúde). Muitas vezes alguém acaba comentando que sofreu assédio moral em um ônibus a caminho para o encontro:*

*- Médica: “Oi ‘fulano’ está tudo bem? Tu estás distante!”*

- Médica parafraseando uma pessoa trans: “Ai gente, passei uma coisa horrível. Vinha no ônibus e tive que descer porque quase apanhei. Um cara ficou me encarando, começou a falar um monte de grosserias pra mim. Estou me tremendo até agora.”

- Médica parafraseando uma outra pessoa trans: “eu teria brigado! É por isso que eu nem gosto de sair de casa.”

Médica: “Quando encontramos situações como essa, esquecemos o papel” (em alusão as atividades, dinâmicas ou leituras programadas para o encontro). “Abrimos a discussão para o grupo. Perguntamos a reação deles em relação a isso. Começamos uma conversa em grupo.”

Médica: “O importante para a gente é sempre aquilo que eles sinalizam. Todas as vezes a gente vai com algo para eles, mas nem sempre usamos um script nos encontros.”

Exemplo de temas, leituras trabalhadas: Estereótipos de gênero.

Exemplo de dinâmica: É proposto para eles (os transgêneros, integrantes do grupo terapêutico) imaginarem como eles estariam daqui há 10 anos. Para representar, pode ser feito em desenho ou em texto, como eles se imaginam fisicamente, como está no dia-a-dia, como está a vida amorosa. Cada um fez e cada um se colocava. (Material confidencial, não fora possível acessá-lo).

Médica: “Houve uma outra dinâmica em que fora perguntado para eles: como você entende a sua sexualidade? Como você entende a sexualidade do mundo? Pedimos para eles que representassem visualmente através de desenho ou em texto (para aqueles que não sabem ou conseguem desenhar):

Médica: “Um caso em especial, homem trans, pediu para mostrar o seu desenho. Com traços machistas, ele é machista assumido, traços bem marcantes, representou uma mulher em posição de quatro e um homem por trás dela. Na hora de explicar, perguntei para ele:

- Médica: Essa mulher está sentindo prazer?

- Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que tá!

- Médica: Daria para ser de outra forma? Fiquei instigando, não sendo contra, nem a favor, mas fazendo perguntas.

- Médica parafraseando um homem trans: Doutora, tem mulher que gosta mesmo é de apanhar. Vou falar de forma clara, em português claro; é de socar mesmo, bagunçar mesmo.”

Médica: “Em uma outra parte do desenho, ele representa uma mulher poderosa, sentada a mesa e um homem sendo empregado dessa mulher, servindo-a.”

- Médica: E esse desenho aí?

- Médica parafraseando um homem trans: Essa é uma mulher que é dona da empresa e esse aqui é empregado dela. Essa mulher é poderosa! É doutora, porque mulher pode mandar!

Médica: “Um outro exemplo foi um garoto tinha feito uma declaração de amor para a namorada. Um menino trans fez para a namorada, filmou e mandou para o grupo, para a gente



*ver. Ele, ajoelhado, com flores, pedindo a menina em namoro. Nesse dia, eram 04 homens trans, que começaram a comentar sobre o vídeo em si. E aí, nós deixamos a discussão aberta:*

*- Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que ele tá se expondo demais. A gente não pode ficar fazendo isso porque as pessoas humilham a gente.*

*- Médica parafraseando um segundo homem trans: Ah, eu achei lindinho, gente.*

*- Médica parafraseando um terceiro homem trans: Sinto muito. Por que ele fez isso? Agora quando ele quiser surpreender ele vai ter que fazer mais que isso.*

*Médica: “No final da discussão nós fomos falar sobre o amor. Sobre traição, confiança, sobre dor que o amor trás. É muito livre e a gente sempre tenta não recriminar aquilo que tá sendo dito. Não estamos aqui para chamar a atenção de ninguém, aqui é um local de escuta. Precisamos falar, escutar, dar um retorno para saber se aquilo se sustenta, e etc. Não é local para problematizar.”*

*3.1) Quem cria as dinâmicas?*

*As vezes a assistente social com a psicóloga, as vezes a médica.*

*4) Como você caracteriza o grupo em relação á participação das pessoas transgêneras?*

*R.: Eles interagem bastante e são muito participativos.*

*Médica: “a gente faz de uma forma que todo mundo é convidado a se colocar. Então por exemplo, quando a gente fala do desenho, todo mundo tem que desenhar, e as vezes a gente faz em dupla. Eles conversam entre si, um desenha ou escreve. Todas as nossas dinâmicas são muito provocativas no sentido de cada um precisar se colocar. Eventualmente já aconteceu de um não querer falar. A gente respeita, a gente não força e em seguida a gente chama a pessoa, ou geralmente ela sinaliza com quem ela gostaria de falar, algum profissional do grupo.”*

*4.1) Sobre as dinâmicas, como vocês as constroem? Elas são escolhidas prontas, ou é discutido com o grupo de profissionais?*

*Médica: “Geralmente são modelos prontos. Retirados de algum livro. As minhas, gosto de trazer algo mais livre. Tem um que associei dança, buscando inspiração na biodança, algo olho no olho. Nesse dia teve a participação de uma psicanalista carioca e ela ficou surpresa de uma forma bem positiva com o que viu e nos encontrou fazendo atividades com pessoas trans. Quando ela chegou, a gente já estava fazendo o atendimento, uma vivência, em formato de círculo, um por fora e o outro por dentro, cada pessoa com um par. Coloquei duas músicas que tocam bastante e pedi para olhar no olho, sente a chegada da presença e a dor da partida se é que ela existe. E vai fazendo esse movimento de olhar no olho, até que todo mundo reencontre o primeiro parceiro. Dançando. E foi uma coisa de louco para todo mundo que participou:*

*Médica parafraseando uma pessoa trans: Ah doutora eu não gostei. Porque olhar no olho, parecia que a pessoa tava me vendo todinha.*

*- Médica parafraseando uma pessoa trans: Me deu vontade de chorar.*

*- Médica parafraseando uma segunda pessoa trans: Me deu vontade de rir. Eu gostei de encontrar outras pessoas, foi bom.*

*Médica: É difícil olhar no olho, gente?*

*- Médica parafraseando uma pessoa trans: É difícil! Porque parece que o outro tá vendo a gente, que a gente não quer mostrar.”*

### **Entendendo sobre o álbum seriado a partir do ponto de vista da médica:**

*1) Existe algum problema identificado no uso do álbum seriado?*

*R.: Sim, ele é um formato único, muito limitado, pobre. É um álbum cis-heteronormativo.*

*Médica: “O álbum seriado é muito heteronormativo. Ele só dá uma possibilidade de sexo, o sexo pênis/vagina. Como se essas pessoas não praticassem outros tipos de sexo.”*

*2) Como você identificou essa demanda?*

*R.: No uso dele com os trans.*

*Médica: “O corpo da mulher no álbum seriado, é um corpo com seios e vagina. E aí, eu olhava para os trans e eles estavam assim: (fazendo expressão de careta). Eu não consegui usá-lo três vezes, porque ficava entediante. Não tem como falar de sexualidade mostrando algo que não são eles. E se uma pessoa tem disforia de gênero, como vou mostrar um corpo de mulher para uma mulher trans que tem um pênis. Eles não ficam calados, eles argumentam.”*

*3) Em relação aos transgêneros, como você percebe a aceitação desse material?*

*R.: “Eles argumentam. Não tem aceitação:*

*- Médica parafraseando uma pessoa trans: “Doutora que corpo de mulher é esse? Isso é uma afronta a minha pessoa!”*

*Médica: “Me chamou a atenção desde a nomenclatura: corpo feminino! Isso não é um corpo feminino. E só me dei conta disso depois que comecei a lidar com pessoas trans. Um corpo de homem pode ser de várias formas, pode ter pênis, pode não ter pênis, pode ter vagina.”*

*4) Quais pontos negativos das ilustrações? E positivos?*

*R.: Pontos negativos:*

*É muito engessado. Um padrão único.*

*Pontos Positivos:*

*As ilustrações são bem elaboradas.*

*Médica: “No álbum seriado o pênis está preso a um corpo heteronormativo. Eu preferiria que esses órgãos não estivessem fixos em um corpo. Você teria um corpo, que serviria para homem e mulher (assexuado) sem os órgãos e aí você montaria o corpo de uma mulher ou homem de acordo com a realidade que está a minha frente.”*

*5) Quais melhorias você sugere para o álbum seriado?*

*R.: Um corpo assexuado e que seja livre para montar de acordo com as necessidades.*

*Médica: “O grande diferencial seria essa liberdade. Quando vamos falar de sexualidade a gente precisa falar desses órgãos. Se eu iniciar um encontro e colocar imagens de genitais femininos para pessoas trans as pessoas vão sair correndo. Você (ao fazer isso) estaria tocando na ferida da pessoa. Porque aqui é o corpo de mulher (médica demonstrando uma imagem do corpo cis feminino com seios e útero, em seu acervo pessoal) só que para a mulher trans que está ali na minha frente, ela não tem útero. O que ela quer é uma vagina e ela quer ter seios. E se eu mostrar o útero, vai tocar na ferida dela. Ao mesmo tempo se eu mostrar para o homem trans que tá ali, ele vai sair correndo. Se ele pudesse ele arrancaria do corpo dele (em relação ao útero), escutei isso nos encontros:*

*- Médica parafraseando uma pessoa trans: Eu se pudesse, arrancaria esse útero de mim.*

*Médica: “É muito feminino menstruar, é muito feminino ter mamas. Então, quando eu coloco isso (imagem heteronormativa) eu atinjo em cheio os dois. (...) Ficou inviável dar esse conteúdo para eles. (...) Se eu utilizo a figura de um pênis para um menino trans, tudo o que ele queria no fundo era ter um pênis e aqui no Brasil essa cirurgia é experimental (faloplastia para pessoas trans), eu estaria falando de uma coisa que ele não vai ter. Se uma mulher trans olhar essa imagem, ela vai odiar. Porque ao ter relação sexual ela se exita e esse pênis vai ficar ereto. E tudo o que ela não quer, é que esse ‘homem’ apareça’, porque ela não é homem. (...) Dessa forma eu não tenho trabalhado imagem”*

São Luís, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Entrevistada

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

## APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA  
CURSO DE DESIGN

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título da Pesquisa:**

“Design participativo com usuários transgêneros”.

**Responsáveis pela Pesquisa:**

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Lucia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi.  
Mestrando, Rafael Ricarte de Souza.

**Justificativa:**

Neste estudo será avaliada a participação de usuários transgêneros em práticas projetuais de design gráfico. O estudo incide sobre o grupo terapêutico do Hospital Universitário Materno Infantil, que durante os encontros com usuários transgêneros utilizam material gráfico que não corresponde as estruturas corpóreas dos transgêneros.

**Procedimento:**

A participação de pessoas transgêneras consiste na realização do método de reidentificação, que consiste na colagem de adesivos em papel para expressar a reidentificação do trans com relação aos desenhos produzidos no método de produção. Todo o material produzido será disponibilizado apenas na pesquisa de dissertação.

**Riscos:**

Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao preenchimento dos questionários e a interação com o pesquisador. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, pelo acompanhamento do grupo terapêutico, onde esses usuários estão inseridos. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada. O registro do método de reidentificação será realizado somente mediante consentimento dos participantes durante o método de reidentificação.

**Benefícios:**

Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o projeto gráfico a partir do reconhecimento dos usuários transgêneros e da percepção do corpo.

**Confidencialidade do Estudo:**

Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes não será revelada.

**Participação Voluntária:**

A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

**Esclarecimentos:**

Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi, (BiCT-UFMA), na Av. dos Portugueses, S/N, Asa sul, prédio Paulo Freire. – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Ou se houver questões éticas poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa, na Avenida dos Portugueses S/N, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, Bloco C Sala 07. E-mail: cepufma@ufma.br. Tel: 3272-8708.

Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) voluntária(o)

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável